

REVUE SPIRITE |

Journal d'Études Psychologiques
Fondée par ALLAN KARDEC



CEI
CONSELHO
ESPÍRITA
INTERNACIONAL

Deus

Providência
Sabedoria
Harmonia

1. KARDEC, Allan, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 6, item 5.

2. KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, Livro Quarto, capítulo 1, item 922.

3. *Congresso Espírita Internacional de Liège, Bélgica em 1905*. [Tradução de Fabiana Rangell]. 2018. São Paulo: AEC. (p. 22)

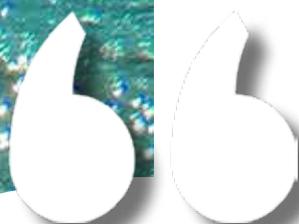
Photo by Mostafa Sshraf Unsplash



JUSSARA KORNGOLD
SECRETÁRIA - GERAL DO CEI
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Editorial

Novos TEMPOS



Venho, como outrora, aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como antigamente o fez a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas."¹

Creemos que, nunca, como hoje, a Humanidade necessitou tanto de relembrar as palavras que o Espírito de Verdade nos trouxe há 160 anos. As difíceis provocações coletivas dos tempos atuais nos convidam à reflexão, à renovação tão adiada, mas que agora se faz urgente. O sofrimento não é um fim, mas apenas um meio para despertar as almas que ainda se comprazem em permanecer apenas no mundo das ilusões, desprezando as oportunidades, para trazerem à luz o divino que em todos nós existe.

É por isso que a verdade que dissipa as trevas vem remover o véu que nos mantém na obscuridade e nos impede de ver a realidade que está diante de nós. Vem retirar a dúvida que paira sobre a certeza da imortalidade da alma. Compreendendo o anseio de nossas almas em busca da felicidade, Kardec pergunta aos Espíritos o que necessitamos para sermos felizes, e eles responderam que, "para a vida material, é a posse do necessário; para a vida moral, a consciência tranquila e a fé no futuro."²

Léon Denis, o grande apóstolo do Espiritismo, assim se expressou durante o Congresso Espírita de Liège - Bélgica (1905): "O Espiritismo é o raio de esperança que vem aclarar nosso universo sombrio, nossa terra encharcada de sangue e lágrimas; é o raio alegre que vem visitar os quartos de miséria, que penetra os lares tristes onde habita a infelicidade, onde geme o sofrimento."³

Possamos nós, os naufragos de várias existências, fortalecer a fé e focar naquilo que é realmente importante, cobrindo-nos de coragem, a fim de que possamos visualizar, mesmo perante o céu nebuloso de nossos pensamentos, o brilho do amanhecer que anuncia novos tempos, tempos melhores para a Humanidade.

Revue Spirite**Journal d'Études Psychologiques Fondée par
ALLAN KARDEC le 1er janvier 1858****Propriedade do Conselho Espírita Internacional
(CEI)**Logo et Marque Européenne enregistrée à
L'EUIPO (Office de l'Union Européenne pour la
propriété intellectuelle)**® Trade mark** 018291313Marque française déposée à **L'INPI** (Institut Natio-
nal de la Propriété Intellectuelle) sur le numéro **®**
093686835.**Editado por**

Federação Espírita Portuguesa

Praceta do Casal Cascais 4, r/c, Alto da Damaia, Lisboa

ISSN 2184-8068**Depósito Legal** 403263/15**© copyright 2021****Ano 164****Nº4****CEI | Trimestral | julho 2021****Distribuição gratuita****Direção (CEI)**

Jussara Korngold

Coordenação (FEP)

Vitor Mora Féria

Coordenação Editorial

Sílvia Almeida

Edição e revisão de texto

Cláudia Lucas

José Carlos Almeida

Web

Marcial Barros

Nuno Sequeira

Sandra Sequeira

Arte e design

Sara Barros

revuespirite@cei-spiritistcouncil.comwww.cei-spiritistcouncil.com

Conteúdos

2	Editorial	Jussara Korngold
8	Espiritismo e Ciência	Sílvia Almeida
30	Espiritismo e Filosofia	Simão Pedro Lima
52	Espiritismo e Religião	Raul Teixeira e Alessandro de Paula
62	Revisitando a Revista	Samuel Nunes
84	Plano Histórico	Thiago Barbosa da Silva
94	A Geração Nova	Daniel Assisi
108	Palestras Familiares de Além-túmulo Hoje	Espírito Natanael
116	Espiritismo e Sociedade	Jorge Camargo
124	Entrevista	Jorge Godinho
134	Comunicação Social Espírita	Ismael Moura Costa e André Siqueira



Pois bem! Lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da natureza, notando a **providência**, a **sabedoria**, a **harmonia** que presidem a essas obras, reconhece o observador não haver nenhuma que não ultrapasse os limites da mais portentosa inteligência humana (...)

KARDEC, Allan. 2013. *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB. (p.50)

Equipa

Revue Spirite

HISTÓRIA DA CAPA

No quadro da natureza material onde nos encontramos, somos surpreendidos pelas expressões de Deus, das maiores às mais ínfimas.

A nossa escolha de capa para o tema *Deus: Providência, Sabedoria, Harmonia* foi o Mar, uma das grandes forças vitais da Terra, que envolve três quartos da sua superfície, fornecendo ao planeta metade do oxigénio e equilibrando a sua temperatura.

Da profundidade dos oceanos à sua superfície, um outro mundo existe, onde são acolhidas aproximadamente oitenta por cento das espécies do nosso planeta, com a mesma sabedoria inexplicável que impera noutros ambientes. A mesma harmonia regula a evolução desses seres.

A Providência de Deus é infinita, tal como a diversidade na qual se revela...

Fechamos, com este Número, o primeiro ano desta nova série da *Revue Spirite*.

Ao longo deste ano, os nossos autores partilharam as suas experiências, conhecimentos, investigações e reflexões. Alguns ofereceram-nos o seu olhar sobre Deus, nas vertentes científica, filosófica e religiosa. Ao todo, doze olhares diferentes sobre a divindade, a Inteligência Suprema, a Causa Primária. Outros apresentaram-nos abordagens da história do cristianismo e do Espiritismo, de artigos da *Revue*, do tempo de Allan Kardec, da educação e da prática espírita entre crianças e jovens, da Comunicação Social Espírita. De autores espirituais foram, também, deixadas, nas páginas desta publicação, quatro mensagens, escolhidas cuidadosamente por colaboradores dedicados. Por fim, houve ainda quatro personalidades que nos cederam o seu tempo para partilharem, em entrevista, as suas aprendizagens e experiências.

Ao fim destes primeiros quatro Números, resta à equipa responsável atualmente por esta edição, o agradecimento pela oportunidade que nos foi concedida e a todos os que direta e indiretamente colaboraram connosco, tornando possível a sua concretização. Muito obrigado!

NOTA: Relembramos que optámos por manter a grafia e a construção sintáctica do país de origem dos autores. Assim, o leitor encontrará, nas páginas desta nova edição da *Revue*, artigos cuja redação obedece às normas do Português do Brasil e outros redigidos segundo as regras do Português de Portugal.



1.



2.



3.

1. **Silas Baisch** "Water Drops", (2020). A nossa escolha de capa para o número 4 de *Revue Spirite*

2. **Noaa**, "Florescence of corallimorphs", Amostra de corallimorfos (2019) - estudo de capa.

3. **Ashley Byrd**, "Blue", (2021) - estudo de capa.

Espiritismo e Ciência face a face



* **SÍLVIA ALMEIDA** Membro do Conselho Diretor da Fraternidade Espírita Cristã, Lisboa - Portugal. Colaboradora da Federação Espírita Portuguesa.

SÍLVIA ALMEIDA*

A Solidariedade Universal e o Eterno Esplendor da Criação

ou **Humboldt** e a
vertigem do pesquisador



Resumo

A partir da figura de Alexander von Humboldt (1769-1859), que galvanizou o mundo com o seu pensamento, influenciando gerações, de Charles Darwin até à atualidade, e com base nas informações fornecidas pelo seu Espírito a Allan Kardec, uns dias depois da sua desencarnação, pretendemos com este artigo oferecer a perspectiva de que todos os mundos são solidários entre si, na Criação. As almas mais purificadas viajam entre eles, socorrendo com os valores adquiridos os seus irmãos, contribuindo para lhes acelerar o progresso. Elas desvendam mais facilmente os mistérios da Natureza, mas nem por isso deixam de sentir a vertigem do pesquisador perante o abismo. Encantadas e surpreendidas continuamente pela avassaladora majestade do infinito, falam de Deus em diferentes linguagens, da ciência à arte. Nem sempre O nomeiam de modo convencional, mas é a sua assinatura que sempre acaba por resultar das suas pesquisas: Providência, Sabedoria, Harmonia.

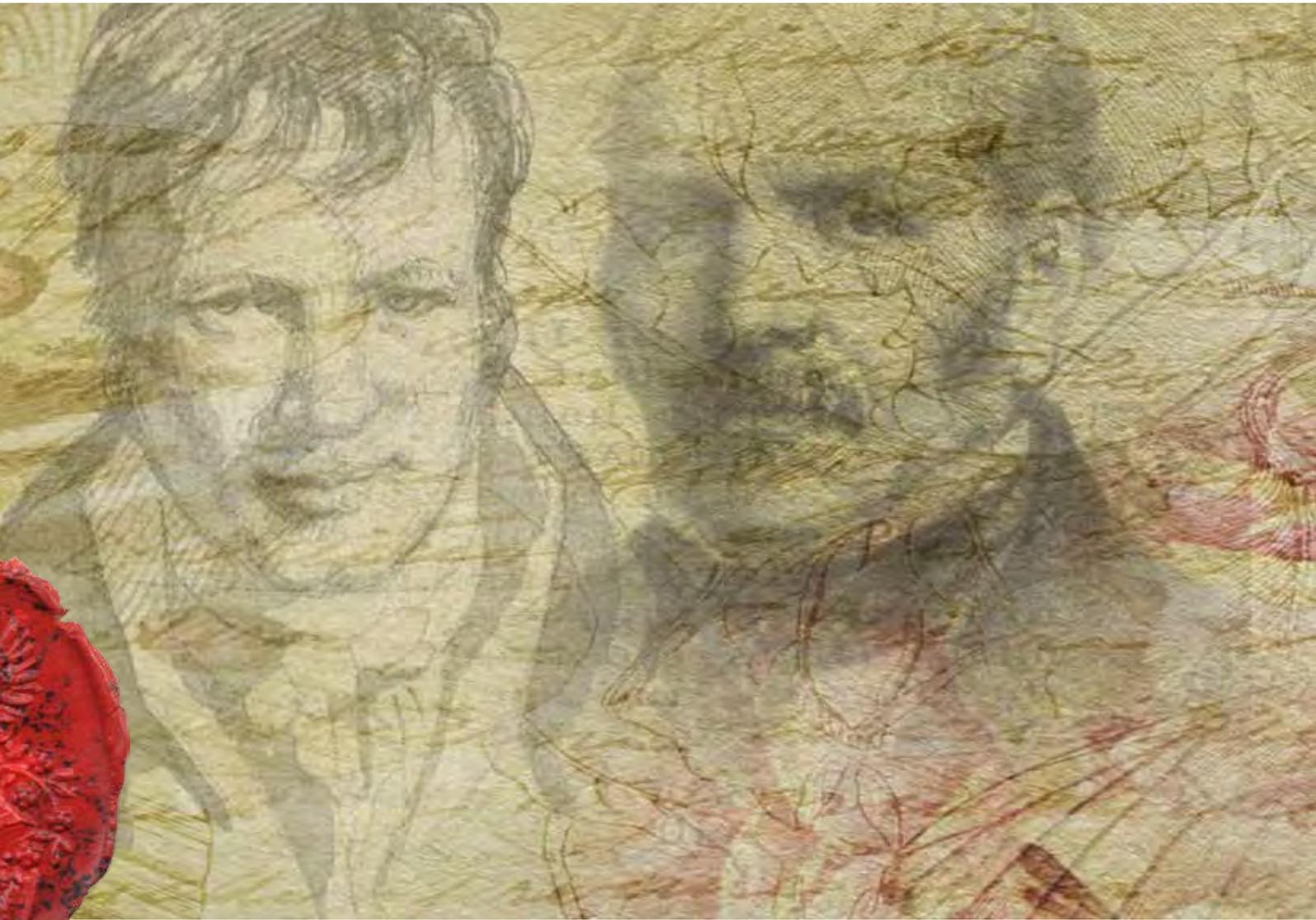


Image by S.Barros, 'Humboldt e a vertigem do pesquisador', (2021)

Palavras-chave Solidariedade Universal, Natureza, Humboldt, Deus.

“As forças grandiosas que animam o Universo proclamam a realidade da Inteligência divina; ao lado delas, a majestade de Deus se manifesta na História, pela ação das grandes Almas que, semelhantes a vagas imensas, trazem às plagas terrestres todas as potências da obra de sabedoria e de amor.” (Denis 1980, 29)

Passados seis anos sobre o instante em que declarou pela primeira vez a intenção de publicar a obra da sua vida, Alexander von Humboldt (1769-1859) não tinha ainda enviado ao seu editor o manuscrito para o primeiro volume. Quando ficava demasiado frustrado, deixava livros e documentos abertos sobre a secretária e dirigia-se ao observatório, a cerca de três quilómetros da sua casa, em Berlim, espreitava pelo grande telescópio e o Universo revelava-se em toda a sua glória. Era ali, perante aquela efusão de estrelas a piscar, nebulosas distantes e planetas artisticamente pintados – momentos de intensa beleza – que obtinha a necessária inspiração para continuar¹.

Cerca de quatro décadas antes, em 1804, ano em que nascia Hippolyte Léon Denizard Rivail e Napoleão Bonaparte se fazia coroar na catedral da Notre Dame de Paris, Alexander von Humboldt regressava de uma das mais notáveis expedições científicas de todos os tempos: uma viagem de cinco anos ao continente americano². Voltava à Europa com dezenas de cadernos de apontamentos, centenas de desenhos, milhares de observações astronómicas, geológicas e meteorológicas, e milhares de espécimes vegetais, parte deles desconhecidos dos botânicos europeus.³ Esse exuberante espólio ocuparia o investigador na redação de trinta volumes, durante as três décadas que se seguiram⁴.

Depois disso, foi “possuído pela louca ânsia de representar numa única obra todo o mundo material”. Iniciava então, aos sessenta e cinco anos, a redação daquela que considerava ser a obra da sua vida, *Cosmo – Um Esboço da Descrição Física do Universo*, que era como “uma espada no peito que tinha que ser agora arrancada”. (Wulf 2015, 313)





1. Ver Wulf, "A Invenção da Natureza", 321-2.

2. Entre 1799 e 1804, Humboldt atravessou a atual Venezuela, a Colômbia, o Equador, o Peru, Cuba e o México, mediante a autorização do rei Carlos IV de Espanha, tendo percorrido um total de 9650 km, tanto a pé, como a cavalo ou em canoas.

Durante a navegação, transatlântica efetuou medidas astronômicas, meteorológicas, de magnetismo, de temperatura e de composição química do mar. Durante a expedição, recolheu diversos espécimes de animais e plantas desconhecidos, melhorou mapas, anotou meticulosamente a temperatura dos rios, do solo e do ar, assim como a pressão atmosférica, a inclinação magnética, a longitude e a latitude. Pela primeira vez, a natureza foi demonstrada como uma força global, com as correspondentes zonas climáticas a atravessar continentes. Um mundo uno, onde tudo é interação.

3. Cf. Wulf, "A Invenção da Natureza", 147.

4. O seu livro *As perspectivas da Natureza*, uma das obras resultantes da expedição às Américas, haveria de inspirar várias gerações de cientistas e poetas. Charles Darwin leu-o e releu-o diversas vezes ao longo da vida, sublinhando e anotado cada um dos exemplares, a cada nova leitura, como se fosse a primeira vez. É a Humboldt que se deve a sua expedição, a bordo do *Beagle*. Júlio Verne, que tinha lido todos os seus livros, inspira-se nas suas aventuras e cita-o nas suas obras. O capitão Nemo, nas *Vinte Mil Léguas Submarinas* tinha a obra completa de Humboldt. Ver *Ibid.*, 178.

Para a sua realização, Humboldt recrutou um exército de ajudantes, todos especialistas nas suas áreas, o que fez com que ao longo de meses, ondas de conhecimento chegassem a Berlim, em fluxo crescente. Material que tinha que ser analisado, compreendido e integrado e que fazia com que a documentação crescesse e se desmultiplicasse incessantemente, dando-lhe a impressão de uma tarefa impossível.⁵ Além desses dados, Humboldt contava com as suas próprias observações e visão, que em parte resultava das inúmeras expedições realizadas, do Chimborazo (nos Andes equatoriais, na altura considerada a mais alta montanha do mundo, explorado na viagem às Américas), ao mar Cáspio (na Ásia, estudado durante a expedição à Ásia central).

A redação dos cinco volumes de *Cosmo* ocupou-lhe os últimos vinte cinco anos de vida e pretendia condensar tudo o que existia nos céus e na Terra, "indo das distantes nebulosas à geografia dos musgos e da pintura de paisagem à migração das raças humanas e à poesia" (Wulf 2015, 313). Tratava-se de uma obra sobre a Natureza que ele pretendia que causasse uma impressão tão poderosa como a própria Natureza⁶, avassaladora, da qual ele era amante incondicional.

No *Cosmo* era explorado "o vasto leque da criação", abordando-se uma coleção variadíssima de assuntos. Não era, porém, uma compilação enciclopédica, como fizera Diderot, porque a Humboldt o que sobretudo interessava eram as conexões existentes na "interminável atividade das forças animadas", ligadas "num tecido intrincado como uma rede", numa "maravilhosa teia de vida orgânica". (Wulf 2015, 328)

Num momento em que a ciência, penetrando lentamente os segredos naturais, desprovia a natureza da sua magia, Humboldt jamais transigiria de acreditar que o seu esplendor só traria incessantemente, por mais que ela fosse descrita ou explicada, "entusiasmo, espanto e estupefação." (Wulf 2015, 328)

Em 1911, Léon Denis escrevia sobre o Universo: "É o equilíbrio absoluto é a majestade de um poder misterioso, de uma Inteligência que não se impõe, que se esconde no seio das coisas, e cuja presença se revela ao pensamento e ao coração, e que atrai o pesquisador qual a vertigem do abismo." (Denis 1980, 26)

Ao pensarmos em Humboldt, esta descrição parece não poder ser mais adequada, porque o homem que agiu como um cientista profissional, ainda antes do termo ser utilizado pela primeira vez, parece encarnar com exatidão a **vertigem do pesquisador** perante a majestade de um poder e de uma inteligência que se dirige tanto ao pensamento como ao coração.

Em vez de "**pensamento**" e "**coração**", Humboldt usa as expressões "inteligência" e "imaginação", sendo que a imaginação surge aqui, em oposição ao pensamento racional, ligada

5. Ibid., 313

6. Ibidem.

7. Na esteira das teorias kantianas que lhe haviam chegado, em parte, via Goethe.

A ênfase na percepção individual e na subjetividade foi o que permitiu a Humboldt ligar a visão mecanicista da natureza, à poesia dos românticos, ficando equipado com novos órgãos para abordar o mundo natural. Ver Wulf, "A Invenção da Natureza", 48-9.

“o homem que agiu como um cientista profissional, ainda antes do termo ser utilizado pela primeira vez, parece encarnar com exatidão a vertigem do pesquisador perante a majestade de um poder e de uma inteligência que se dirige tanto ao pensamento como ao coração

Humboldt.

“Tão exuberante ímpeto é melhor compreendido e enquadrado quando conhecemos, através das pesquisas do próprio Allan Kardec, de onde vinha este Espírito, qual a missão que abraçara e qual a relação que tinha com a Terra



Sumboldt.

à experiência do sentimento⁷, o que acaba por aproximar a formulação da de Denis.

Quanto à atração pelas maravilhas do Universo, ela é inegável, tanto no que respeita ao macrocosmo, como no que se refere ao microcosmo. Desde muito cedo sentira uma espécie de inquietação febril, uma necessidade irreprimível de partir e explorar o mundo. Uma ânsia de conhecimento que o levou, mal se libertou do dever de obediência à vontade materna, a utilizar a boa parte da sua avultada herança na já referida expedição americana. Tão exuberante ímpeto é melhor compreendido e enquadrado quando conhecemos, através das pesquisas do próprio Allan Kardec, de onde vinha este Espírito, qual a missão que abraçara e qual a relação que tinha com a Terra.

Julgando útil evocá-lo, apenas alguns dias após a sua morte⁸, Kardec conversa com ele, nas sessões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas de 13 e de 20 de maio de 1859. O diálogo entre eles foi publicado na *Revista Espírita* de junho desse mesmo ano, na rubrica "Palestras Familiares de Além-Túmulo"⁹. Mostrando-se plenamente livre de qualquer impressão da matéria, Humboldt refere que a sua anterior reencarnação se dera num mundo muito distante, desconhecido dos astrónomos terrestres e superior à Terra: "longe de vós, se considerardes as vossas distâncias, as medidas terrenas. Entretanto estará próximo se tomardes o compasso de Deus e se, de um golpe de vista, tentardes abranger toda a Criação." Um mundo feliz, habitado por Espíritos bons: "Ali nada entrava o desenvolvimento dos bons pensamentos; nada relembra os pensamentos maus; tudo é felicidade, pois cada um está contente consigo mesmo e com todos os que o cercam. Com referência à matéria e aos sentidos, qualquer descrição seria inútil. Quanta simplificação nas engrenagens de uma sociedade! Hoje, que me acho em condições de comparar as duas, admiro-me da distância. Não penseis que vos digo isso para vos desencorajar. Não. Muito pelo contrário. É necessário que o vosso Espírito fique bem convencido da existência desses mundos. Então sentireis um desejo ardente de alcançá-los e vosso trabalho vos abrirá o caminho." (Kardec 2004 234-5) Humboldt manifesta-se feliz por ter cumprido sensivelmente a sua missão, que era de serviço à Humanidade: ter-se-iam apresentado vários candidatos a essa missão, voluntariando-se para oferecer àqueles que careciam a abundância de que dispunham: "Não damos aos ricos! Eu quis dar, por isso desci à cabana do pobre." (Kardec 2004, 234) E ele foi escolhido! Refere ainda o infinito prazer que experimenta na condição em que se encontra e a sua reverência a Deus. Pela forma como se expressa, reconhecemos um Espírito superior, rendido à magnificência do Criador e com uma visão abrangente

8. Falecera a 6 de maio de 1859. As cerimónias fúnebres, em Berlim, compreenderam uma procissão de enlutados que tinha cerca de um quilómetro e meio.

9. É interessante notar, apenas a título de nota à margem do assunto central deste artigo, que, na *Revista Espírita*, uma das rubricas que durante a maior parte dos anos de publicação esteve presente foi "Palestras Familiares de Além-túmulo", outras vezes chamada apenas de "Palestras de Além-túmulo". Sendo uma rubrica praticamente mensal nos primeiros anos, ela vai sendo menos regular ao longo da história da Revista e desaparece mesmo do índice a partir de 1867. É provável que, depois dos primeiros anos, Allan Kardec tenha considerado que o estudo do assunto estava completo, ou então que outras evocações entretanto feitas não acrescentavam maiores informações às já conseguidas anteriormente, não sendo de grande utilidade publicá-las.

te da própria Criação. Um tipo de conhecimento que transcende toda e qualquer referência humana, razão porque a sua forma de estar e de pensar o que o rodeava foi tão absolutamente singular.

Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) que, evocado por Allan Kardec, relataria que também viera à Terra em missão, proveniente de uma outra esfera¹⁰, surpreendia-se ainda assim com o virtuosismo intelectual de Humboldt, de quem era amigo muito próximo¹¹. Goethe ressurgia sempre revigorado depois de cada uma das visitas do amigo, de quem refere que o fazia sentir tonto com tantas ideias; que nunca conhecera ninguém tão versátil; que "chicoteava as coisas científicas" com tanta velocidade, que se tornava difícil de seguir¹².

Albert Gallatin (1761-1849), Secretário do Tesouro de Thomas Jefferson¹³, descreve que Humboldt falava sem parar com o dobro da velocidade de qualquer pessoa conhecida. Que se aprendia mais com ele em duas horas, do que se se tivesse lido livros durante dois anos, "uma fonte de conhecimentos que flui em generosos riachos." Falava em Alemão, Inglês, Francês e Espanhol, tudo misturado num só discurso e fazendo sentido, como se as palavras fossem incapazes de acompanhar a velocidade de processamento do seu privilegiado intelecto¹⁴.

As suas formulações, em certos pontos, eram de tal forma diferentes de tudo, que até o seu tradutor sentia necessidade de acrescentar notas, pondo em causa certos pontos de vista¹⁵. De facto, muitos deles só na atualidade foram comprovados ou vêm a ser desenvolvidos, como por exemplo, o problema da desflorestação e as preocupações ambientais.

Numa das fases da sua vida, esgotada a sua herança nos estudos científicos e cansada a paciência do seu mecenas, (Frederico Guilherme III, rei da Prússia, que financiara durante anos a sua permanência em Paris, enquanto terminava os volumes relativos à expedição americana), Humboldt foi obrigado a permanecer em Berlim para entreter intelectualmente o rei¹⁶. Menos de seis meses depois da sua chegada àquele lugar, profundamente enfadonho e, do ponto de vista intelectual, nada estimulante, o seu espírito inquieto iniciou uma série de conferências na universidade e também em salas de espetáculo, provavelmente em reação à imensa contrariedade que a situação lhe provocava. Manteve esta iniciativa durante meio ano, várias vezes por semana, de forma totalmente gratuita. Isto fez com que as multidões acorressem, da realeza aos criados, sen-



Goethe

10. Goethe foi evocado na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em 25 de março de 1856. A entrevista encontra-se publicada na *Revista Espírita* de junho de 1859. O mundo do qual Goethe provinha era, provavelmente menos evoluído do que o de Humboldt. Ver Kardec, "Goethe", 241.

11. Humboldt tinha uma espécie de presença magnetizadora, contagiante. O período em que manteve contacto com Goethe foi dos mais produtivos da vida do poeta alemão. Quando estava com Humboldt a "sua mente disparava em todas as direções". Foi Humboldt que o aconselhou a publicar as suas pesquisas sobre anatomia comparada e Fausto foi em parte escrito durante os períodos de acelerada atividade, coincidentes com as visitas do amigo. Há mesmo quem encontre identidade entre Fausto e Humboldt, na busca irrefreável e frenética pelo conhecimento. Cf. Wulf, "A Invenção da Natureza", 37-8, 48.

12. Cf. *Ibid.*, 39.

13. Tal como com Goethe, que encontrara em Humboldt um parceiro à altura das suas elucubrações, também Jefferson teve com Humboldt uma identificação imediata. Também ele se movimentava com à vontade pelas ciências, era obcecado por medições, registos, compilação de dados.

14. *Ibid.*, 134.

15. *Ibid.*, 284.

16. Nessa fase, passava a maior parte do tempo na corte, viajando de palácio em palácio e apenas conseguia trabalhar durante a noite, entre a meia-noite e as três da manhã. Ver *Ibid.*, 251.

17. Andrea Wulf narra um episódio deveras caricato, descrito pelo diretor da Singakademie a Goethe, de uma senhora que ficara tão impressionada pelas descrições de Sirius feitas por Humboldt, que pediu ao seu alfaiate que lhe fizesse as mangas do vestido "duas vezes o tamanho de Sirius". Ver Wulf "A Invenção da Natureza", 258.

18. Não obstante, apesar de hoje pouco conhecido, na sua época ninguém se lhe igualou em conhecimento, em destreza física e intelectual e foi quase unanimemente reconhecido pelos seus pares como o sábio mais influente do seu tempo.

19. "Revistes Arago depois que voltastes ao mundo dos Espíritos? Resp. - É ele que me estendeu a mão quando deixei o vosso" Kardec, "Humboldt", 235.

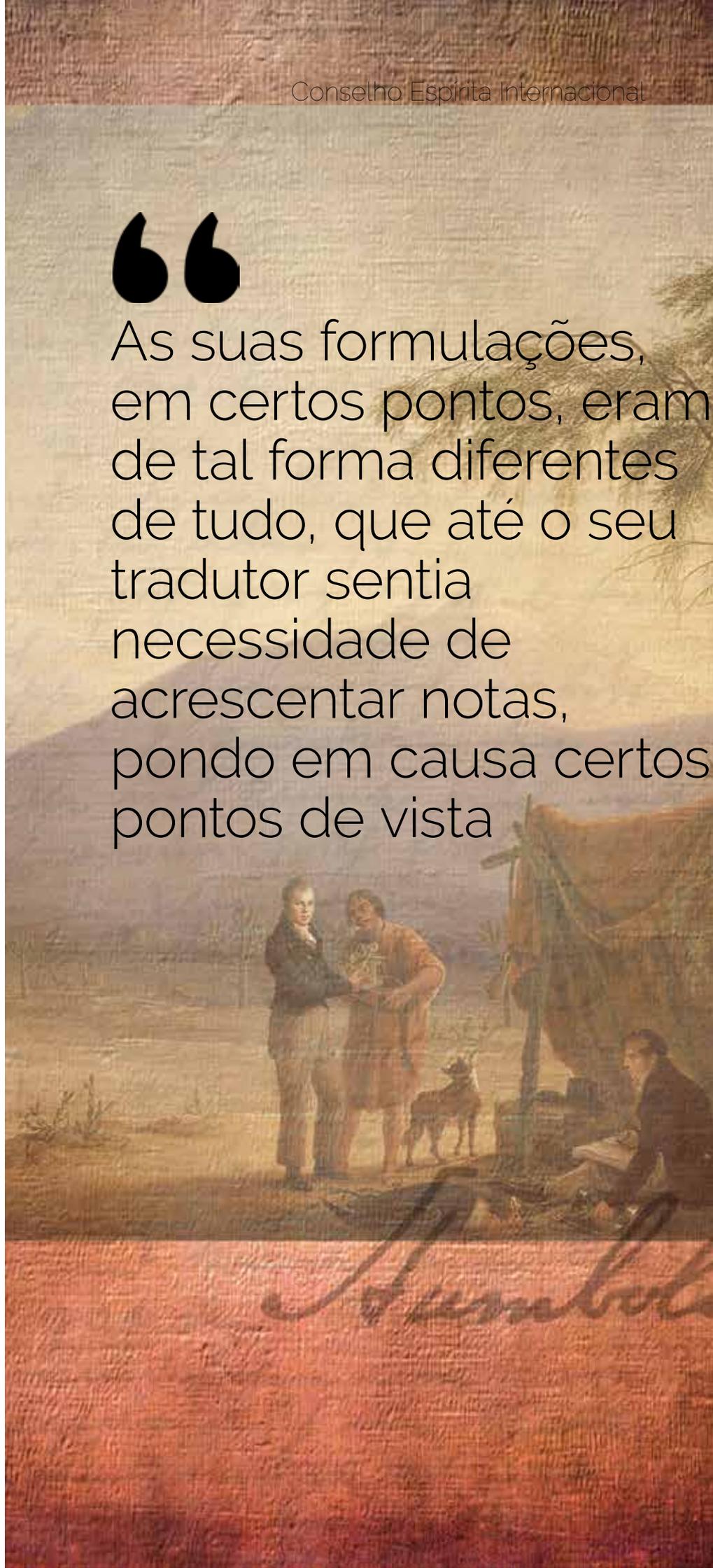
20. De resto, foram várias as figuras com quem Humboldt se identificou como com uma alma gêmea, nomeadamente o próprio Charles Darwin, não obstante ser 40 anos mais novo. Ver Wulf, "A Invenção da Natureza", 304.

21. *Ibid.*, 183.

22. Quando não estavam perto um do outro, Arago e Humboldt não cessavam de se corresponder. A sua correspondência foi editada em livro em 1907, *Correspondance d'Alexandre de Humboldt avec François Arago (1809-1853)*. A obra tem 400 páginas e compreende mais de três décadas de correspondência trocada.

“

As suas formulações, em certos pontos, eram de tal forma diferentes de tudo, que até o seu tradutor sentia necessidade de acrescentar notas, pondo em causa certos pontos de vista



Humboldt

do que metade eram mulheres, que habitualmente não dispunham de autorização para estudar em universidades ou para frequentar encontros científicos. Podiam finalmente escutar “uma palavra inteligente”. Estavam maravilhadas e entusiasmadas com a ciência e passavam a integrar os termos científicos no seu vocabulário¹⁷. Nos dias das conferências, o caos em Berlim era de tal ordem que a polícia a cavalo tinha que intervir. As salas abarrotavam uma hora antes da sessão começar. “As conferências eram um retrato de um animado caleidoscópio de correlações que cobriam o universo inteiro.” (Wulf 2015, 258) A experiência era inesquecível. Humboldt conduzia o espírito dos ouvintes das belezas do Universo às profundezas dos oceanos. A ciência democratizava-se e popularizava-se.

Andrea Wulf, autora da mais recente biografia deste espantoso polímata, refere que “uma das maiores realizações de Humboldt fora tornar a ciência acessível e popular (...) As suas crenças na livre troca de informação, na união dos cientistas e no incentivo à comunicação entre as disciplinas são os pilares da ciência atual. O seu conceito de natureza, constituída por padrões globais, alicerça o nosso pensamento.” (Wulf 2015, 449)

O que pretendemos demonstrar é que, efetivamente, a sua forma de assimilar e articular o que observava encontrava-se muito distante dos padrões gerais da época, tanto que, tal como acontece habitualmente com os visionários, muitos dos seus enunciados só bem mais tarde seriam conferidos e universalmente aceites. Tudo isto se encaixa na informação que ele próprio cede a Kardec, ao enunciar a sua proveniência de uma esfera distante, de evolução muito superior.

Como já foi referido, não terá sido o único, numa época de tantos avanços significativos e é-nos difícil não acabar por suspeitar que muitos outros Espíritos estariam reencarnados na época em condições idênticas¹⁸. Uma das figuras sobre a qual imediatamente recai essa suspeita é François Arago (1786-1853), o célebre matemático e astrónomo, identificado por Humboldt como aquele que lhe deu a mão no retorno à pátria espiritual¹⁹. Em vida, Alexander e François foram os melhores amigos, “gémeos siameses”²⁰ - considerava Humboldt²¹. Arago era a única pessoa em quem confiava incondicionalmente. Tinham grandes discussões, que às vezes não acabavam bem, mas a zanga não perdurava²². Segundo o próprio Arago, a ligação entre ambos “durou mais de 40 anos sem que uma única nuvem alguma vez a tenha perturbado.” (Chisholm 1911, 312)

Parece-nos interessante recordar que Arago foi um dos Espíritos que colaborou na Codificação. Na obra *A Gênese* tem uma mensagem inserida no título “Sinais dos tempos” (Kardec 1868). Sendo, portanto, um colaborador do Espírito de Verdade, ligado muito ou pouco a este orbe, o que parece certo é que se tratava também de um Espírito superior, um emissário divino, que veio com a missão de contribuir para o progresso da Humanidade, razão pela qual tanto se identificaram um com o outro, ao se encontrarem nas mesmas

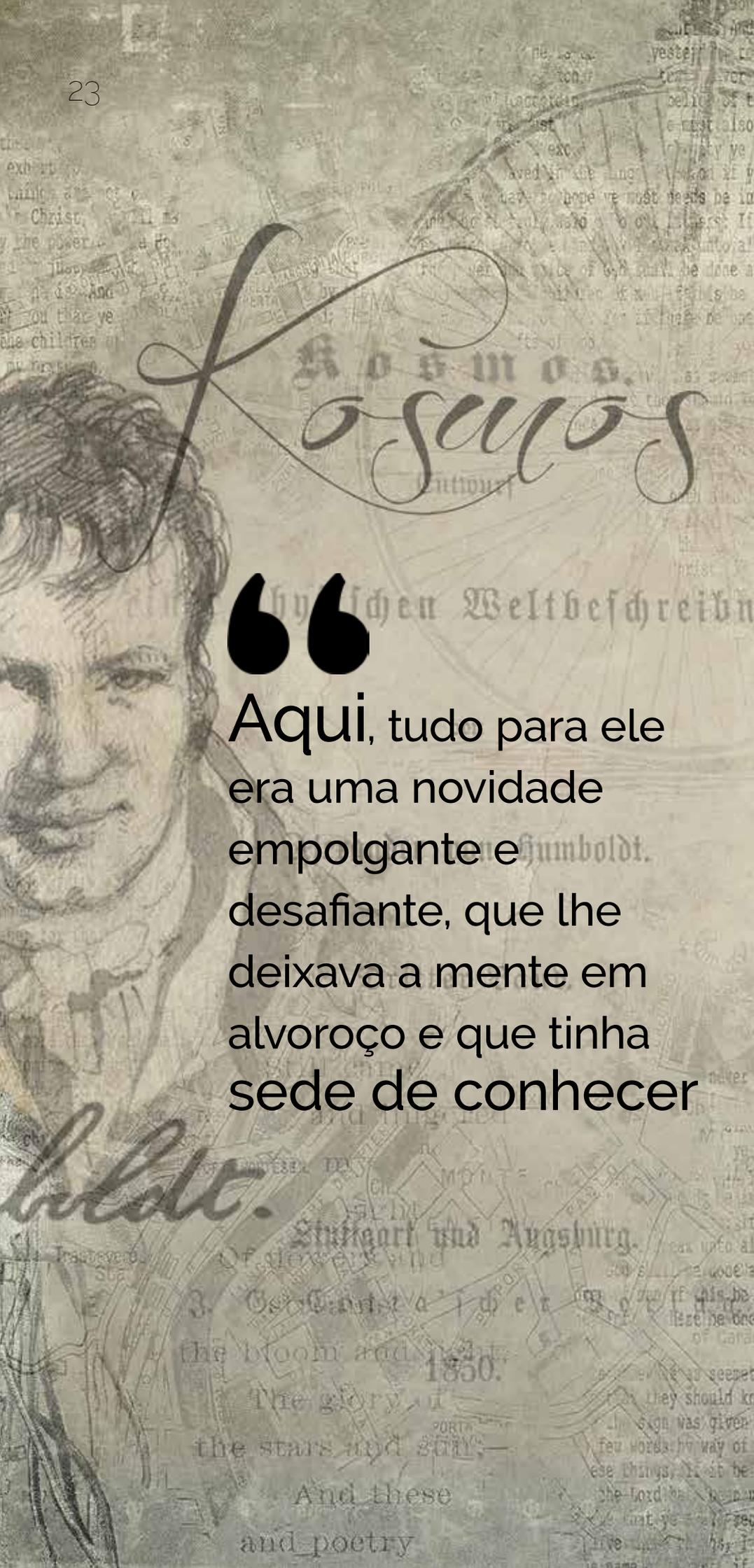
lides terrenas. Na verdade, isto acontece porque as grandes almas estão em sintonia umas com as outras, razão que justifica as inúmeras convergências: "A simpatia que atrai um Espírito para outro resulta da perfeita concórdia de seus pendores e instintos. (...) Na igualdade dos graus de elevação." (Kardec 2019a, 181-2) Mas também porque a solidariedade é uma lei universal: "O Universo inteiro está submetido à lei da solidariedade. Os mundos nas profundezas do éter, os astros que, a milhares de léguas de distância, entrecruzam seus raios de prata, conhecem-se, chamam-se e respondem-se. (...) A Alma humana só pode realmente progredir na vida coletiva, trabalhando em benefício de todos. (...) Nas Almas evoluídas, o sentimento da solidariedade torna-se bastante intenso para se transformar em comunhão perpétua com todos os seres e com Deus." (Denis 1980, 45, 47, 49)

Sujeitando-se às adversidades da vida material num planeta inferior, Humboldt e outros, como ele, submetem-se voluntariamente à bela lei da solidariedade universal, atendendo aos sábios desígnios da Providência. Reencarnam em mundos mais atrasados que ajudam a desenvolver, enquanto enriquecem a sua experiência e o seu conhecimento. Nada é vão, nada é fútil!

Os autores terrenos assinalam o facto do *Cosmo* de Humboldt ser um cosmo sem Deus, já que essa palavra nunca surge ao longo da sua extensa redação²³. Não nos parece certo, todavia, que aquele *Cosmo* que desencadeou mais encomendas do que a obra-prima de Goethe, *Fausto*²⁴, fosse, efetivamente, um cosmo sem Deus. Certamente o era sem o Deus das religiões, a entidade antropomórfica concebida pelo Homem. Não sem o Deus que Humboldt objetivamente venerava através das obras.

Kardec, oito anos e oito meses depois da morte de Humboldt, enuncia que "Deus não se mostra mas se revela através das suas obras" (Kardec 2019, 51). E refere ainda: "lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da Natureza, notando a providência, a sabedoria, a harmonia que presidem a essas obras, reconhece o observador não haver nenhuma que não ultrapasse os limites da mais portentosa inteligência humana." (Kardec 2019, 50) Ao que Denis complementa, no seu estilo inconfundível. "Não procures Deus nos templos de pedra e de mármore (...) e sim no templo eterno da Natureza, no espetáculo dos mundos a percorrer o Infinito, nos esplendores da vida que se expande em sua superfície, na vista dos horizontes variados: planícies, vales, montanhas e mares que a tua morada terrestre te oferece. Por toda parte, à luz brilhante do dia ou sob o manto constelado das noi-





Cosmos

“

Aqui, tudo para ele
era uma novidade
empolgante e
desafiante, que lhe
deixava a mente em
alvorço e que tinha
sede de conhecer

23. *Cosmo* chegou a ser considerado um livro blasfemo por uma igreja alemã, que denunciou que Humboldt deveria ter antes um pacto com o Diabo. Cf. Wulf, "A Invenção da Natureza", 329.

24. Foram vendidos mais de 20.000 exemplares da edição alemã, só nos primeiros meses. Quando o segundo volume foi publicado, em 1847, ofereciam-se subornos e as quotas dos livros destinadas aos livreiros eram interceptadas e desviadas por agentes que queriam fornecer os seus desesperados clientes. *Ibid.*, 330.



“Deus
não se
mostra
mas se
revela
através das
suas obras

tes, à margem dos oceanos tumultuosos, e assim na solidão das florestas, se te sabes recolher, ouvirás as vozes da Natureza e os sutis ensinamentos que murmuram ao ouvido daqueles que frequentam suas solidões e estudam seus mistérios." (Denis 1980, 26) E acrescenta que "a Alma pura comunga com a Natureza inteira, inebria-se nos esplendores da Criação infinita. Tudo: os astros do céu, as flores do Prado, a canção do regato, a variedade das paisagens terrestres, os horizontes fugitivos do mar, a serenidade dos espaços, tudo lhe fala uma linguagem harmoniosa." (Denis 1980, 49)

Em perspectiva idêntica, Camille Flammarion realça a importância da experiência da fruição, uma experiência que também é estética, decorrente da contemplação da natureza, como complemento do conhecimento que resulta do uso da razão e das elaborações da inteligência: "Aos olhos da alma apraz embeber-se na radiação celeste, que inunda toda a Natureza. Aqui, já não é a discussão, mas a contemplação recolhida da luz e da vida resplandecentes na atmosfera, que brilham no cromatismo das flores e refulgem nos seus matizes; que circulam na folhagem dos bosques e envolvem num beijo universal os inumeráveis seres palpitantes no seio da Natureza." (Flammarion 1987, 378)

Humboldt, na sua construção do conhecimento assimilou tanto a experiência subjetiva, que resulta da contemplação, como a experiência objetiva dos registros e das medições, resultantes da observação. Parece-nos ter encarnado o exemplo de uma dessas almas mais depuradas, a que se refere Denis, que continuamente se espanta e encanta com a beleza da natureza. Extasiado, dela usufruía tanto quanto a estudava. Parece-nos que, em certas ocasiões, devia assemelhar-se a uma criança que visse pela primeira vez o mundo: deitado numa rede presa a palmeiras, de noite, no meio da selva, protegido no alto por lianas e trepadeiras iluminadas pela fogueira do acampamento, sob chuva intensa, com o fumo branco a espiralar até ao céu, exaltando a sublimidade do momento ou descrevendo o Orinoco (o maior rio sul americano) como um manto de humidade, suspenso no seu leito, os arcos coloridos nos grandes rápidos, a sua superfície escura a espelhar as constelações do hemisfério sul, os anéis irisados em torno da lua... Talvez porque para ele fossem efetivamente paisagens nunca antes vistas. Nunca aqui reencarnara; não havia paralelo entre tudo o que conhecia e o mundo que agora visitava²⁵.

A partir das informações que ele mesmo fornece a Kardec, compreendemos que era realmente um estudante principiante. Aqui, tudo para ele era uma novidade empolgante e desafiante, que lhe deixava a mente em alvoroço e que tinha sede de conhecer²⁶. No seu mundo de origem não havia Sol e a luminosidade obedecia a outros princípios²⁷. Talvez por isso as suas

25. Há, na sua biografia, um detalhe delicioso, que na nossa opinião retrata bem este encanto, quando Humboldt cria um instrumento para poder medir a "azulidade do céu", o cinómetro. Ver Wulf, "A Invenção da Natureza", 226.

26. Assegura mesmo a Kardec que certas ciências eram-lhe totalmente desconhecidas: "... o que perguntais não tem nenhuma relação com tudo quanto me foi possível aprender nas existências anteriores, tão diferentes da que deixei; a Astronomia, por exemplo, para mim foi uma ciência inteiramente nova." Kardec, "Humboldt", 237.

27. Ver *Ibid.*, 235.

últimas palavras fossem em torno dos gloriosos raios de sol que lhe entrava pelo quarto e que pareciam “chamar a Terra aos Céus!” (Wulf 2015, 372) Era, com propriedade, um extraterrestre, padecendo ainda da “vertigem do investigador” a que se refere Denis, apesar da sua vasta experiência anterior e do seu inequívoco progresso. A majestade divina continuava a seduzi-lo e a surpreendê-lo, ao observar um novo recanto da Criação, porque a Criação, infinitamente variada, na sua diversidade, nunca se contradiz, mas também não se repete.

Refere Kardec, na *Génesis*, que “a Natureza jamais se encontra em oposição a si mesma. Uma só é a divisa do braço do Universo: unidade-variedade. (...) Remontando à escala dos mundos, encontra-se unidade de harmonia e de criação, ao mesmo tempo que uma variedade infinita no imenso jardim de estrelas. Percorrendo os degraus da vida, desde o último dos seres até Deus, patenteia-se a grande lei de continuidade. (...) Apliquem-se aos seres que adejam nos ares os vossos estudos, desçam eles à violeta dos prados, mergulhem nas profundezas do oceano, em tudo e por toda a parte lereis esta verdade universal: A Natureza onipotente age conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias; ela é una em sua harmonia geral, mas múltipla em suas produções” (Kardec 2019, 98 e 120)

Humboldt, como outros, compreendeu essa diversidade e procurou abarcá-la. Falasse de “teia de vida” ou de “sopro animador”, o que quer que fosse que venerava e perante o que se curvava encontrava-se profundamente acima da capacidade da criatura. Nenhuma descrição podia alcançar semelhante esplendor. Não consta, de facto, que ele buscasse o Deus dos homens, mas consta que ele buscava, e conseguiu encontrar, uma ordem maior que tudo dirige, uma harmonia que liga tudo o que existe, uma lógica, uma razão de ser, que constituiu a busca maior de toda a sua existência.

Quando lemos sobre o seu fascínio em torno dos vulcões²⁸, como se sentia enfeitiçado quando, no topo do mundo, no cimo de uma montanha, à beira de um desfiladeiro, a sua alma, comovida, se transportava ainda mais alto, não podemos deixar de pensar na imagem criada por Allan Kardec do homem, no topo da montanha²⁹. A sua visão, no que respeita à natureza do nosso mundo, era assim como essa visão do viajante no alto, com um olhar que tudo abarca, num gigantesco puzzle no qual todas as minúsculas peças se encaixam, formando um todo, um perpétuo inter-relacionamento, um tecido intrincado, em interminável atividade³⁰.

“Era, com propriedade, um extraterrestre, padecendo ainda da “vertigem do investigador” a que se refere Denis



28. Andrea Wulf descreve, com um toque de humor, um episódio ocorrido entre Humboldt e Goethe, que demonstra o fascínio do primeiro pelos vulcões. A sua obsessão pelo assunto levou-o a investigá-los tanto quanto pôde e a fazer a ciência superar a limitação de apenas conhecer o Etna e o Vesúvio, os únicos ativos na Europa. Esta situação levaria Goethe a brincar com ele, numa carta em que apresentava uma amiga: “uma vez que pertence aos naturalistas que acreditam que tudo foi criado pelos vulcões, envio-lhe uma mulher-vulcão que chamosca completamente e incendeia tudo o que sobra”. Wulf, “A Invenção da Natureza”, 107.

29. “Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha (...) a extensão e a penetração da vista são proporcionadas à depuração deles e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual. Com relação aos Espíritos inferiores, aqueles são quais homens munidos de possantes telescópios, ao lado de outros que apenas dispõem dos olhos. Nos Espíritos inferiores, a visão é circunscrita (...)” Kardec, “A Gênese”, 318.

30. Wulf “A Invenção da Natureza”, 328.

Terminaremos dando, ainda uma vez, voz a Léon Denis, que magistralmente sintetiza as relações entre as pesquisas no mundo material e a existência de um poder supremo, a unidade, na qual toda a variedade se integra, num quadro de perfeição:

“Todas as pesquisas, todos os trabalhos da ciência contemporânea, concorrem para demonstrar a ação das leis naturais, que uma Lei suprema liga, abraça, para constituir a universal harmonia. Por essa lei, uma Inteligência soberana se revela a razão mesma das coisas, Razão consciente, Unidade universal para onde convergem, ligando-se e fundindo-se, todas as relações, aonde todos os seres vêm haurir a força, a luz e a vida; Ser absoluto e perfeito fundamente imutável e fonte eterna de toda a ciência, de toda a verdade, de toda a sabedoria, de todo o amor.” (Denis 1980, 19)

Bibliografia

CHISHOLM, Hugh [ed.]. 1911. “Arago, Dominique François Jean”. *Encyclopædia Britannica*. Cambridge University Press.

DENIS, Léon. 1980. *O Grande Enigma*. Rio de Janeiro: FEB.

FLAMMARION, Camille. 1987. *Deus na Natureza*. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 2019. *A Gênese*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2004. “Humboldt”. *Revista Espírita*. Brasília: FEB. (Ano 3, N. 6, (junho 1859): 232-240).

KARDEC, Allan. 2004. “Goethe”. *Revista Espírita*. Brasília: FEB. (Ano 3, N. 6, (Junho 1859): 241-243).

KARDEC, Allan. 2019a. *O Livro dos Espíritos*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Brasília: FEB.

WULF, Andrea. 2015. *A Invenção da Natureza – As aventuras de Alexander von Humboldt, o herói esquecido da ciência*. Lisboa: Círculo de Leitores.

“O Universo inteiro está submetido à lei da solidariedade. Os mundos nas profundezas do éter, os astros que, a milhares de léguas de distância, entrecruzam seus raios de prata conhecem-se, chamam-se e respondem-se. (...) A Alma humana só pode realmente progredir na vida coletiva, trabalhando em benefício de todos

CEI

Conselho Espírita Internacional

SIMÃO PEDRO LIMA*

Espiritismo & Filosofia

Uma Perspectiva Filosófica sobre a existência de Deus



***Simão Pedro de Lima** é advogado e professor universitário. Graduado em Direito, Administração e História; pós-graduado em História Moderna e Contemporânea; Direito Civil e Gestão Empresarial; mestre em Educação Superior, com área de concentração em Didática do Ensino Superior e Gestão organizacional. No Movimento Espirita é membro da Sociedade Espirita Casa do Caminho, na cidade de Patrocínio-MG, onde colabora nas atividades administrativas e doutrinárias. É autor do livro "Viver Melhor: uma abordagem espírita para a vida em sociedade", editado pela Federação Espirita do Estado de Goiás (FEEGO).

Resumo

Deus, inteligência suprema do universo, causa primária de todas as coisas. Está presente em todas as eras da Humanidade. É estudado pela religião, ciência e filosofia. A teodiceia filosófica estuda Deus pela razão; a teologia O estuda pela revelação. A Doutrina Espírita apresenta a ideia da existência de Deus por meio de raciocínios filosóficos, valendo-se da interação com os Espíritos que orientaram Kardec nesse e em outros assuntos. Deus se estuda buscando suas provas metafísicas e morais, sua natureza e seus atributos. Sua imanência e transcendência se mostram presentes no universo e nos seres vivos.

Palavras-chave Deus, Espiritismo, filosofia, natureza, imanência.







Photo by Cristian Castillo Unsplash

INTRODUÇÃO

Deus, uma das palavras mais proferidas no mundo, em diversas situações, ruins ou boas. A ideia da existência de Deus está presente no ideário das pessoas, mas como Senti-Lo, como Entendê-Lo? Cardozo (1976)¹, em um poema chamado "Onde Está Deus?" diz na primeira estrofe:

"Onde está Deus? Pergunta o cientista,

Ninguém O viu jamais. Quem Ele é?

Responde às pressas, o materialista:

Deus é somente uma invenção da fé."

"Deus é somente uma invenção da fé", esse último verso nos mostra que a indagação sobre Deus quase sempre perpassa por elementos advindos da religião. Desde tempos imemoriais, à religião coube falar sobre Deus. O que se vê, em regra, são falas devocionais, seguindo um ou outro aspecto da teologia clássica aplicada a essa ou àquela religião.

Deus pode ser entendido também por outros meios que não somente a teologia clássica. A filosofia é um desses outros meios. Em termos filosóficos, a abordagem segue uma rota, por assim dizer, diferente da rota devocional. Em vez de elementos da teologia clássica, que estuda os fatos divinos à luz da "revelação", a filosofia

1. Citado na apostila PBDE (Programa Básico de Doutrina Espírita), editado pelo Centro Espírita Luz Eterna, de Curitiba - PR, volume I (1981, 51)

2. Sistema teológico-filosófico surgido no século XIII que buscava coordenar filosofia e teologia, alinhando o conhecimento natural ao conhecimento revelado (razão e fé). O silogismo aristotélico era a forma de raciocínio. Perdurou até fins do século XVIII.

busca o prisma racional para o estudo sobre Deus. É a "teologia filosófica".

Mondim (1997,13) falando da "teologia filosófica", diz que:

"A teologia filosófica é o estudo racional de Deus, ou seja, é o estudo da existência, natureza, atributos, operações de Deus, tais como podem ser captados pela inteligência humana ao refletir sobre os fenômenos (todos os fenômenos) que podemos experimentar neste mundo".

Mondim acrescenta que, na esfera do pensamento da Escolástica², o objeto material da teologia filosófica é Deus e o objeto formal é a reflexão racional sobre Deus. Por esse pensamento, a teologia filosófica busca entender Deus, estreitando relações com a filosofia da religião e a metafísica.

Nesse mesmo diapasão filosófico, a "teodiceia", cuja etimologia traz a ideia de "justificação de Deus", também estuda Deus pelo prisma da razão. Em vez do aspecto teológico clássico da revelação (religião), busca-se, pela teodiceia, uma forma racional para o estudo sobre a ideia de Deus.

Nos dizeres de Santos (1964, 298) a teodiceia é "uma ciência racional que se baseia nos recursos naturais na inteligência humana".

a teodiceia é uma ciência racional que se baseia nos recursos naturais na inteligência humana

NATUREZA DE DEUS

Para a Teodiceia, no entendimento de Santos, a ideia de Deus compreenderia uma essência absoluta; uma existência perfeita e uma causalidade universal.

A ideia de uma existência absoluta tem por argumento que Deus existe por si e é independente de toda e qualquer causa. A ideia de uma existência perfeita é que Deus abrange em sua própria natureza a perfeição plena. A ideia da causalidade universal advém do pensamento que Deus é a razão de ser e a causa primária de tudo o que existe.

Jesus, o modelo máximo do pensamento religioso, também apresentou uma ideia filosófica (metafísica) para o entendimento sobre Deus. No diálogo com a mulher samaritana, grafado pelo evangelista João no capítulo 4, versículos 21 (Almeida 1975, 109), Jesus traz à tona uma disputa teológica que nutria diferenças entre judeus e samaritanos. Diz ele à mulher: "Mulher, crê-me que a hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai".

Entendiam os judeus que Deus somente poderia ser adorado no templo (Monte Sião) e os samaritanos entendiam, por outro lado, que Deus somente poderia ser adorado no monte Gerezin. Essa celeuma religiosa acirrava os ânimos de um e outro lado, pois ambos queriam determinar a forma e o lugar para se adorar Deus.

Na sequência do diálogo, no versículo 24, Jesus mostra o aspecto transcendente de Deus. Diz ele: "Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade". Jesus indica que Deus transcendia às ideias religiosas das pessoas, que Deus não era limitado à vontade de um ou outro povo.





Photo by Alex Rainer on Unsplash

Na ideia de Jesus, retratada nessa passagem da mulher samaritana, Deus era imanente, estava contido no sentimento pessoal e não nas regras humanas contidas nas religiões. Deus, chamado por Jesus de Pai, transcendia os limites das crenças religiosas.

A religião (judaísmo) à época apresentava Deus como o Senhor todo poderoso (EL SHADAI), o senhor dos exércitos (YAHWEH SABAOTH), que trazia a conotação de ser Deus um ser enérgico, punitivo. Tão forte era essa ideia que se pregava o temor a Deus.

Jesus, ao chamá-lo por Pai (ABA ou ÁBBA) trouxe uma nova ideia para o entendimento sobre Deus. A palavra hebraica Aba ou Ábba era uma forma carinhosa de se referir aos pais, o mesmo que dizer "papai". Jesus, ao assim chamar

“A ideia de uma existência perfeita é que Deus abrange em sua própria natureza a perfeição plena



Photo by Helena Basilio, 'Fungos', (2021)

Conselho Espírita Internacional

Deus, apresentou a ideia de bondade e amorosidade contidas em Deus. Não mais o Senhor dos exércitos, mas o pai amoroso e justo.

O Evangelho de Lucas (Almeida 1975, 83), no capítulo 11, versículos 11 a 13, traz a seguinte fala de Jesus:

"E qual o pai dentre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou também, se lhe pedir peixe lhe dará uma serpente? Ou também se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial àqueles que lho pedirem?"

Jesus deixa claro o caráter abstrato de Deus, mas que se manifesta em bondade e justiça. Parte Jesus do conhecido ("sois homens maus") para o desconhecido (Pai celestial), para, por analogia, demonstrar o quão Deus é bom e justo, diferente da imagem construída pela religião de então. Esse era o sentido para a expressão "Deus é Espírito", dita para a mulher samaritana.

O Espiritismo, que tem a filosofia como um dos seus pilares no seu tríptico aspecto (ciência-filosofia-religião), apresenta ideia semelhante no que diz respeito ao estudo sobre Deus. Também trata das questões da "essência absoluta", da "existência perfeita" e da "causalidade universal".

Kardec (2006, 71), em *O Livro dos Espíritos*, questionou os Espíritos, de forma objetiva, logo na primeira pergunta: "que é Deus"? A resposta foi: "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas".

Na pergunta já se verifica o caráter filosófico que Kardec buscava para o entendimento sobre Deus. Note-se que não há artigo definido na pergunta, ou seja, não se perguntou "o que" e sim "que" (sem o artigo). Pelo caráter transcendente da ideia de Deus, não caberia

um artigo definido, que limitaria a própria essência da ideia de Deus. Como limitar uma ideia transcendente?

Outro aspecto de relevância na pergunta é o fato de se ter perguntado "que é" em vez de "quem é". O pronome "quem" aplica-se a indivíduos, pessoas. A expressão "quem é" estaria personificando Deus, tal qual o fazem as religiões. Ao se utilizar a expressão "que é", Kardec está justamente indicando a transcendência de Deus.

A resposta dada pelos Espíritos a essa pergunta (questão nº 1) mostra os elementos filosóficos trabalhados pela teodiceia. A "essência absoluta" se mostra presente quando dizem os Espíritos ser Deus "a inteligência suprema do universo", ou seja, está acima do que se entende como inteligência. Ao acrescentarem, na resposta, que Deus é "a causa primária de todas as coisas", mostram o aspecto da "causalidade universal". Deus é a causa causal.

A análise filosófica de Deus, quer seja pela sua natureza, pelos seus atributos ou pelas provas de sua existência, leva o ser humano a percebê-Lo e a senti-Lo de uma forma profunda. A definição dada pelos Espíritos à questão primeira de *O Livro dos Espíritos*, aqui já citada, dizendo ser Deus a Inteligência Suprema do universo e a Causa primeira de tudo, leva à percepção da imanência e transcendência de Deus.

Deus é imanente e transcendente. Isso significa que Ele está insito no universo que criou. Está gravado no ânimo (alma) de todos os seres vivos, mas se distingue de tudo e todos por ser Ele uma realidade independente. Há que se ter em conta que essa imanência não pode ser confundida com a ideia de que Deus está identificado com o mundo, o que seria uma ideia panteísta, ideia essa não admitida pelos Espíritos quando responderam a Kardec (2006, 75), na questão de número 14



Photo by Helena Basilio, 'Fungos', (2021)

“

Está gravado no ânimo (alma) de todos os seres vivos, mas se distingue de tudo e todos por ser Ele uma realidade independente



Photo by Sebastian Pena Lambarri Unsplash

de *O Livro dos Espíritos*, que se verdadeiro o panteísmo “Deus não existiria, porque seria o efeito e não a causa. Ele não pode ser, ao mesmo tempo, uma coisa e outra”.

Essa imanência de Deus não exclui a sua transcendência. Deus é absolutamente independente do universo e tem o domínio sobre todas as coisas. Por esse estudo da natureza, provas e atributos de Deus pode-se dizer que Ele é dotado de uma personalidade autônoma, inteligente e livre. Deus é a Causa, o incriado, o ser perfeito, a bondade absoluta, como bem disse Jesus (Almeida 1975, 54) em resposta a um jovem que lhe chamou por Bom Senhor. No capítulo 10, versículo 18 do Evangelho de Marcos está grafado: “porque me chamais bom? Ninguém há bom senão um, que é Deus”.

Santos (1964, 298) diz que pela teodicéia busca-se “conhecer a natureza, os atributos e as relações de Deus com o universo”. Dessa forma, segundo ele, pode-se desenvolver o estudo filosófico sobre Deus em três aspectos: existência e atributo de Deus e as relações de Deus com o mundo.

EXISTÊNCIA DE DEUS

Sobre a existência de Deus, Kardec (2006, 72) questionou os Espíritos: “Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus”? E a resposta foi: “Num axioma que aplicais às vossas ciências: não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão vos responderá”.

E Kardec acrescenta:

“Para crer em Deus basta lançar os olhos sobre as obras da Criação. O universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.”

Percebe-se que pelo prisma filosófico-espírita a ideia de Deus também não se origina de uma “revelação”, de um dogma religioso, mas de um estudo buscando a justificação de Deus. Em outros termos, o raciocínio filosófico-espírita é no sentido de se buscar uma razão para a existência de Deus.

Santos (1964, 300) escreve que “toda prova de Deus é metafísica, uma vez



Em toda parte se encontra a imagem da ordem, quer seja no invisível descrito pela teoria quântica, ou ainda no visível.

que a existência de Deus não é objeto de apreensão intuitiva e só pode ser demonstrada à luz de princípios metafísicos". Em certo sentido, didaticamente, pode-se dizer que as provas da existência de Deus podem ser divididas em provas metafísicas e provas morais.

Pelo prisma metafísico, segundo Santos (1964, 300 - 301) pode-se trazer à baila quatro pontos, quais sejam: a existência do mundo; a existência do movimento; a existência da vida; a existência da ordem no universo.

A existência do mundo e do movimento são incontestáveis e seria ilógico dizer que o planeta existiria por si mesmo, fruto de um acaso. Um planeta que segue leis físicas de rotação, translação, que tem a atmosfera respirável, tudo ordenado pelo acaso? Se assim o fosse, o acaso seria inteligente e, nesse caso, não seria acaso.

A existência da vida para alguns é obra, mais uma vez, do acaso. Ora, se o acaso não pode sequer ter criado o planeta, criaria a vida? Claro que não! A vida é muito organizada, perfeita. Somente uma inteligência suprema, não criada, poderia criar a vida. A vida não

é um produto do universo. Como bem escreveu Mota Júnior (1998, 40), "tudo se passa como se os fenômenos das escalas macroscópica e microscópica, notadamente na versão quântica, manifestassem uma ordem que, ela mesma, devolve a uma forma de inteligência, que não é resultado do acaso".

A existência da ordem do universo, onde tudo funciona equilibradamente. São sistemas e mais sistemas solares, galáxias e mais galáxias (bilhões), tudo em um movimento inteligente. Toda ordem advém de uma razão que a ordene, ou seja, tudo tem uma causa e um objetivo. Toda essa ordem universal dá equilíbrio ao universo, e permite a vida. Toda essa ordem inteligente nos leva a uma causa inteligente, causa esta que deve ser anterior a tudo, uma causa não criada, qual seja, Deus.

É o que escreveu Mota Júnior (1998, 41):

"Em toda parte se encontra a imagem da ordem, quer seja no invisível descrito pela teoria quântica, ou ainda no visível, em particular tal qual é apresentado por esse acesso inteiramente novo: a teoria do caos determinista, segundo



Não podendo nenhum ser humano criar o que a Natureza produz, a causa primeira é, portanto, uma inteligência superior à Humanidade

a qual existe uma ordem profunda sob o caos aparente dos fenômenos, desde o movimento de uma simples fumaça até à evolução dos conjuntos galácticos. Ora essa ordem conduziu à presença de seres inteligentes, que hoje raciocinam sobre si mesmos."

Pelo prisma moral, nos dizeres de Santos (1964, 301 – 302) as provas para a existência de Deus podem ser: a) pela existência da lei moral; b) pelo mérito e demérito; c) pelo consentimento universal; d) pelas aspirações da alma humana; e) pela experiência mística.

A "existência da Lei Moral" não advém do mundo físico, não é da sociedade. É algo íntimo, intrínseco ao ser humano. Kardec (2006, 363) questionou sobre esse ponto da lei moral, que ele chamou Lei de Deus quando perguntou aos Espíritos: "Onde está escrita a Lei de Deus"? Ao que lhe respondem: "na consciência". É justamente isso, o senso de dever que se impõe ao ser humano, mas que está no próprio ser humano, ou melhor dizendo, no ser espiritual que habita a espécie humana.

Quanto ao "Mérito e Demérito", Santos (1964, 302) diz que "(...) o princípio do mérito e demérito existe e nosso espírito o concebe como complemento necessá-

rio do princípio do dever". Diz ainda que não é um princípio advindo do mundo físico e que não é um fato puramente intelectual. É, ainda segundo ele, "(...) a garantia absoluta duma sanção perfeita, adequada à Lei Moral, implica a existência de uma causa real e absoluta, Deus".

Kardec (2006, 110), no livro *O Céu e o Inferno*, apresentou, antes, semelhante ideia. No item "Código Penal da Vida Futura", ele apresenta no artigo 8º o seguinte:

"Sendo infinita a justiça de Deus, o bem e o mal são rigorosamente considerados, não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha consequências fatais, como não há uma única ação meritória, um só bom movimento da alma que se perca, mesmo para os mais perversos, por isso que constituem tais ações um começo de progresso."

Vê-se, então, que esse princípio da existência do mérito e demérito é ínsito no ser humano e conduz à ideia sobre a existência de Deus.

O "Consentimento Universal" diz Santos (1964, 301) que "a ideia de Deus não é apanágio dos filósofos e dos cientistas, nem uma noção moderna ou um conceito da civilização ocidental". É uma ideia universal no tempo e no espaço.



Photo by Dustin Humes on Unsplash

Observa-se que a ideia da existência de Deus está em todos os povos, em todas as formas de cultura e ao longo da história da humanidade sempre está presente. Às vezes essa ideia vem revestida de mito, outras vezes de forte sentimento religioso e outras, ainda, com o manto da filosofia e da ciência.

Kardec (2006, 72) antecipa esse raciocínio ao perguntar aos Espíritos, na questão número 05 de *O Livro dos Espíritos*: "Que consequência se pode tirar do sentimento intuitivo que todos os homens trazem da existência de Deus"? e a resposta dos Espíritos foi: "Que Deus existe, pois de onde lhes viria esse sentimento, se não se apoiasse em alguma coisa? É ainda uma consequência do princípio de que não há efeito sem causa".

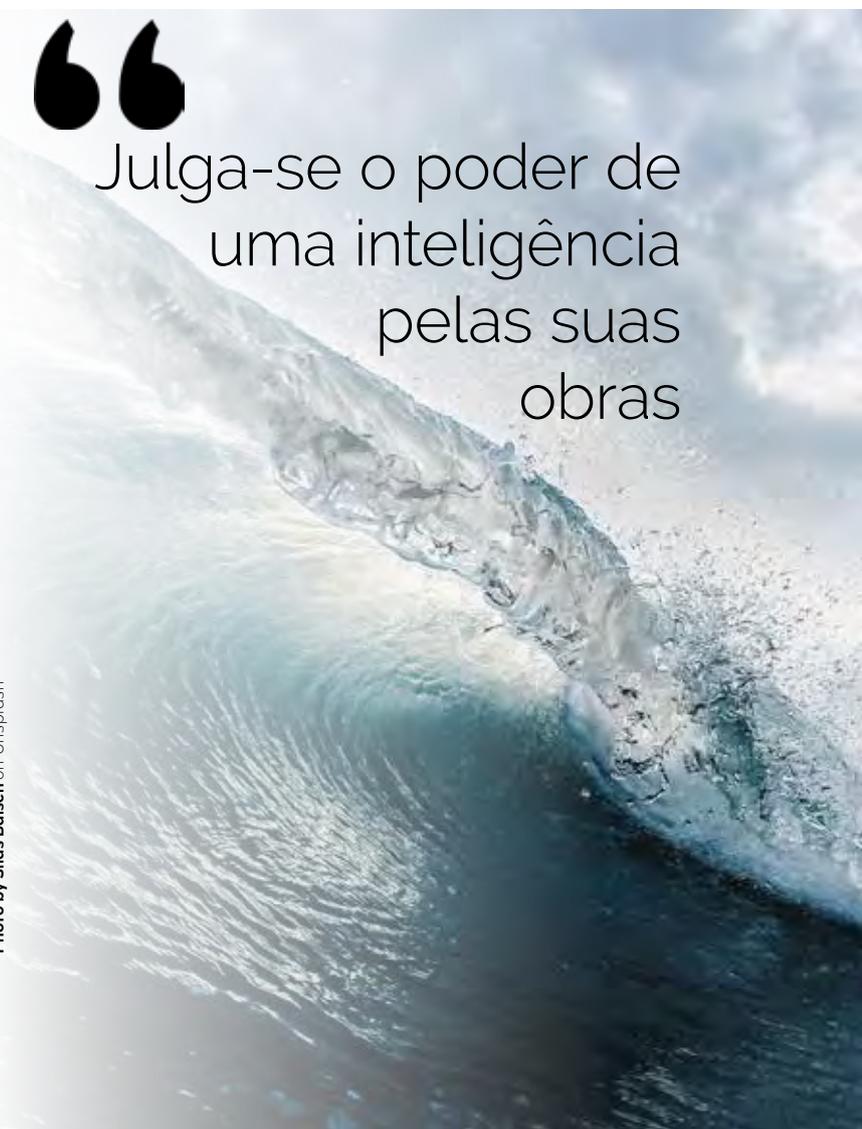
Entretanto, tal assertiva poderia cair no campo especulativo. Kardec assim percebendo segue no questionamento e pergunta (questão nº 06): "O sentimento íntimo que temos da existência de Deus não seria fruto da educação e das ideias adquiridas"? Os Espíritos respondem a Kardec: "se assim o fosse, porque vossos selvagens teriam esse sentimento"?

E Kardec conclui fazendo a observação que "se esse sentimento da existência de um ser supremo fosse apenas pro-

“

Julga-se o poder de
uma inteligência
pelas suas
obras

Photo by Silas Baisch on Unsplash



duto de um ensino, não seria universal e, como sucede com as noções científicas, só existiria nos que houvessem podido receber esse ensino”.

Armstrong (1994, 9) traz o raciocínio que esse sentimento íntimo é natural no ser humano. Diz que “há motivo para afirmar que o *Homo Sapiens* é também o *Homo religiosus*. Homens e mulheres começaram a adorar deuses assim que se tornaram reconhecidamente humanos”.

Ainda acrescenta Armstrong:

“Criaram religiões ao mesmo tempo que criaram obras de arte. Isso não foi apenas porque desejavam propiciar forças poderosas; essas fés primitivas ex-

É, nos dizeres de Santos (1964, 302):

“o conjunto das aspirações que levam o homem a procurar, além dos seres finitos, um ser infinito, perfeito e absoluto, onde possa realizar a satisfação plena e integral das suas tendências para a verdade, para a beleza e para a bondade, existe em todas as criaturas humanas e aparece com um relevo mais acentuado nas almas mais puras, inteligentes e livres.

No tocante à “Experiência Mística”, como um meio de prova para a existência de Deus, pode se dizer que é um contato experimental da criatura com o criador, de foro íntimo e que muda o conceito existencial de quem a tem. Seria



Photo by David Clode on Unsplash

primiam perplexidade e o mistério que sempre parece ter sido um componente essencial da experiência humana deste mundo belo, mas aterrorizante. Como a arte, a religião foi uma tentativa de encontrar sentido e valor na vida, apesar do sofrimento que a carne herda.”

Quanto às “Aspirações da Alma Humana”, outra prova moral da existência de Deus, traz a ideia da busca de algo acima do limite humano. A alma aspira algo além da matéria. Seria uma consequência natural do sentimento íntimo referido anteriormente.

algo inexplicável sem a intervenção de Deus. Santos (1964, 302) diz que é “(...) o sinal de uma identidade de intuição que só se explica pela existência real do Ser e com o qual (os místicos) se creem em comunicação”.

Nesse contexto têm-se experiências de várias pessoas, ao longo da História, como Paulo de Tarso, Francisco de Assis, Tereza de Ávila, João da Cruz, dentre outros. Todas essas pessoas (quase que incontáveis) estariam mentindo? Mudaram a forma de viver por causa de uma falsa experiência com Deus? Não, claro que não.

Concluindo, sobre as provas da existência de Deus, sejam elas metafísicas ou morais, arremata Kardec (2006, 73), em *O Livro dos Espíritos*, perguntando aos Espíritos (questão nº 09): "Onde se vê, na causa primeira, uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências? E os Espíritos sabiamente respondem:

"Tendes um provérbio que diz: pela obra se conhece o autor. Pois bem! Vede a obra e procurai o autor. É o orgulho que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite acima de si e é por isso que se julga um espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater."

E, sintetizando, Kardec tece a seguinte observação:

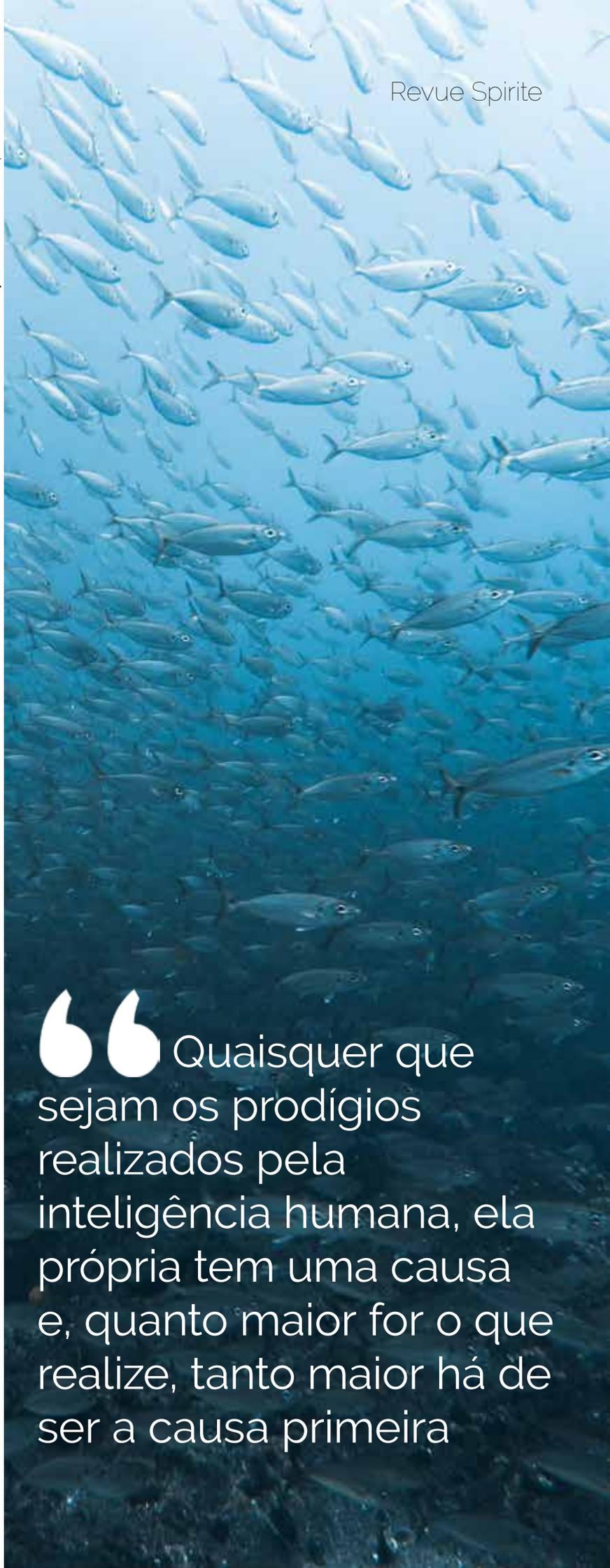
"Julga-se o poder de uma inteligência pelas suas obras. Não podendo nenhum ser humano criar o que a Natureza produz, a causa primeira é, portanto, uma inteligência superior à Humanidade. Quaisquer que sejam os prodígios realizados pela inteligência humana, ela própria tem uma causa e, quanto maior for o que realize, tanto maior há de ser a causa primeira. Essa inteligência superior é que é a causa primeira de todas as coisas, seja qual for o nome pelo qual o homem a designe."

ATRIBUTOS DE DEUS

Outro aspecto filosófico para se transitar na ideia da existência de Deus, é o estudo de Seus atributos. Sim, não mais o viés de se buscar provas da existência de Deus, mas tentar compreendê-Lo pelos seus atributos. Como já dito, é o objeto de estudo da teodiceia filosófica.

Estudar sobre Deus a partir de atributos essenciais da divindade, sem os quais Deus não seria Deus. Partir de elementos conhecidos para se chegar aos desconhecidos. Partir dos efeitos percebidos para as causas não sabidas, como diz Santos (1964, 303):

Photo by Steve Halama on Unsplash



“Quaisquer que sejam os prodígios realizados pela inteligência humana, ela própria tem uma causa e, quanto maior for o que realize, tanto maior há de ser a causa primeira

“

o ser humano
ainda não está
desenvolvido o
bastante para
entender a
natureza íntima
de Deus

“Como os efeitos apresentam sempre alguma semelhança com a causa que os produziu, nosso conhecimento da natureza divina é, sem dúvida, real. Mas permanece incompleto e imperfeito, uma vez que uma coisa só pode ser conhecida perfeitamente quando considerada em si mesma. Como Deus é perfeição absoluta e infinita e nossa inteligência relativa e limitada, jamais poderemos aprender a natureza divina na plenitude dos seus atributos.”

Kardec (2006, 74) antecipou esse raciocínio filosófico ao perguntar aos Espíritos na questão de número 10 *O Livro dos Espíritos*: “Pode o homem sondar a natureza íntima de Deus”? A resposta foi: “Não; falta-lhe, para tanto, o sentido”.

O “não” da resposta não significa uma proibição, mas uma impossibilidade fática. Ao dizerem faltar o “sentido” ao ser humano, os Espíritos quiseram dizer que o ser humano não se desenvolveu o bastante para entender perfeitamente a natureza de Deus. O ser humano ainda não tem as faculdades necessárias para tanto.

Considerando, então, que falta ao ser humano esse sentido, Kardec prossegue e pergunta aos Espíritos (questão nº 11): “Será dado um dia ao homem compreender o mistério da Divindade”? E a resposta foi: “Quando seu espírito não mais estiver obscurecido pela matéria e, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, então o verá e o compreenderá”.

Essa resposta demonstra o caráter evolutivo do ser humano, que, nesse momento está, por assim dizer, na infância da Humanidade. À medida que o ser humano evoluir, em inteligência e moral, poderá entender melhor o conceito existencial de Deus e conseguirá ter uma ideia mais clara e justa acerca da divindade, mas que ainda será incompleta em relação ao absoluto que é Deus.

Kardec, na questão seguinte (nº 12), propõe aos Espíritos: “Se não podemos compreender a natureza íntima de Deus, podemos ter uma ideia de algumas de suas perfeições”? A resposta veio da seguinte forma: “Sim, de algumas. O homem as compreende melhor à medida que se eleva acima da matéria; ele as entrevê pelo pensamento.”

De certa forma, por assim dizer, seguindo essa esteira de Kardec, no tocante aos atributos da Divindade, Santos (1964, 304 – 305) escreve que Deus tem três conjuntos de atributos, quais sejam: entitativos (simplicidade, infinidade, unicidade, imensidade, imutabilidade e eternidade); atributos operativos (inteligência e vontade); atributos morais (sabedoria, bondade, justiça).

Kardec (2006, 74 – 75), apresentou aos Espíritos certos atributos de Deus pelos quais se poderia ter uma ideia sobre sua natureza. Didaticamente propôs Kardec (questão nº 13 de *O Livro dos Espíritos*) atributos para a Divindade, dizendo Deus é: eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente

justo e bom (note-se que Kardec, sem dividir os atributos em grupos, antecipa o que Santos apresenta um século depois).

Os Espíritos, respondendo à proposta de Kardec (questão nº 13), disseram:

“Do vosso ponto de vista, sim, porque acreditais abranger tudo. Mas ficai sabendo que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente e para as quais a vossa linguagem, limitada às vossas ideias e sensações, não tem como se expressar. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir essas perfeições em grau supremo, porque, se tivesse uma só de menos, ou não a tivesse em grau infinito, não seria superior a tudo e, por conseguinte, não seria Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus não pode achar-se sujeito a nenhuma vicissitude, nem sofrer nenhuma das imperfeições que a imaginação possa conhecer.”

Os Espíritos deixaram claro que a proposta feita por Kardec era puramente didática. Foi feita pelo ponto de vista limitado do ser humano. Deus tem sim, esses atributos, mas tem outros ainda, que a linguagem humana não consegue exprimir.

Nessa resposta dada pelos Espíritos chama a atenção eles dizerem que Deus não pode se achar sujeito a nenhuma vicissitude ou mesmo apresentar as imperfeições humanas.

Disseram assim porque muitas vezes Deus foi apresentado com características mais humanas que divinas. Isso pode ser visto no Livro “Exodo”, no *Velho Testamento*, Almeida (1975,77) quando se coloca em Deus sentimentos que contrariam sua bondade, apresentando-o como zeloso, aborrecido e punitivo, que visita “a maldade dos pais nos filhos até (na) terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem”

Óbvio que tais atributos não poderiam ser



Photo by Dustin Humes on Unsplash

de Deus. Foram atributos construídos pelo ser humano, ou melhor, atributos próprios dos seres humanos que foram colocados em Deus. Nesse sentido se manifesta Feuerbach (1988, 55) quando escreveu:

"Como o homem pensar, como for intencionado, assim é o seu Deus. A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa."

Embora pelo prisma materialista do filósofo materialista e humanista Ludwig Feuerbach (contemporâneo de Kardec), o fato é que o ser humano idealiza Deus segundo seus próprios conceitos.

Nesse aspecto escreve Mondin (1997, 297) que "O Absoluto é um nome que com frequência se dá a Deus. Com

isso queremos dizer que ele é *solutus*, 'livre'. Deus não está ligado a qualquer condicionamento, não tem vínculos".

Assim sendo, os Espíritos disseram que o ser humano ainda não está desenvolvido o bastante para entender a natureza íntima de Deus. Nesse sentido Kardec propôs aos Espíritos os atributos para a Divindade.

O primeiro atributo proposto é que "Deus é eterno", englobando o atributo "infinito". Deus não tem começo e nem fim. Diz Kardec (2006, 75) que se Deus "tivesse tido um começo, teria saído do nada, ou, então, teria sido criado por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e à eternidade".

O segundo atributo proposto por Kardec é que "Deus é imutável". Para Kardec se Deus estivesse sujeito a mudanças, o universo não teria ordem e nem teria estabilidade. Para Santos (1964, 304) "toda mudança constitui um pro-



Deus é percebido em sua grandeza, presença, manifestação, imanência e transcendência, considerando ser Ele a causa primeira de tudo

gresso ou uma decadência. Só mudam e se transformam os seres imperfeitos". Dessa forma Deus sendo o absoluto, a perfeição não pode estar sujeito a mudanças.

O terceiro atributo é "Deus é imaterial. Sendo Deus imutável não pode ter nada de material, visto que a matéria está sujeita a transformações.

O quarto atributo é que "Deus é único". Por certo, pois se houvesse outro Deus, nos dizeres de Kardec, "não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do universo". A ideia de se ter dois Deuses iguais em perfeição faria com que eles se confundissem um com o outro ou, sendo diferentes, não poderiam ser os dois perfeitos, pois a diferença entre eles faria um deles perfeito ou nenhum deles perfeito.

O quinto atributo é que "Deus é onipotente". Decorrência do atributo de ser único. Se assim não fosse, algo seria mais poderoso que Ele ou tão poderoso

so quanto Ele, o que seria um contrasenso, pois a criatura seria maior que o criador, a obra seria maior que o autor.

E o sexto atributo proposto por Kardec é que "Deus é soberanamente justo e bom". Diz Kardec, já citado, que "A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores como nas maiores coisas, e essa sabedoria não permite se duvide nem da sua justiça, nem da sua bondade". É como dizer que as leis de Deus são justamente boas e bondosamente justas.

Dessa justiça se revela o princípio da prova moral da existência de Deus, qual seja, "o mérito e demérito". Diz Santos (1964, 305) que "Possuindo santidade absoluta que é ordem do amor, Ele age com justiça infinitamente perfeita. Por isso pune o mal e recompensa o bem".

CONCLUSÃO

Concluindo, pode-se dizer que mesmo com os raciocínios filosófico, cien-

tífico e teológico, Deus é uma experiência pessoal. No início desse artigo foi reproduzida a primeira estrofe de um poema de Cardozo (1976), citado na apostila PBDE (Programa Básico de Doutrina Espírita), editado pelo Centro Espírita Luz Eterna, de Curitiba – PR, volume I (1981, 51), em um poema chamado “Onde Está Deus?” Agora, para concluí-lo, é reproduzida a última estrofe desse mesmo poema, que diz:

“Onde sinto Deus com mais beleza
Na sua mais sublime expressão
Não é no coração da natureza
Mas dentro do meu próprio coração.”

Esse pensamento é corroborado pelo que disseram os Espíritos respondendo a Kardec, já citado, na questão número 05 de *O Livro dos Espíritos*, que o sentimento intuitivo que o ser humano tem da existência de Deus prova “Que Deus existe”. Pelos caminhos da religião busca-se Deus pela revelação; pelos caminhos da ciência busca-se Deus pelas provas materiais; pelos caminhos da filosofia busca-se Deus pelo pensamento.

No ideário espírita, esses três caminhos se encontram, porém sem se fundirem e Deus é percebido em sua grandeza, presença, manifestação, imanência e transcendência, considerando ser Ele a causa primeira de tudo, a inteligência perfeita e suprema do universo, o Senhor da Vida.





Bibliografia

ALMEIDA, João F. 1975. *A Bíblia Sagrada* (Novo Testamento). Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira.

ARMSTRONG, Karen. 1994. *Uma História de Deus. Quatro Milênios de Busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo*. [Tradução de Marcos Santarrita]. São Paulo: Cia das Letras.

CARDOZO, José S. 1976. *Onde Está Deus?* São Paulo: Tempos Novos Ltda.

FEUERBACH, Ludwig. 1988. *A Essência do Cristianismo*. [Tradução de José da Silva Brandão]. Campinas: Papirus.

KARDEC, Allan. 2006. *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo*. [Tradução de Manuel Justiniano Quintão]. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 2006. *O Livro dos Espíritos*. [Tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Rio de Janeiro: FEB.

MONDIN, Battista. 1997. *Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica*. [Tradução de José Maria de Almeida]. São Paulo: Paulus.

MOTA JUNIOR, Elizeu F. 1998. *Que é Deus?* Matão: O Clarim.

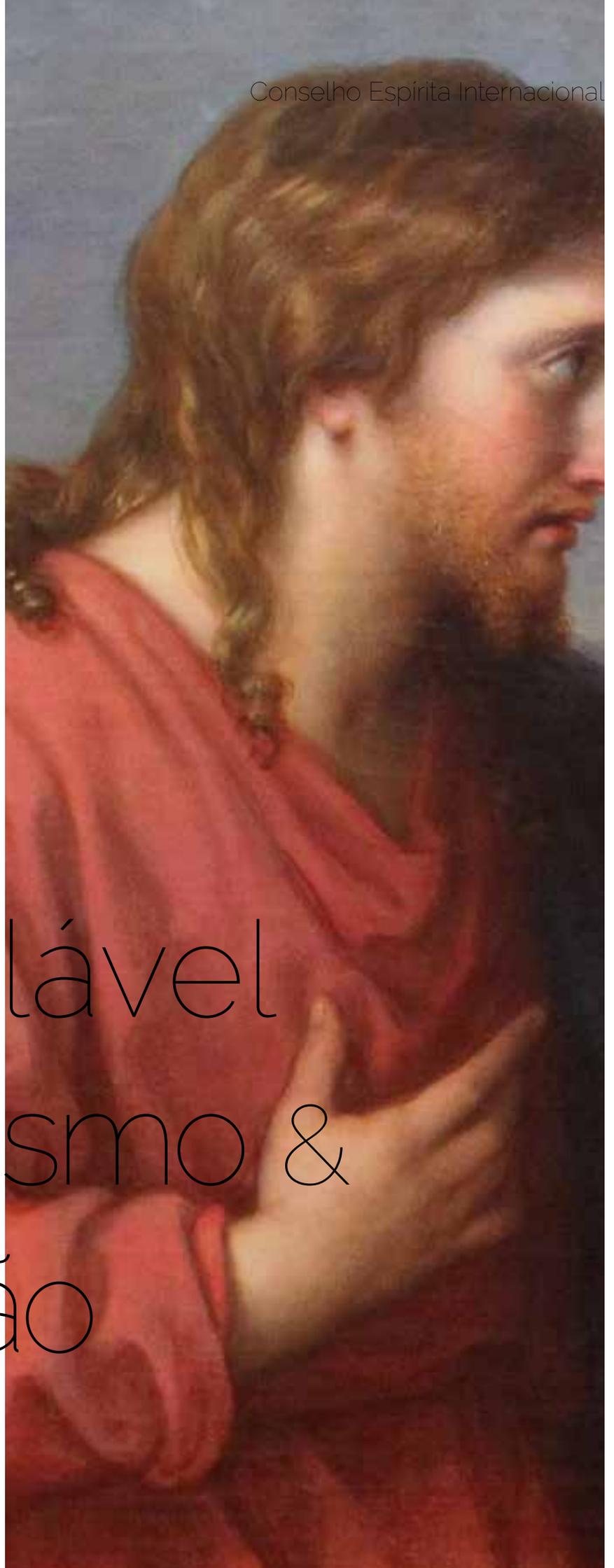
SANTOS, Theobaldo Miranda. 1964. *Manual de Filosofia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Fé

Inabalável

Espiritismo &

Religião



JOSÉ RAUL TEIXEIRA* & ALESSANDRO VIANA VIEIRA DE PAULA**

A Grandeza de **Deus**





**** Alessandro Vieira de Paula**

Integrante do Centro Espírita Allan Kardec, de Itapetininga-SP (Brasil).



*** José Raul Teixeira**

Educador, orador e médium, cofundador da Sociedade Espírita Fraternidade (Niterói) e da obra de Assistência Social Espírita "Remanso Fraternal". Mestre e Doutor em Educação e licenciado em Física pela Universidade Federal Fluminense de onde é, atualmente, professor aposentado.



by Angelika Kauffmann, "Christ and the Samaritan woman at the well (1796), Detail. Oil on canvas, München Gallery

Resumo

O pensamento humano sobre Deus vem sendo aprimorado, refletindo o estágio moral e psicológico da humanidade, mas coube a Jesus apresentá-LO como sendo um Pai amoroso e justo. Diante das interpretações equivocadas dos homens, o Espiritismo, resgatando o sublime conceito do Mestre Nazareno, amplia-nos o entendimento acerca de Deus, cabendo, dessa forma, ao espírita a vivência do bem, a fim de demonstrar sua conexão íntima com o Criador.

Palavras-chave Deus, Jesus, conceito, espírita, conduta.

“

nada está perdido,
pois o mal e o erro
são transitórios, ao
passo que o bem e
a verdade são
eternos

O ser humano, dentro do seu processo evolutivo, atingiu a espécie 'homo sapiens', que significa homem sábio, há, aproximadamente, 350 mil anos, adquirindo comportamento moderno há cerca de 50 mil anos.

Assim sendo, ao atingir a capacidade de raciocinar, que significa chegar a determinadas conclusões, demonstrando pensamento dedutivo a partir de premissas, argumentos e abstrações, o ser humano começou a se questionar a respeito da criação. De onde teria surgido tudo o que se podia ver? A lua, o sol, as estrelas, a água, a natureza, o planeta, o próprio ser humano etc.

Naturalmente, diante do primitivismo humano surgiram pensamentos limitados, como a crença em vários deuses, cada um sendo responsável pela criação de algo, havendo, nessa linha de raciocínio, o deus do sol, o deus da chuva, o deus do oceano etc.

O pensamento humano foi se incrementando, é claro que, de início, na direção mais compatível com o estágio psicológico vigente, surgindo ideias como o Olimpo grego e seus deuses, os deuses romanos, que necessitavam ser bajulados e agradados pelos seres humanos, dando início aos sacrifícios de pessoas, de animais, e até oferendas vegetais, com o escopo de agradar os deuses.

O judaísmo inaugurou a crença num Deus único, criador de tudo e de todos, o que representou um grande avanço no pensamento religioso. Depois, surgiram outras crenças religiosas sustentadas na ideia monoteísta.

Em paralelo com a ideia de um criador, havia também aqueles que sustentavam a tese da força do acaso, sendo possível, para eles, que as coisas e a vida tenham surgido através da ação do tempo conjugada com os efeitos

das leis universais, como a gravidade, o eletromagnetismo, a quântica fraca e a quântica forte, tudo a partir do *big bang*.

Na atualidade, essas linhas de pensamento ganharam complexidades, surgindo um duelo intelectual entre as escolas criacionistas (teístas) e evolucionistas (ateístas).

Entretanto, não podemos deixar de reconhecer que Jesus representou o grande marco divisor, apresentando-nos a exata ideia de Deus, isto é, de um Pai, criador de tudo e de todos, que nos ama profundamente, liberto das discussões fanáticas de algumas religiões e dos pensamentos limitados dos materialistas.

No Evangelho de João (Jo 4:4-30), encontramos a extraordinária passagem de Jesus com a mulher samaritana, sendo que os samaritanos tinham o hábito de orar a Deus no Monte Ge-





rizim, ao passo que os judeus oravam no templo de Jerusalém, no Monte Sião.

A referida mulher questiona Jesus acerca de qual dos locais era correto para se adorar a Deus, tendo o Mestre dado uma resposta que até hoje nos impressiona, ensinando que chegaria a hora em que a adoração não se daria em nenhum dos montes, porque deveríamos adorar a Deus em espírito e verdade. (João 4:5-42)

Percebe-se claramente que Jesus estava ensinando que Deus está em todos os lugares, inclusive dentro de nós, de tal sorte que podemos orar ao Pai em qualquer lugar e circunstância, procurando, através desse ato de adoração, uma conexão espiritual e direta com Ele, sem intermediários, revelando a real sinceridade e a grandeza da fé através da nossa transfor-

mação moral, atendendo, por consequência, aos dizeres de Jesus: "em espírito e verdade".

Que mudança de enfoque acerca de Deus! Não mais o Pai que elege alguns em detrimento de outros, ou que prioriza determinado segmento religioso, mas aquele que ama a todos indistinta e incondicionalmente.

Com a vinda do Espiritismo, o pensamento de Jesus acerca de Deus foi complementado e tornado mais claro, não por falha do autor (Jesus), mas por imperfeição do ser humano, que distorceria ou limitaria a grandeza do ensino do Mestre Nazareno.

Em *O Livro dos Espíritos*, a primeira obra do pentateuco de Allan Kardec, na primeira parte (As Causas Primárias), no capítulo I, os benfeitores espirituais trouxeram conceitos mais diretos e objetivos para que pudés-





semos entender Deus como sendo a inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas, apresentando-nos seus atributos, revelando, ainda, que o ser humano não poderia compreender a natureza íntima de Deus, que é soberanamente justo e bom.

Convém registrar que renomados cientistas se declararam teístas, por exemplo, Galileu Galilei, Sir Isaac Newton, Nicolau Copérnico e, mais recentemente, o renomado astrofísico inglês, Sir James Jeans.

À luz da Religião Espírita, que nos explica a lei divina do progresso, compreendemos que a harmonização das correntes criacionistas e evolucionistas faculta o real entendimento da criação divina, porque Deus é o criador de tudo, mas não o fez como descrito no Gênesis (1 e 2), que é um relato simbólico, mas se utilizou da lei da evolução das es-

pécies, com uma amplitude maior do que se pode imaginar (ação nos dois planos da vida, material e espiritual), para povoar a Terra e as muitas moradas da Sua casa.

A partir desse entendimento de Deus, que nos criou simples e ignorantes, isto é, princípios espirituais rudimentares, que estamos evoluindo há bilhões de anos, tendo estagiado nos reinos inferiores da Sua criação (mineral, vegetal e animal), é que percebemos que o sentido da vida e o nosso esforço deve estar canalizado, prioritariamente, para o progresso intelecto-moral.

Dessa forma, conhecimentos alicerçados em suas leis materiais e morais, cumulados com sentimentos nobres nos farão encontrar o Reino de Deus que está dentro de nós, conforme asseverou Jesus.

“ podemos orar ao Pai em qualquer lugar e circunstância, procurando, através desse ato de adoração, uma conexão espiritual e direta com Ele, sem intermediários

“que a nossa fala amorosa e fiel às diretrizes do Cristo, assim como a nossa postura pacífica, doce e serena, possam mostrar aos indivíduos que Deus está no comando

Com essa crença em espírito e verdade é que ajudaremos a construir o mundo regenerado do porvir, espalhando e vivenciando a mensagem do amor e do bem.

Aliás, é Jesus quem nos solicita que deixemos brilhar nossa luz diante dos homens para que vejam as nossas boas obras e glorifiquem Deus (Mateus 5:16).

Nesse sentido, nos dias atuais, nos quais ainda encontramos pessoas incrédulas, ateístas, materialistas, com a fé abalada, sofridas, é que devemos nos empenhar para viver intensamente a mensagem do amor e da verdade, para que nossa pequenina luz possa tocar outras vidas, revelando a grandeza de Deus, que, muitas vezes, se utiliza da própria criatura humana para ajudar outros seres humanos.

Cabe-nos, portanto, a missão de levar Deus aos lares, na intimidade doméstica, sendo bons filhos, cônjuges, pais, netos etc., tendo paciência e compaixão para com aqueles parentes mais difíceis, pois o nosso amor vai lentamente tocando esses corações

mais endurecidos, e eles despertarão, cedo ou tarde, porque todos somos espíritos imortais destinados à plenitude, sob a ação pedagógica da reencarnação. Afinal de contas, Deus está dentro de nós!

Devemos levar Deus para a sociedade, para o nosso cotidiano, no trabalho, na via pública, nos grupos sociais, de forma que a nossa fala amorosa e fiel às diretrizes do Cristo, assim como a nossa postura pacífica, doce e serena, possam mostrar aos indivíduos que Deus está no comando e que nada está perdido, pois o mal e o erro são transitórios, ao passo que o bem e a verdade são eternos.

Onde estivermos, que as nossas condutas elevadas e nobres possam revelar que Deus está sempre conosco, não havendo ninguém esquecido ou menosprezado pelo seu amor imensurável.

Há pessoas que estão tão enfermas da alma que sequer percebem que Deus está dentro delas e que estão mergulhadas no psiquismo divino, por isso, necessitam enxergar a presença



de Deus através da conduta equilibrada e caridosa de outros.

O Espiritismo, revigorando os ensinamentos de Jesus, não nos deixa dúvida acerca da paternidade divina, despertando em nós um nível de sensibilidade a ponto de sermos capazes de vermos, diariamente, o autógrafo de Deus à nossa volta, sentindo-O vibrar em nossas almas, de tal forma que passamos a entender a lucidez de Paulo de Tarso, quando nos diz que: "Pois nele vivemos, nos movemos e existimos[...]" (Atos 17:28).

by **Angelika Kauffmann**, "Christ and the Samaritan woman at the well (1796), detail. Oil on canvas, München Gallery



Revisitando



Mitos Platônicos

uma leitura espírita

Er, o Panfílio

SAMUEL NUNES MAGALHÃES*

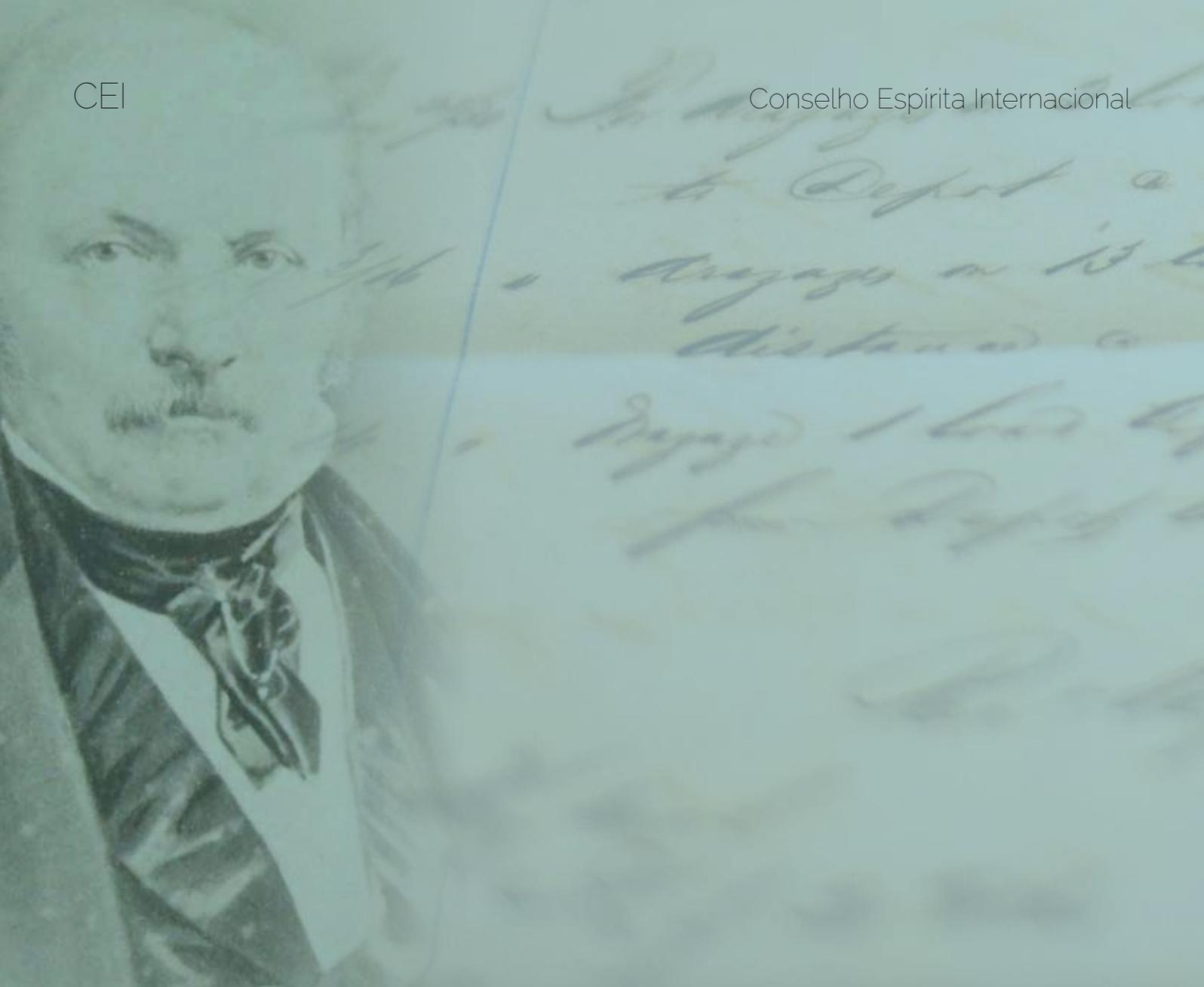


Revista Espírita



* **Samuel Nunes Magalhães**

Escritor. Responsável pelas áreas de arquivo e museu da FEB. Fundador dos Centros de Documentação Espírita no Amazonas e em Pernambuco.

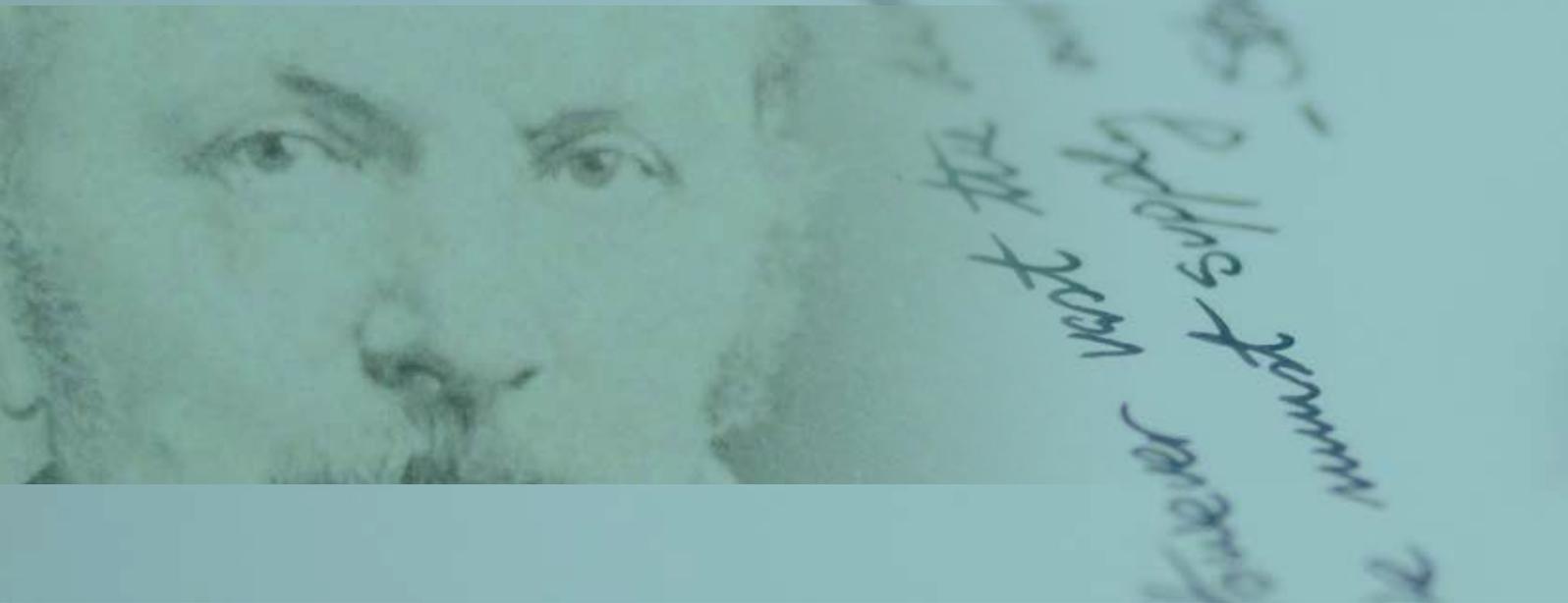


Resumo

A filosofia socrático-platônica guarda estreita relação com magnas questões de interesse do Espiritismo. Este artigo analisa alguns dos mitos platônicos, em particular, *Er, o Panfilio*, em leitura estribada nos postulados espíritas, deles extraíndo as doutrinas da *imortalidade da alma*, da *pluralidade das existências*, do *anjo guardião*, do *livre-arbítrio*, da *lei de causa-e-efeito*, da *lei de evolução*... Em sua elaboração fizemos um estudo comparado entre os diálogos socráticos *Fédro*, *Fédon*, *Górgias*, *A República*, e *Apologia de Sócrates*; *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos*; as obras do Espírito André Luiz, psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier; e, "Platão: Doutrina da Escolha das Provas", de Allan Kardec, publicado na *Revista Espírita*, setembro de 1858. Ao longo do artigo, e seu termo, torna-se evidente o caráter precursor das ideias espíritas, atribuído a Sócrates e Platão.



Os diálogos platônicos, em particular, os *mitos*, exploram assuntos como *imortalidade*, *reencarnação*, *evolução*, *livre-arbítrio* e *justiça divina*, espelho das crenças desses grandes filósofos



"A mitologia não passa de um quadro da vida espírita poetizada pela alegoria."

Allan Kardec (RE, dez/1860)

A doutrina socrática encerra elevadas concepções espirituais, e amiúde, ergue-se como sagrado hino à alma imortal. Os diálogos platônicos, em particular, os *mitos*, exploram assuntos como *imortalidade, reencarnação, evolução, livre-arbitrio e justiça divina*, espelho das crenças desses grandes filósofos.

Em *Fedro* (Platão 2008), diálogo acerca da retórica e do amor sensual, a alma é comparada a "uma parelha de cavalos alados e um auriga". Os cavalos da parelha, sem embargo a outros olhares, podem ser tomados à conta do intelecto e da moral do auriga, o Espírito. A alma, diz o mito, é peregrina da evolução; ora percorre os espaços – a *erraticidade* na linguagem espírita –, ora desce à matéria, em múltiplas reencarnações, até igualar-se aos *deuses*, i.e., atingir o grau de Puro Espírito. Emmanuel, o nobre orientador mediúnico de Chico Xavier, em estreita relação com "a parelha alada", escreve: "Já se disse que duas asas conduzirão o espírito humano à presença de Deus. Uma chama-se Amor, a outra, Sabedoria". (Xavier 1980, 4)

O *mito da caverna* (Platão 2006), ao discorrer sobre a educação, celebra o despertar espiritual da alma humana. Os cativos dessa alegoria, presos ao não saber, têm falsa ideia do mundo, da vida, de si próprios. Quando um deles, liberto, é posto à luz da verdade e torna à caverna, não lhe dão ouvidos, como fizeram os atenienses a Paulo de Tarso, no Areópago¹. Sócrates, explicando o que expusera, diz estar tratando da ascensão da alma à região inteligível, à plena verdade, e que a ideia do bem é a última realidade a ser contemplada, somente alcançada com dificuldade. E acresce, o sábio: "não é de se surpreender que os que atingem este ponto não estão predispostos a se ocuparem de assuntos humanos, e suas almas experimentam sempre a premência da ascensão e o anelo da permanência acima". (Platão 2006, 311). Eram libertos Simão Pedro, Maria Madalena, Paulo de Tarso, Francisco de Assis, Allan Kardec..., e muitos anônimos, os bem-aventurados do Evangelho do Cristo.

O destino das almas após a morte, e a morte, são, de igual modo, matérias correntes nos escritos de Platão. Estão presentes em *Fédon*, o comovedor diálogo sobre as últimas horas

“Os mitos platônicos, há vinte e cinco séculos, traziam magnos assuntos do Espiritismo

de Sócrates; no *Apologia de Sócrates*, monólogo que retrata sua defesa na corte de Atenas; e em três mitos, os quais encerram *Górgias*, *Fédon* e *A República*.

Górgias mostra que há vantagem em vivermos no bem, visto que após o exílio todos iremos à “campina da encruzilhada”, quando seremos julgados consoante nossas faltas e méritos, cabendo-nos o amargo *Tártaro* ou o ditoso *Campos Eliseos*, no *Hades*². Ensina que a alma carrega consigo, para além do sepulcro, impresso em si mesma, o que em vida perpetrou, imagens visíveis e pesadas pelos juizes divinos *Aeco*, *Radamanto* e *Minos*³. *Fédon*, de modo específico, ocupa-se da morte, para dizer que não se deve temê-la, de vez que a alma é imortal, e os justos, na distribuição das penas e recompensas, conhecerão a felicidade.

A República (Platão 2006) em seu último livro, o décimo, transporta-nos para além da morte, das sanções e das purgações. Leva-nos à escolha de uma nova existência, ao instante do renascimento; não mais estamos no *post mortem*, mas *ante vitam*; passamos da vida à morte, e da morte, à vida. Este é o *Mito de Er*.

O *Mito de Er*, talvez o mais admirável

diálogo socrático a respeito da alma e sua destinação, mereceu especial atenção de Allan Kardec, na *Revisita Espírita*, setembro de 1858 (Kardec 2004, 371-9). Em artigo de sua lavra, “Platão: Doutrina da Escolha das Provas”, Kardec alinhava breves e judiciosas considerações acerca do seu conteúdo e o Espiritismo. Dentro dos estudos espíritas, *Er*, o *Panfilio* configura-se como autêntico fenômeno de emancipação da alma, conforme o disposto em *O Livro dos Espíritos*, Segunda Parte, Capítulo VIII.

Segue, em sua inteireza, o mito, a que deitamos alguns apontamentos.

“Não é, entretanto, um conto de Alcino que narrarei a ti, mas aquele de um bravo guerreiro, *Er*, da tribo dos panfilianos, o filho de Armênio, e que uma vez morreu numa guerra. Quando os cadáveres foram colhidos dez dias depois, já em avançada decomposição, percebeu-se que o seu ainda se achava fresco e intacto. Foi levado para casa e foram feitas preparações para o seu funeral, mas no décimo segundo dia, quando ele já se encontrava depositado na pira, ele reviveu e após ter voltado à vida relatou o que vira no além.”

“Ele disse que, depois que sua alma abandonara o corpo, viajou junto com

1. Atos, 17:32-34.

2. *Hades* é a morada dos mortos, na mitologia grega. É formado pelos *Campos Elísios*, destinado às almas dos heróis, santos e poetas, e pelo *Tártaro*, destinado às almas malignas.

3. Juizes, filhos de Zeus. *Radamanto* julgava as almas da Ásia, e *Aeco*, as da Europa. Em casos de dúvidas, a decisão caberia a *Minos*. (*Górgias*, 524a).

muitas outras até atingirem um lugar maravilhoso, onde existiam duas aberturas adjacentes na terra e, se opondo a elas e acima delas, duas outras no céu, juizes estando sentados entre estas. Estes, tendo pronunciado suas sentenças, ordenaram aos justos que ascendessem aos céus através da porta à direita, portando sinais sobre seus peitos representativos de suas sentenças, ordenando aos injustos que baixassem à terra através da abertura da esquerda, portando sinais de todas as suas ações sobre suas costas. Quando o próprio Er se apresentou, disseram-lhe que deveria atuar como um mensageiro aos seres humanos com a finalidade de narrar-lhes as coisas dali e que ele devia ouvir e olhar tudo que havia naquele lugar. Ele contou que viu almas partindo após o julgamento através de uma das aberturas nos céus e uma na terra, enquanto, através das outras duas, chegavam almas.

Da abertura da terra as almas surgiam cobertas de sujeira e pó, ao passo que da abertura no céu emergiam almas limpas e puras. E as almas que chegavam continuamente pareciam ter experimentado longas viagens, de maneira que se dirigiam alegremente ao prado, como uma multidão que se dirige a um festival, e ali acampavam. Aqueles que se conheciam trocavam cumprimentos e aqueles que haviam subido da terra indagavam àqueles que haviam descido dos céus sobre as coisas que ali havia e eram, por sua vez, interrogados por eles a respeito do que havia lá embaixo. E assim relatavam entre si as suas histórias, os primeiros chorando à medida que relembavam tudo que tinham sofrido e visto na sua jornada abaixo da terra, que durara mil anos, enquanto os segundos, que haviam vindo dos céus, narravam os deleites e as visões de uma beleza inefável.”

“Haveria muito para contar, Glauco, o que tomaria muito tempo, mas o ponto mais importante era este: para cada um dos atos injustos que tinham cometido e para cada uma das pessoas que tinham prejudicado, eram punidos dez vezes, uma vez em cada século de sua jornada. Supondo ser cem anos a extensão aproximada de uma vida humana, isso significa que pagavam uma pena décupla para cada injustiça. Se, por exemplo, alguns deles haviam causado muitas mortes mediante a traição de estados ou exércitos e os reduzia à escravidão ou, mediante a participação em outros crimes, tinham de sofrer dez vezes a dor que haviam ocasionado a cada indivíduo. Mas se haviam realizado boas ações e tinham se tornado justos e pios, eram recompensados de acordo com a mesma medida.” (Platão 2006, 447-8).

É fácil reconhecer que estamos diante de uma singular EQM – *Experiência de Quase-Morte*, ao lermos o começo do *Mito de Er*. A retomada da vida corpórea pelo soldado panfiliano, após doze dias de ausência, lembra-nos os episódios



da filha de Jairo, do filho da viúva de Naim, e de Lázaro de Betânia. No capítulo XIV, "Catalepsia/Ressurreições", de *A Gênese*, Allan Kardec analisa esses fenômenos como de "morte aparente", dizendo que, em alguns desses casos, certas partes do corpo podem entrar em decomposição, sem que a vida tenha sido extinta por completo; e no capítulo XV, do mesmo livro, no item "Ressurreições", salienta que esses *milagres* em nada contrariam as leis da Natureza. E em nota à Questão 424, de *O Livro dos Espíritos*, pontua que a "morte aparente", em verdade, é um estado de funda "letargia" e observa, ainda, que a letargia se diferencia da "catalepsia", visto que esta última é sempre localizada e a outra, generalizada. É o caso de Lázaro.

O lugar a que chegou o grupo de almas, seria, decerto, alguma região do mundo espiritual que nos circunda, qual se vê em tantos relatos espíritas, embora o desdenhe a ciência dos homens. As almas saídas das lutas terrenas, cansadas de longa e penosa jornada, trocando impressões com as que vieram de planos mais elevados, em preparo a novos desafios, são painéis comuns das narrativas dos Espíritos.

E as *aberturas* citadas no mito? Estariam adstritas ao imaginário de *Er*?

André Luiz, Espírito, em obra ditada ao médium Francisco Cândido Xavier, *Os Mensageiros*, revela-nos a existência de estradas nas esferas espirituais vizinhas à crosta planetária, destinadas à livre circulação dos servidores desencarnados e das almas superiores a caminho da reencarnação.

O Instrutor Aniceto diz no capítulo "Preparativos", dirigindo-se a Vicente e André Luiz: "Certo, estão habituados à passagem livre, mantida por ordem superior para as atividades normais de nossos trabalhos e trânsito dos irmãos esclarecidos, em vésperas de reencarnação. (...) As regiões inferiores, entre Nosso Lar e os círculos da carne, são tão grandes que exigem uma estrada ampla e bem cuidada, requerendo também conservação, como as importantes rotas terrestres. Por lá, obstáculos físicos; por cá, obstáculos espirituais. (...) Os que se encontram nas tarefas da nossa rotina sagrada precisam livre trânsito e os que se dirigem da esfera superior à reencarnação devem seguir com a harmonia possível, sem contato direto com as expressões dos círculos mais baixos. A absorção de elementos inferiores determinaria sérios desequilíbrios no renascimento deles.

Há que evitar semelhantes distúrbios".(Xavier 2006, 94-5)

André Luiz, no mesmo ditado, ainda se refere a essas estradas, as *aberturas*, nos capítulos "A caminho da Crosta" e "Nas despedidas".

Continuemos com *Er*:

"Ele relatou algumas outras coisas sobre natimortos e os que haviam vivido apenas um período efêmero, mas não vale narrá-lo novamente aqui. E ele se

by Hendrick Goltzius, "De vervloekten gaan de hel binnen" (1579), engraving, Rijksmuseum





referiu igualmente a recompensas e penalidades ainda maiores para atos de piedade ou impiedade realizados em relação aos deuses ou aos pais e suicídios. Por exemplo, ele disse que lá se achava quando alguém indagou sobre o paradeiro de Ardieu, o qual se dizia ter sido tirano em alguma cidade da Panfilia mil anos antes e ter assassinado seu pai idoso, o irmão mais velho, além de haver perpetrado também muitos outros atos ímpios. E ele dizia que aquele a quem fora dirigida a pergunta respondeu: "Ele não chegou aqui ainda e é provável que jamais chegue, pois esta também foi uma das terríveis visões que contemplamos. Quando nos aproximamos da abertura e estávamos prestes a sair, depois do término de todos os nossos padecimentos, subitamente o vimos acompanhado de alguns outros, a maioria tiranos, ainda que houvesse entre eles alguns grandes criminosos cuja vida fora exclusivamente privada. Pensavam que estavam prontos para subir e sair, porém a abertura não admitia o seu ingresso e ouviam-se bramidos toda vez que um daqueles indivíduos irrecuperavelmente perversos ou que não fora suficientemente punido tentava encetar o caminho acima. E havia homens selvagens de aspecto ígneo que se mantinham a postos e que, quando escutaram o bramido, agarraram alguns desses criminosos e os afastaram dali. Mas quanto a Ardieu e outros, ataram-lhes pés, mãos e pescoços, os estenderam sobre o solo e os esfolaram, arrastando-os em seguida e os dilacerando sobre espinheiros e comentando com todos os passantes que seriam arrojados ao Tártaro, explicando ainda por que eram tratados daquela forma." E ele disse que, de seus diversos medos, o maior experimentado por cada um deles era que o bramido fosse ouvido quando se dispusesse a subir, e todos se sentiram profundamente aliviados

quando ele foi saudado pelo silêncio. Tais, portanto, foram as penalidades e castigos, bem como recompensas, a eles correspondentes." (Platão 2006, 448-9)

O mito, nesse passo, refere-se aos natimortos e àqueles de vida efêmera, temas muito comuns na literatura espírita, inclusive, em sua obra inaugural, *O Livro dos Espíritos*. Comenta sobre a gravidade das penas, as impiedades praticadas contra os pais, os deuses, e para consigo mesmo, o suicídio. Traz o caso de Ardieu, que havia tirado a vida de familiares e cometido outros crimes perante a Lei Divina, descrevendo os seus padecimentos nas zonas purgatórias, entregue às mãos de espíritos ainda mais perversos, em cenas que parecem extraídas da obra *Libertação*, de André Luiz, psicografada por Francisco Cândido Xavier. E como consta nos ensinamentos espíritas, notemos, aqui, os espíritos maléficos pensam estar condenados a eternos sofrimentos, esquecidos do Criador.

Tornemos à voz de *Er, o Panfilio*:

"Cada grupo passava sete dias no prado e no oitavo dia tinha de subir e empreender uma viagem. No quarto dia daquela viagem chegaram a um lugar onde podiam olhar de cima uma coluna reta de luz que se estendia sobre o todo do céu e da Terra, mais parecida a um arco-íris do que a qualquer outra coisa, porém mais resplandecente e mais pura. Decorrido mais um dia, alcançaram a própria luz e ali, no meio da luz, avistaram as extremidades de seus laços estendidos do céu, pois a luz se unia aos céus à maneira dos cabos que cingem os flancos de uma trirreme. E das extremidades estendia-se o *Fuso da Necessidade*, através do qual revolvem todas as órbitas. Sua haste e gancho são de aço, ao passo que seu volante espiralado é de uma liga de aço com outros tipos de materiais. A natureza desse volante era esta: sua forma era parecida a

uma espiral comum, mas baseados no depoimento de *Er*, devemos entender sua estrutura da maneira que se segue. Era como se um grande volante espiralado fosse tornado oco por ser inteiramente escavado, com um outro volante menor intimamente encaixado dentro dele, como caixas que se ajustam e se contêm uma dentro da outra, e havia um terceiro volante dentro do segundo, e assim por diante, totalizando oito volantes, uns dentro de outros, com seus aros aparecendo como círculos quando olhados de cima, enquanto da parte posterior formavam um volante contínuo em torno do fuso, o qual era movido pelo centro do oitavo. O primeiro volante ou volante externo possuía o aro de círculo mais largo; o do sexto era o segundo mais largo; o do quarto era o terceiro mais largo; o oitavo era o quarto; o sétimo era o quinto; o quinto era o sexto; o terceiro era o sétimo; o segundo era o oitavo mais largo. O aro do maior era reluzente; o aro do sétimo era o mais brilhante; o aro oitavo tomava sua cor do resplandecimento do sétimo sobre ele; o segundo e o quinto eram mais ou menos iguais em brilho, mais amarelos do que os outros; o terceiro era o mais branco de todos; o quarto era de um tom avermelhado e o sexto era o segundo em alvura. O fuso inteiro girava à mesma velocidade; porém, à medida que girava, as esferas ou círculos internos revolviam suavemente num sentido oposto àquele do todo. Dessas esferas internas, a oitava era a mais rápida; em segundo lugar vinham a sétima, a sexta e a quinta, todas em velocidade idêntica; parecia-lhes que a quarta era a terceira no que respeitava à sua velocidade de revolução; a quarta, terceira e a segunda, quinta. O fuso em si mesmo girava no regaço da *Necessidade*, sobre os seus joelhos, e no alto, sobre cada um dos aros dos círculos se postava uma sereia, que

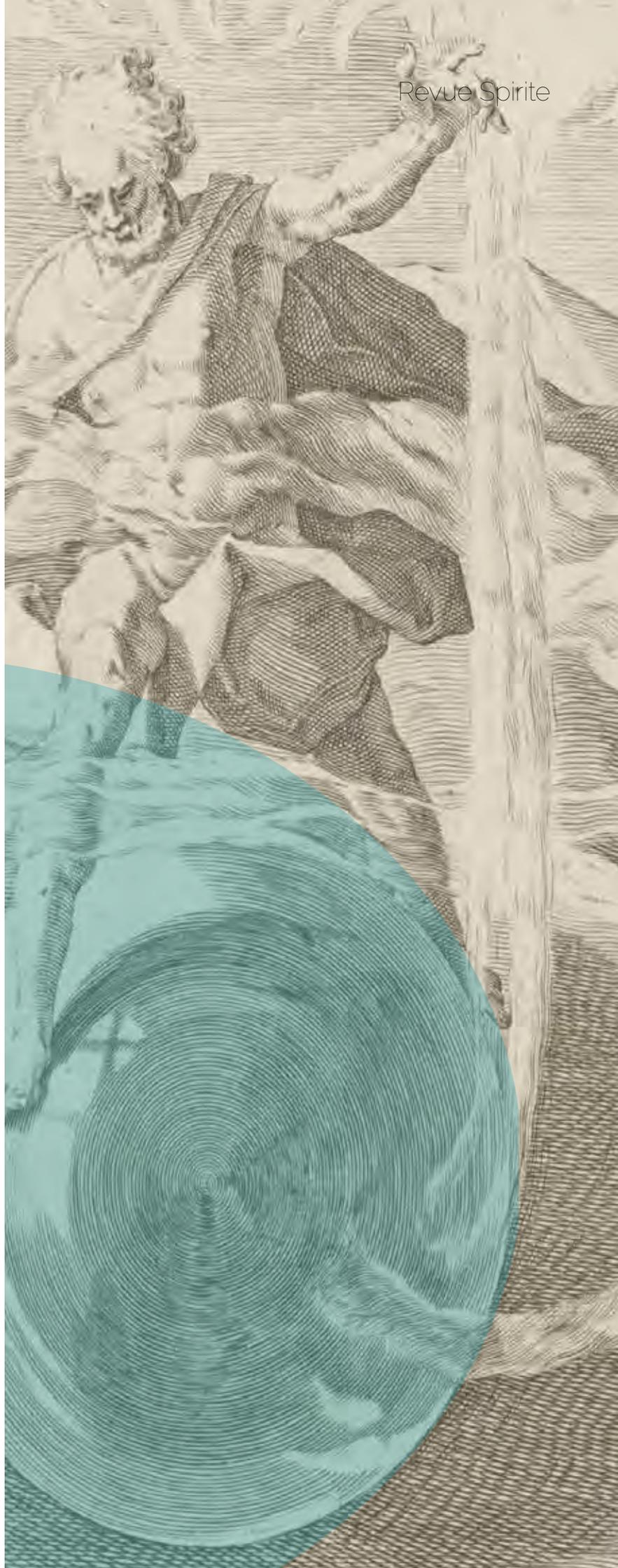
acompanhava sua revolução emitindo um só som, uma única nota. E a concórdia das oito notas produzia uma só harmonia. E havia três seres sentados equidistantes uns dos outros, cada um sobre um trono. Estes eram as *Parcas*, as filhas da *Necessidade*: *Láquesis*, *Cloto* e *Átropos*. Vestiam-se de branco, tinham coroas de flores nas cabeças e cantavam em uníssono com a música das sereias. *Láquesis* cantava as coisas do passado, *Cloto* as coisas do presente e *Átropos* as coisas do futuro. Com sua mão direita, *Cloto* tocava a circunferência externa do fuso auxiliando no giro, mas fazia uma pausa intermitente; *Átropos* fazia o mesmo com as circunferências internas e *Láquesis* auxiliava alternadamente ambos os movimentos, um com uma mão e o outro com outra mão." (Platão 2006, 449-50)

O texto acima afigura-se demasiado alegórico à mente concreta; é preciso meditá-lo, talvez valer-se de mais saberes, para tocar-lhe a realidade transcendente. De nossa parte, numa visão pessoal, e que nada tem de absoluta ou dogmática, traduzimos a figura da *Necessidade* como a *Lei de Evolução*, determinismo a que todos estamos submetidos, e o *Fuso da Necessidade*, mecanismo de sua execução, como a *Lei de Reencarnação*. E nessa viagem da alma, rumo à luz, pelos muitos *volantes* – as diversas esferas espirituais, diríamos –, passado, presente e futuro se entrelaçam, em obediência à *Lei de Justiça, de Amor e de Caridade*, formando um todo harmônico, sob o regulete das *Parcas*, as *Senhoras do Destino*.

Então, atingido o termo daquela viagem, em que as almas viram a *Necessidade*, o *Fuso da Necessidade*, e *Láquesis*, e *Cloto*, e *Átropos*, diz *Er*:

"Quando as almas chegaram na luz, tiveram imediatamente de se apresentar perante *Láquesis*, onde um intérprete divino as dispôs em ordem,

tomou do regaço de *Láquesis* uma quantidade de sortes e de modelos de vidas, subiu a um alto púlpito e lhes falou: "Eis a mensagem de *Láquesis*, a filha virgem da *Necessidade*: *Almas que vivem por um dia, este é o início de um outro ciclo de geração mortal, no qual o nascimento é o portador da morte. Teu daimon não será destinado a vós por sorteio, mas o escolhereis. Aquela a quem couber a primeira sorte será a primeira a eleger uma vida à qual estará vinculada pela necessidade inescapável. Mas a virtude nenhum senhor conhece e cada alma a deterá num grau maior ou menor na medida da estima ou do desdém que lhe atribuir. A responsabilidade é de quem escolhe, não cabendo ao deus responsabilidade alguma.* Dito isto, o intérprete divino jogou as sortes entre todas elas e cada uma, salvo *Er*, a quem não fora permitido escolher, colheu a sorte que caiu próximo de si. E todo aquele que colhera uma sorte viu claramente qual número que havia tirado. Em seguida os modelos de vidas foram colocados sobre o solo diante delas, numa quantidade muitíssimo superior ao das almas ali reunidas; eram de todos os tipos, pois havia ali as vidas dos animais, bem como todas as variedades de vidas humanas. Havia tiranias entre elas, algumas das quais duravam a vida toda, enquanto outras findavam no meio do caminho através da pobreza, do exílio e da indigência. Havia vidas de homens famosos, alguns deles famosos devido à sua bela aparência, outros por sua força física ou destreza no atletismo, outras ainda devido ao seu nascimento nobre e às virtudes de seus ancestrais. E havia também vidas de homens que não eram famosos e não tinham se destacado devido a nenhuma dessas coisas. E havia o mesmo no que tangue às vidas femininas. Mas não havia nenhuma determinação do perfil e qualidade da alma, pois a escolha de





uma diferente vida determinava inevitavelmente a alteração do caráter da alma. Mas todas as demais coisas ali estavam, mescladas entre si e com riqueza, pobreza, doença, saúde e as condições intermediárias entre elas." "Ora, parece que é aqui, Glauco, que reside o perigo supremo enfrentado por um ser humano. Em razão disso, cada um de nós tem de negligenciar todos os demais assuntos e concentrar-se principalmente na investigação e no aprendizado daqueles que nos capacitarão a distinguir a vida que é boa daquela que é má e sempre realizar a melhor escolha possível em todas as situações. O ser humano deverá considerar todas as coisas que mencionamos e estimar como elas conjunta e individualmente determinam o que se assemelha à vida virtuosa. Dessa forma, ele saberá quais são os efeitos bons e maus da beleza quando esta se acha combinada com

a riqueza, a pobreza e com um estado particular da alma. Ele conhecerá os efeitos do nascimento nobre ou do vil, da vida privada ou da vida pública, da força ou debilidade físicas, da facilidade ou dificuldade de aprendizado e de todas as coisas que ou pertencem naturalmente à alma, ou são adquiridas, e ele saberá qual o resultado que alcançam quando combinadas entre si. E em decorrência de tudo isso, ele se capacitará, ao considerar a natureza da alma, a decidir racionalmente qual vida é melhor e qual é pior e conseqüentemente fazer sua escolha, classificando uma vida de pior se esta tornar a alma mais injusta, de melhor se tornar a alma mais justa e ignorando tudo o mais: vimos ser este o melhor meio de escolher, seja na vida ou na morte. Daí, temos de descer ao *Hades* presos, com uma determinação inabalável, à convicção de que assim é, para que lá não nos





deslumbremos com a riqueza e outros males deste jaez, nos precipitemos em atos tirânicos ou algum outro procedimento similar, perpetremos males irreparáveis e soframos males ainda piores. E precisamos sempre saber como escolher a mediania em tais vidas e como nos esquivar a um ou outro extremo, na medida do possível, tanto nesta vida, neste mundo, como em todas aquelas vindouras. É assim que um ser humano se torna maximamente feliz." (Platão 2006, 450-2)

Conquanto aluda à *metempsicose*, nessas linhas, o mito segue pontuando diversos assuntos e princípios do Espiritismo.

Conduzidas à presença de *Láquesis*, as almas ouvem do *hierofante*, o intérprete divino, que deverão retornar às lutas terrenas, pelas portas da *reencarnação*. É-lhes comunicado que escolherão os próprios *gênios* ou *dai-*

mons, que outra coisa não é senão o *espírito protetor*, de acordo com *O Livro dos Espíritos*. Da mesma forma, o *livre-arbitrio* fica enunciado, vendo-se, ainda, a bondade divina oferecer *infinitos* modelos de vida terrena – *mescladas entre si e com riqueza, pobreza, doença saúde e as condições intermediárias entre elas* –, deixando a alma tomar a que mais deseje, na construção do seu progresso; ressalta, ainda, que é preciso distinguir *qual vida é melhor e qual é pior* para a alma, segundo esta a torne justa ou injusta; e aconselha, para a máxima felicidade, uma vida mediana. Tudo, nesse ponto, como falam os Espíritos Superiores. Sócrates, no fio da história, diz a Glauco:

"Então nosso mensageiro do outro mundo relatou que o intérprete divino falou nos seguintes termos: *Há uma vida satisfatória em lugar de uma má disponível mesmo para aquele que*

by Jean Baptiste de Poilly, "Plafondschildering met Grieks pantheon van goden en helden" (1612), engraving, Detail. Rijksmuseum





by **Cornelis Bos**, "Leda en de zwaan" (1544 - c. 1545), engraving, Rijksmuseum

4. *Orfeu* foi um músico, poeta e profeta grego, morto pelas mãos das *mênades* de Dionísio.

5. *Tamires* é um músico da mitologia grega, filho de *Filamon*.

6. *Ájax* é um dos personagens da Guerra de Tróia, narrada na *Iliada*, de Homero.

7. *Aquiles* foi um herói grego da Guerra de Troia, protagonista da *Iliada*, de Homero.

8. *Agamenon* foi o comandante supremo dos gregos durante a Guerra de Tróia.

9. *Atalanta da Caledônia*. Virgem caçadora e corredora imbatível, destinada a permanecer solteira. Desposada por *Hipômenes*, foi com ele transformada num casal de leões pela deusa *Reia*.

10. *Epeu* é um personagem da *Iliada* de Homero. Construiu o *Cavalo de Tróia*, sob a inspiração da deusa *Palas Atena*.

11. Foi um soldado comum e de aparência disforme que participou da Guerra de Tróia.

12. Personagem da *Iliada* e da *Odisseia* de Homero. Mais conhecido como *Ulisses*.

vem por último, desde que ele escolha sabiamente e viva seriamente. Portanto, que os primeiros não revelem descuido em sua escolha nem os últimos desencorajamento."

"Ele disse que quando o intérprete divino lhes comunicou isso, aquele a quem coube a primeira sorte se apressou desabaladamente a escolher a maior das tiranias. Na sua loucura e avidez, ele a escolheu sem o devido exame e não percebeu que, entre outros males, ela incluía estar ele destinado a comer seus próprios filhos e outros horrores. Quando se dispôs, contudo, a examinar a vida que escolhera com calma, golpeou o próprio peito e deplorou a escolha que fizera, e, ignorando a advertência do intérprete divino, culpou o acaso, os dáimons e tudo o mais por esses males, exceto ele mesmo. Ele era um daqueles que descera do céu, tendo vivido sua existência anterior sob uma forma de governo bem ordenada, da qual participara por força do hábito e não devido à filosofia. Falando em termos gerais, pode-se dizer que, de fato, a maioria daqueles que foram apanhados dessa maneira eram almas que haviam descido do céu e destituídas, conseqüentemente, do exercício e experiência do sofrimento. A maioria daquelas que haviam ascendido da terra, ao contrário, tendo sofrido elas próprias e assistido ao sofrimento alheio, não demonstraram pressa em fazer suas escolhas. Devido



a isso e às possibilidades do sorteio, houve uma permuta de bens e males para a maioria das almas. Entretanto, se alguém se dedicava à filosofia de uma maneira íntegra quando viesse a viver aqui sobre a Terra, e se o sorteio não o tornasse um dos últimos a escolher, então, com base no que *Er* relatou a respeito do próximo mundo, parece que não apenas seria ele feliz aqui, como também sua viagem daqui para lá e de retorno não seria pela áspera senda subterrânea, mas pelo brando caminho celestial."

"*Er* disse que o modo pelo qual as almas escolheram suas vidas foi algo digno de ser visto por constituir um espetáculo a um tempo lamentável, engraçado e surpreendente. Na maior parte dos casos, suas escolhas dependiam do caráter de suas existências anteriores. Por exemplo, ele declarou ter observado que a alma que fora *Orfeu*⁴ escolheu a vida de um cisne porque odiava o sexo feminino devido a ter sofrido a morte nas mãos deste, assim não desejava que uma mulher o concebesse e desse à luz. *Er* viu a alma de *Tamires*⁵ escolhendo a existência de um rouxinol, um cisne optando pela vida de um ser humano e outras aves canoras fazendo o mesmo. A vigésima alma elegeu a vida de um leão, e esta era a alma de *Ájax*⁶, filho de *Télamon*. Ele evitou a vida humana porque se lembrou do julgamento feito em torno das armas de *Aquiles*⁷. A próxima alma foi a de *Agamemnon*⁸,

cujos sofrimentos também o levaram a detestar a espécie humana, de modo que escolheu a vida de uma águia. Tirando uma das sortes intermediárias, *Atalanta*⁹ viu as grandes honras proporcionadas a um grande atleta e escolheu esta vida, incapaz de resistir a ela. Depois dela, ele viu a alma de *Epeu*¹⁰, o filho de *Panopeu*, assumindo a natureza de uma artesã. E muito próximo do final, ele avistou a alma do ridículo *Térsites*¹¹ vestindo a si mesmo com o corpo de um símio. Ora, coube à alma de *Odisseu*¹², tirando a última sorte, fazer sua escolha por último, e visto que a lembrança de seus árduos trabalhos e padecimentos anteriores afugentara seu amor às honras, ela demorou para efetuar a escolha, procurando pela vida de um cidadão ordinário que cuidava de seus próprios negócios e, com dificuldade, a encontrou depositada num canto e desconsiderada pelas outras almas; ele a escolheu alegremente e disse que teria feito a mesma escolha mesmo se tivesse sido o primeiro a quem coubesse escolher. E ainda outras almas se converteram de animais em seres humanos, ou de um tipo de animal em outro, pessoas injustas se convertendo em animais selvagens e justas em animais domesticados, e toda uma gama de misturas e combinações ocorreram." (Platão 2006, 452-4)

O quadro apresentado nesses parágrafos é dos mais instrutivos.

Em que pese o aviso do *hierofante*, de



by Jean Baptiste de Poilly, 'Plafondschildering met Grieks pantheon van goden en helden' (1612), engraving, Detail. Rijksmuseum

que *há uma vida satisfatória em lugar de uma má disponível*, a alma da *primeira sorte*, levada pela incúria, fez uma escolha enganosa, culpando, em seguida, o mundo, incapaz de enxergar a própria imperfeição. Diz o mito que esta alma acabara de descer do céu, ou seja, tratava-se de uma alma jovem, há pouco saída das mãos do Criador. Diz também, que não só ela, mas quase todas as almas de tão tristes opções, careciam de experiências e padecimentos. Agora, as almas vindas da terra, tendo sofrido e assistido o alheio sofrimento, faziam melhor escolha, embora não se furtassem a todos os malefícios. Entretanto, asseverava, qualquer fosse a escolha, se alguém cultivasse o amor e a sabedoria, nesta vida, seria feliz aqui, e ao retornar às esferas espirituais, não seguiria *pela áspera senda subterrânea, mas pelo brando caminho espiritual*. Essa última imagem, a da senda, não seriam as regiões sombrias do astral inferior, as *aberturas*, do mito, e as *estradas*, de André Luiz? Em João, 5:24, temos Jesus: "Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passa da morte à vida." Ele não estaria falando dessas almas credoras, bem-aventuradas, as quais não vão a juízo, ou seja, não terão de

passar pelas zonas umbráteis, sendo-lhes facultados caminhos luminosos, acesso direto a *Planos Superiores*?

Também é digna de menção a assistência do *hierofante*, intérprete da divindade, à feição dos orientadores nos processos reencarnatórios, como descreve o Espírito de André Luiz em *Missionários da Luz*. Os modelos de existências – de homens, de mulheres, de animais –, e dentre estes, de atletas, da fama, da beleza, de nascimento e de homens comuns – esqueçamos, aqui, a *metempsicose*, doutrina não esposada pelo Espiritismo – lembrem-nos os casos ordinários de reencarnação, em moldes padronizados, destinados à generalidade dos reencarnantes na Terra, mas, também, os casos que pedem planos específicos, como o do Silvério, o qual renasceria com uma perna defeituosa, conforme vemos no capítulo "Preparação de Experiências".

Destacamos também a influência das vivências transatas na eleição de novas existências. *Orfeu e Agamenon*, em função das violências sofridas, transmigram a corpos inferiores; *Odisseu*, cujas lutas e dores lhe haviam servido ao progresso, preferiu uma vida comum, longe de honrarias, e tudo com muita alegria. Estas eram das almas com alguma vivência, e *Odisseu*, das



que veem com maior clareza a *Lei de Evolução*.

Vamos ao trecho final de *Er, o Panfilio*: “Depois que todas as almas escolheram suas vidas, na sequência de suas sortes, dirigiram-se a *Láquesis*, obedecendo à mesma ordem na qual haviam feito suas escolhas, e ela designou a cada uma o daimon escolhido pela alma, na qualidade de guardião de sua vida e cumpridor de sua escolha. Esse daimon primeiro conduziu a alma a *Cloto*, que girou o fuso a fim de confirmar o destino que o sorteio e sua própria escolha lhe haviam concedido. Após receber dela um toque, o daimon conduziu a alma à roca de *Átropos* para que a teia de seu destino, que fora tecida, fosse tornada irreversível. Em seguida, sem se voltarem, se deslocaram dali, passaram sob o trono da *Necessidade* e, quando todas o haviam feito, viajaram para a *Planície do Lethe*¹³ através de um calor terrível, escaldante e sufocante, pois era desprovida de árvores e de toda espécie de vegetação terrestre. E ali, às margens do *Rio Lethe*¹⁴, cuja água nenhuma embarcação pode conter, elas acamparam, pois, a noite se avizinhava. Todas elas tiveram de beber uma certa quantidade dessa água, mas aquelas que não foram salvas por seu bom senso beberam mais do que

isso – e à medida que cada uma bebia, esquecia tudo e adormecia. Mas por volta da meia-noite houve um estrondo de trovão e um abalo sísmico, e elas foram repentinamente carregadas dali, de uma maneira e de outra, rumo ao alto para seus nascimentos, ao modo de estrelas cadentes. *Er* havia sido proibido de beber daquela água. Seja como for, ele não soube como retornou ao seu corpo; apenas ao despertar, repentinamente viu a si mesmo à aurora deitado sobre a pira.” (Platão 2006, 455)

A derradeira etapa da narrativa de *Er*, como toda ela, recamada de sublimes verdades, é a imagem dos últimos passos do itinerário reencarnatório.

Após definir o gênero de provas da sua próxima jornada, a alma unir-se-á a seu *daimon*, sob o assente de *Láquesis*; em seguida, dirige-se a *Cloto*, que lhe vai avaliar e aprovar o roteiro traçado; e, por fim, na companhia do seu gênio protetor, conhece o que lhe reservou *Átropos*.

É muito claro o papel das *Parcas* nessa fase do retorno da alma à vida corporal. *Láquesis*, *Cloto* e *Átropos*, além de combinarem passado, presente e futuro, em função da *Lei de Causa-e-Efeito*, surgem, a nossos olhos, como tutores dos candidatos ao renascimento, orientando-os quanto à ma-

13. *Planície do Esquecimento*.

14. *Rio da Negligência*.

neira mais adequada de se conduzirem no planeamento dos seus programas evolucionários.

A descida à desolada *Planície do Esquecimento* e a ingestão das águas do rio *Lethe*, exprimem, com muita propriedade, as horas difíceis que antecedem o mergulho da alma no corpo material. O Espírito André Luiz conta em *Missionários da Luz*, livro citado acima, as angústias e vacilações de Segismundo, mesmo assistido por amigos dedicados, de largas conquistas espirituais, dirigentes da *Colônia Nosso Lar*. É claro, as suas angústias e vacilações deviam-se ao passado de quedas e ao receio de falir novamente.

Explícita é, também, a imperiosidade do esquecimento do passado, aqui medida pelo quanto a alma sorva das águas do *Lethe*, temática cuidada no Capítulo VII, Segunda Parte, *O Livro dos Espíritos*.

E, por último, o retorno ao corpo e o despertar de *Er, o Panfílio!*

Conclusão de Sócrates:

“E, assim, Glauco, sua história não foi perdida, mas preservada, e nos salvaria se nela acreditássemos e dela nos convencêssemos, porque assim faríamos uma boa travessia do rio do esquecimento, e nossas almas não seriam maculadas. Mas, se formos persuadidos por mim, acreditaremos ser imortal a alma e seremos capazes de suportar todos os extremos do mal e do bem e nos manteremos sempre firmes na senda ascendente, praticando a justiça acompanhada da sabedoria em todas as situações. Dessa forma, seremos amigos tanto de nós próprios quanto dos deuses enquanto estivermos aqui sobre a Terra, e depois – como vencedores dos jogos que caminham colhendo os seus prêmios – receberemos nossas recompensas. E assim aqui nesta vida e na jornada de mil anos que descrevemos, estaremos bem”. (Platão 2006, 455-6)

Como vimos, os mitos platônicos, há vinte e cinco séculos, traziam magnos assuntos do Espiritismo. Dentro dos aspectos morais, isso em toda a filosofia socrática e platônica, predisseram excelsas lições da *Boa Nova*, do Cristo. Quanto aos princípios e filosofia espiritistas, neles topamos com a *existência e a imortalidade da alma*, o *livre-arbitrio*, a *escolha das provas*, o *anjo de guarda*, a *reencarnação*, o *esquecimento do passado*, a *emancipação da alma*, o *mundo espiritual*, a *justiça divina*, a *lei de evolução*, e o *Amor*, que na palavra inspirada do Apóstolo João, é *Deus*.

Esta é uma leitura espírita de *Er, o Panfílio!*





by Jan Harmensz. Muller, "Lot en zijn dochters" (1598 - 1602), engraving, Rijksmuseum

Bibliografia

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2014. São Paulo: Paulus Editora.

KARDEC, Allan. 2010. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. [Luiz O. G. Ribeiro]. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2009. *O Livro dos Espíritos*. [Luiz O. G. Ribeiro]. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2004. "Platão: Doutrina da Escolha das Provas". *Revista Espírita*. Rio de Janeiro: FEB. (Ano I, Nº 9 (Setembro 1858): 371-9).

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 2010. *Entre a Terra e o Céu*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 2010. *Libertação*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 2011. *Os Mensageiros*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 2011. *Missionários da Luz*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 1980. *Pensamento e Vida*. Rio de Janeiro: FEB.

PLATÃO. 2006. *A República*. [Edson Bini]. São Paulo: Edipro.

PLATÃO. 2007. *Diálogos II*. [Edson Bini]. São Paulo: Edipro.

PLATÃO. 2008. *Diálogos III*. [Edson Bini]. São Paulo: Edipro.



Imagens da Campanha **Letras que Apontam Estrelas**, mantida pelo Conselho Federativo Nacional da FEB

Letras que apontam Estrelas

Em 01 de Janeiro deste ano, 2021, o Movimento Espirita Internacional celebra os 175 anos do nascimento de um dos pilares da nossa doutrina, Léon Denis. Verdadeiro apóstolo do Espiritismo, de cuja bondade e inteligência todos somos devedores. As suas obras, alcançam-nos, como fanal abençoado a guiar-nos frente às tempestades desta hora.

Tendo em vista a importância da efeméride, desde dezembro de 2020, quando se completaram 130 anos da publicação da primeira grande obra de Denis, *Depois da Morte*, a FEB, em conjunto com o Conselho Federativo Nacional (do Brasil) e o CEI, vêm promovendo a campanha **Letras que Apontam Estrelas**, em uma série de ações para disseminar a vida e a obra de Léon Denis, tais como, *Lives* sobre aspectos da sua vida e obra, *posts* em redes sociais com curiosidades e frases, saraus artísticos, artigos em revistas e jornais e muito mais. A campanha decorrerá até dezembro de 2021.

Acompanhe **Letra que Apontam Estrelas** através das redes sociais da FEB, CEI ou das federativas estaduais que compõem o CFN, além de outros parceiros, como o Espiritismo.net.

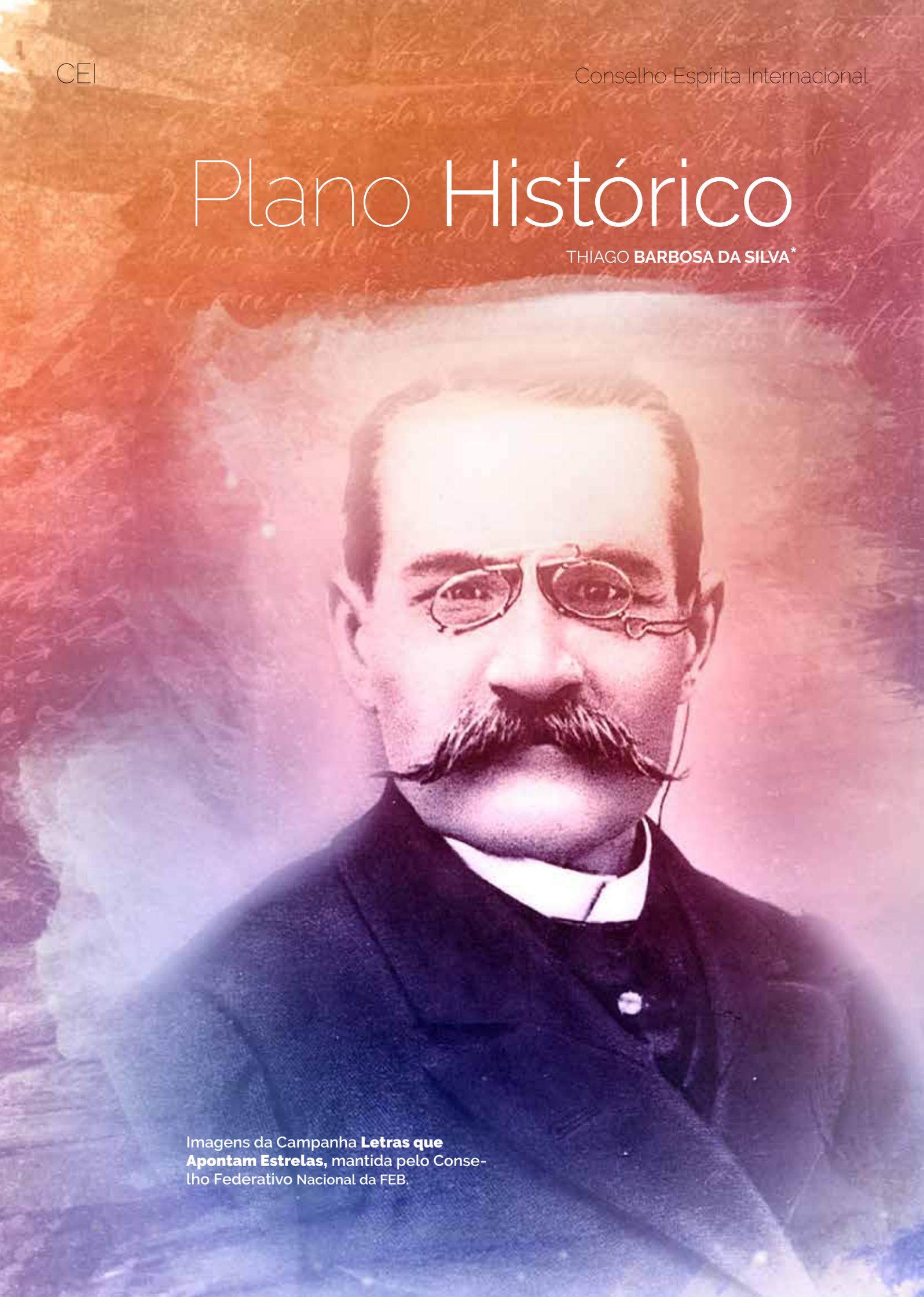
CEI

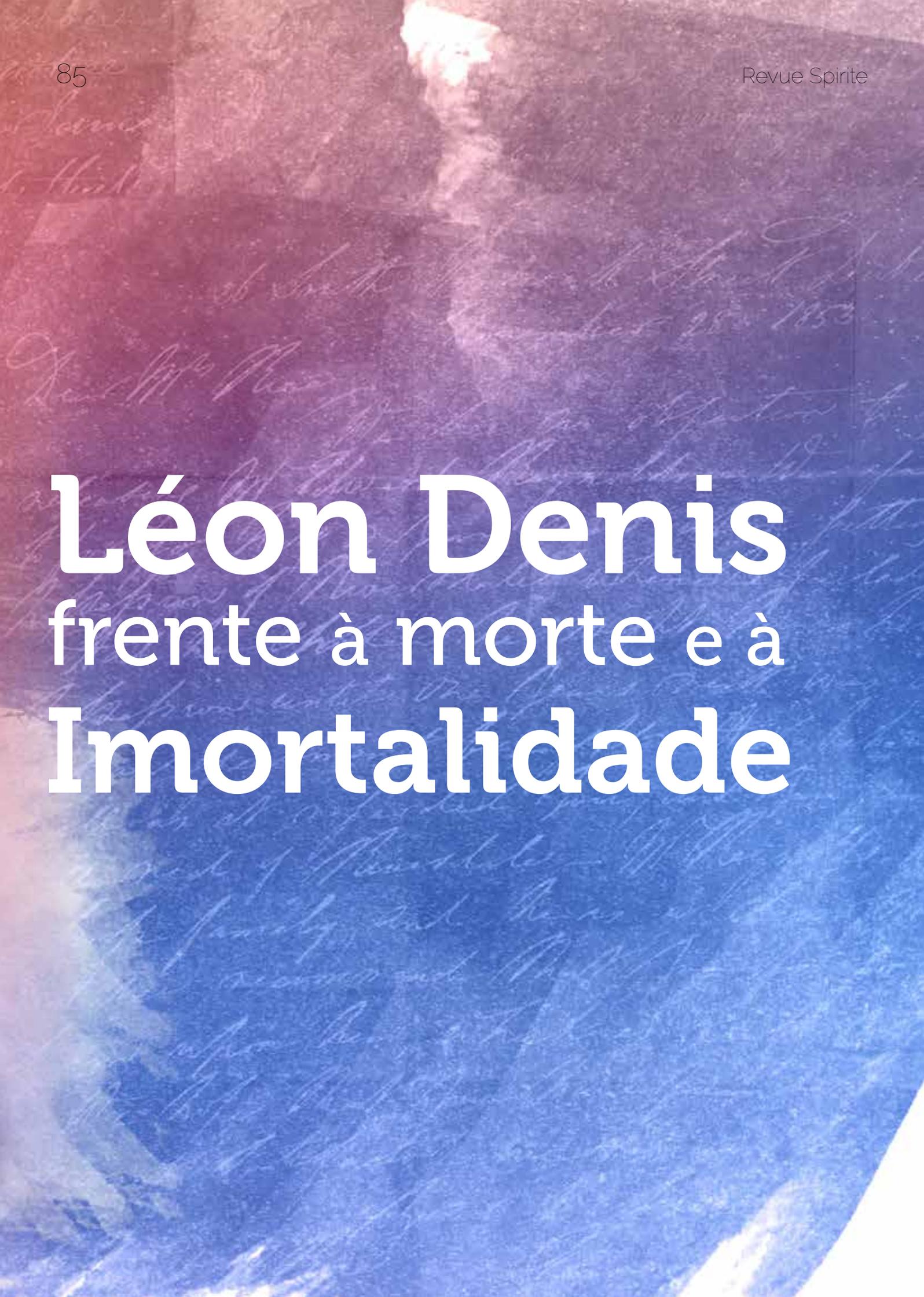
Conselho Espirita Internacional

Plano Histórico

THIAGO BARBOSA DA SILVA*

Imagens da Campanha **Letras que Apontam Estrelas**, mantida pelo Conselho Federativo Nacional da FEB.

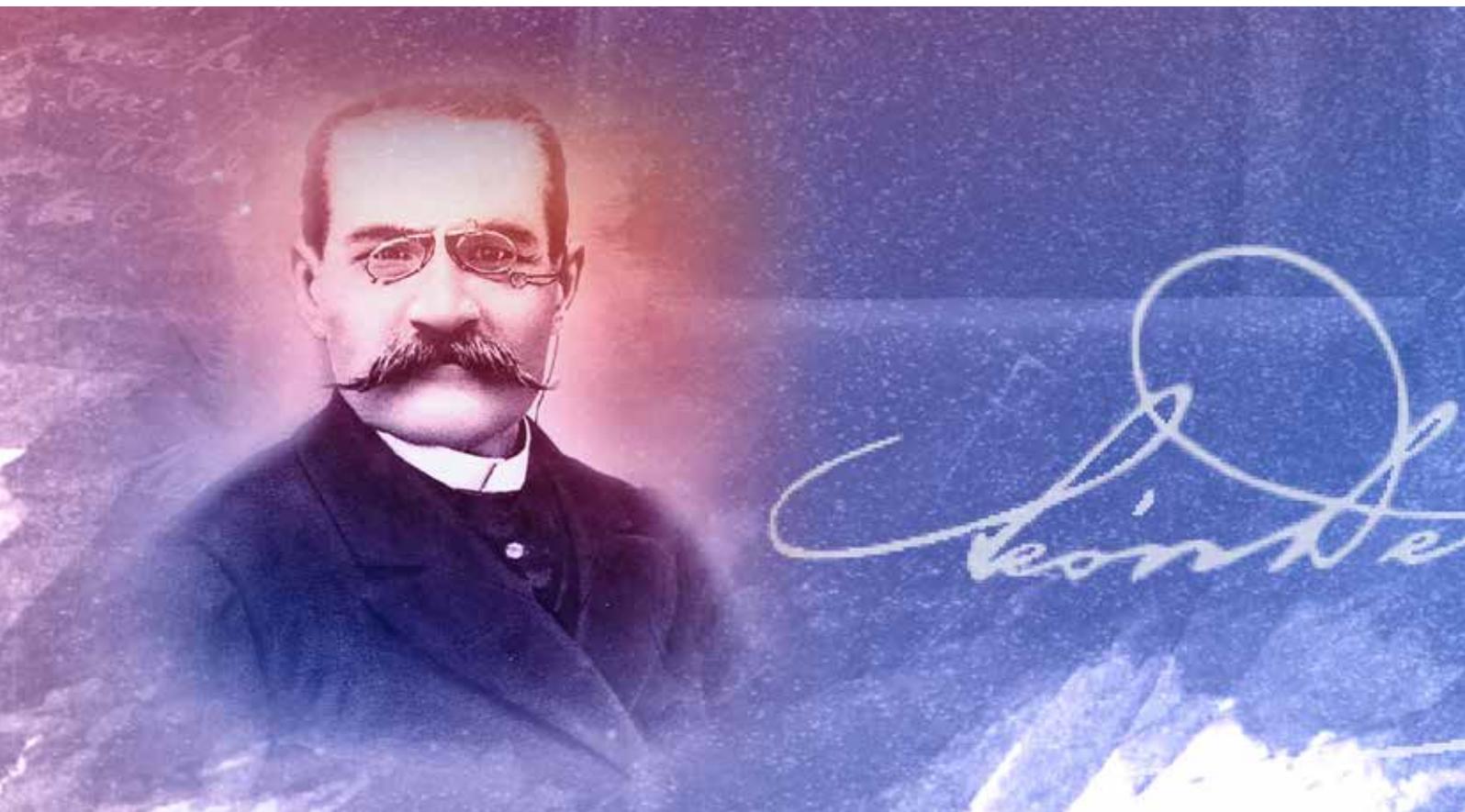




Léon Denis

frente à morte e à

Imortalidade



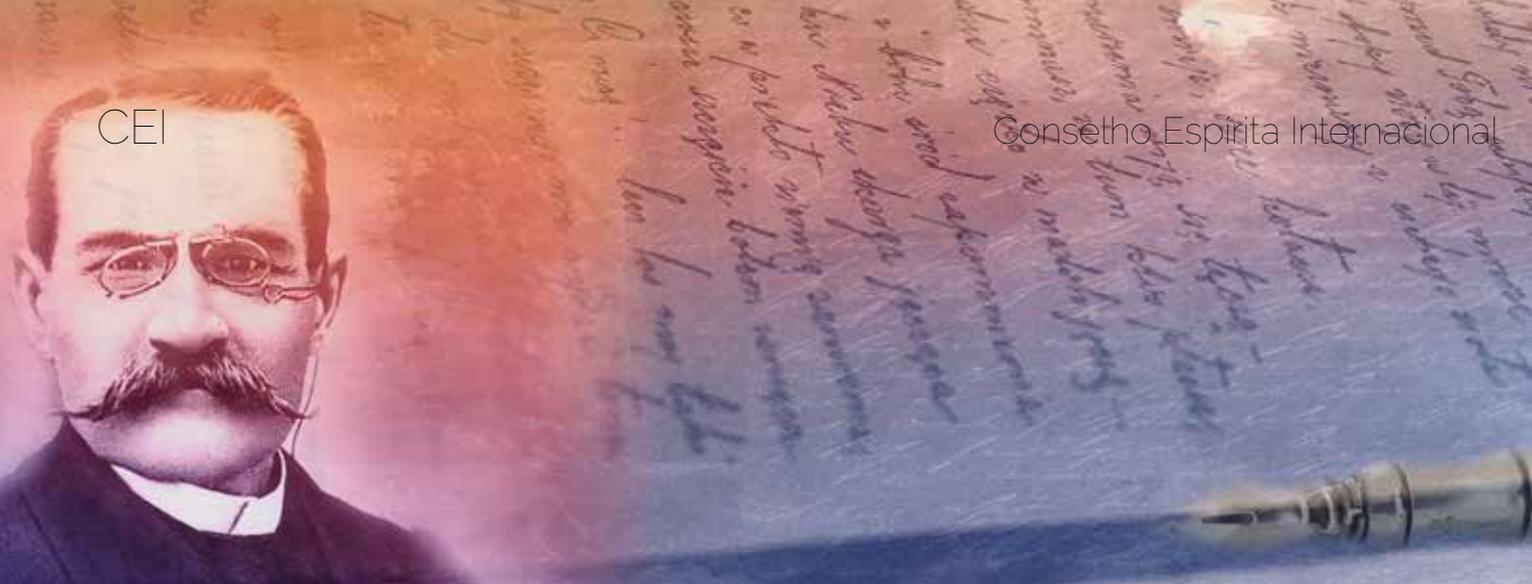
***THIAGO BARBOSA DA SILVA** Cooperou com a Sociedade Espírita Sorella, com o portal Espiritismo.net do Rio de Janeiro e com a Sociedade Espírita Primavera de Juiz de Fora.



Resumo

Desde a mais remota antiguidade, a morte causa medo e terror, por outro lado, sempre houve esperança na imortalidade. Em todas as culturas e civilizações, havia sábios que pregavam a imortalidade. Porém, foi em meados do século XIX que pela primeira vez o invisível foi objeto de experimentações científicas. Léon Denis, o mestre de Tours, baseando-se em muitos experimentos e evidências de sua época, produziu uma literatura filosófica robusta e consistente que é capaz de aplacar as dores e angústias advindas do temor da morte.

Palavras-chave Léon Denis, Morte, Imortalidade.



“

Gostaríamos de, quando nosso envoltório usado retornar à terra, que nosso espírito imortal possa dizer: “Minha passagem neste mundo não terá sido estéril se contribuí para acalmar uma dor, esclarecer uma inteligência em busca do verdadeiro, reconfortar uma única alma vacilante e entristecida”. *Léon Denis*¹

A dor e o luto vestem muitos lares de cores cinza como o inverno triste e frio que convida ao recolhimento e à meditação. A barca de Caronte estacionou em muitas cidades levando diariamente milhares de almas para o além-túmulo, e aqui, na outra margem, as lágrimas banham as faces lúgubres de saudade e dor. Morte, morte... morte, o que és tu? Eis a dúvida do momento.

A crise da COVID-19 tem desafiado a nossa civilização em suas bases; se por um lado a racionalidade iluminista da idade moderna nos legou a tecnologia, relativo bem-estar material e uma ciência de ponta que é capaz de desenvolver uma vacina em tempo recorde, por outro, as promessas da modernidade se transformaram em fantasmas a rondar-nos, como a jovem princesa Cassandra a proferir os agouros de outrora.

A nossa civilização, a modernidade, não foi capaz de responder às grandes perguntas que em outros tempos e ainda hoje atormentam as mentes dos filósofos: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

É nessa tríplice questão que encontramos o fio que as liga: A morte! Ah, a morte! Ela ainda nos apavora. O nada? O paraíso? Inferno e tormenta?

1. Denis, “Depois da Morte”, Introdução.

2. Ver Denis, “Depois da Morte”, primeira parte.

3. Lucas, 9: 28-36 e Mateus 17: 1-9.

4. Ver Denis, “Cristianismo e Espiritismo”, capítulo 5.

5. Ver Miranda, “Cristianismo: a mensagem esquecida”, capítulo 11.

Morte, mistério que fez tremer gregos e troianos; cristãos, muçulmanos e judeus; materialistas e espiritualistas. Há solução para esse enigma?

Quando mergulhamos nas profundezas de nosso ser uma voz se faz ouvir. E o que ela diz? A morte não é o fim, vivemos e viveremos.

Se em um golpe de vista, lançarmos o nosso olhar para as grandes tradições do passado², veremos, enxergaremos a perene doutrina da imortalidade, como estrela fulgurante a cintilar verdade e luz.

Na Grécia, Sócrates admoestando Críton para ter coragem frente ao seu suplício, pois ele não iria morrer, apenas abandonaria o seu corpo. Em Roma, Sêneca se dirigiu com a serenidade estoica para o martírio, estabelecido pela despótica autoridade de Nero, dando testemunho da imortalidade, tão bem pregada por ele em muitas de suas obras. No Egito, Hermes, em comunhão de transcendente beleza, dialoga com a deidade que lhe revela os destinos da alma imortal e perene, sobrevive à morte e, de vida em vida, purifica-se. Na Índia, Krishna canta a imortalidade à Arjuna e, séculos depois, o jovem príncipe Sidarta Gautama, no seio das florestas, ensina aos seus discípulos a imortalidade e a iluminação.

A doutrina pregada e vivida pelo filho do carpinteiro, Jesus, não escapou a essa realidade. No monte Tabor³, em diálogo de transcendente beleza entre Jesus, Moisés e Elias; os dois últimos, como sabemos, vindos do além-túmulo. Na igreja primitiva, desde o pentecoste, o invisível se fez presente em várias comunidades cristãs. A mediunidade, amplamente praticada⁴, era chamada de pneumatismo⁵ (pneuma = espírito), ou seja, um sistema de intercâmbio entre os vivos e os mortos. No período medieval, a pucela de Domremy, Joana D'arc, guiada por vozes e visões do



Tuas obras são
verdadeiro
farol para
todos nós que
navegamos
pelo mar da
existência
terrena

outro mundo, liberta a França desafiando o poder e as convicções da Igreja.

Sim! A vida é perene, cantam-nos as vozes do passado.

Frente a essas reflexões, nosso pensamento viaja até à pequena cidade de Tours, pois ali viveu um nobre e generoso sábio. As suas obras, à semelhança dos antigos templos e oráculos gregos, onde a deusa Atena soprava para as sibilas as grandes verdades dos céus, eram povoadas pela sabedoria das almas que muitos amam e uma inteligência semelhante à ave de Atena que é capaz de enxergar nas noites mais escuras.

Quem é esse sábio? Léon Denis! Espírita que era e é, a morte lhe era objeto constante de reflexão.

Escreve-nos: "Um daqueles que você ama vai morrer. Debruçado sobre ele, o coração apertado, você vê estender-se, lentamente, sobre seus traços a sombra do Além. O fogo interior lança apenas pálidas e trêmulas luzes; e eis que se enfraquece ainda mais, depois se apaga. E agora, tudo o que, nesse ser, atestava a vida, esse olho que brilhava, essa boca que emitia sons, esses membros que se agitavam, tudo está velado, silencioso, inerte. Sobre esse leito fúnebre, há somente um cadáver!" E mais à frente questiona e sentencia: "Que homem não se perguntou sobre a explicação desse mistério e, durante o velório, nesse colóquio solene com a morte, pôde não pensar no que o aguarda a si próprio? Este problema nos interessa a todos, pois todos nos submeteremos à lei. Importa-nos saber se, a essa hora, tudo está terminado, se a morte é apenas um melancólico repouso no aniquilamento ou, ao contrário, a entrada numa outra esfera de sensações." (Denis 2011, 12 -13)

Para Denis, bem como para a Doutrina Espírita, a morte não é o fim. À semelhança das estações do ano, a morte é um breve inverno que é sucedido por uma viril primavera⁶. É a "lei circular" que rege a vida e a morte, que preside a evolução dos espíritos da condição de simples e ignorantes⁷ até à perfeição, que através da lei dos renascimentos⁸, a reencarnação, eleva o Espírito de degrau a degrau, como no sonho do patriarca Jacó⁹ que viu a escada evolutiva que ia da terra ao céu.

Mas a imortalidade não é uma simples crença, ela é baseada em fatos. Desde as investigações do mestre lionês, Allan Kardec, o invisível, ou o além-túmulo foi objeto de análise experimental cuidadosa, e as duas humanidades se uniram em

6. Ver Denis, "O Grande Enigma", capítulo 15.

7. Ver Kardec, "O Livro dos Espíritos", questão 115.

8. Ver Denis, "O problema do Ser, do Destino e da Dor", capítulos 13 e 19.

9. Ver o livro de Gênesis 28,11-19.

10. Luce, "Léon Denis...", Capítulo 2.

11. Ver Kardec, "Breve Excursão Espírita".

um laço de apoio mútuo. As vozes dos céus, ou seja, Espíritos superiores, vieram revelar-nos toda uma nova realidade, aquilo que se passa do lado de lá, extraindo dessa realidade as leis que regem esse novo continente, o continente do invisível.

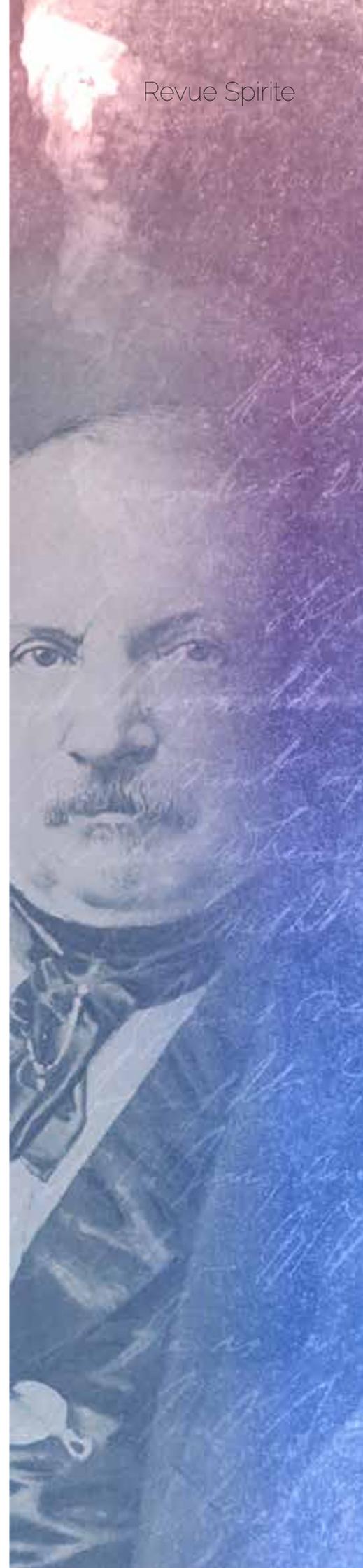
Desde então, uma nova ciência se estabeleceu e avançou. Nomes de vulto ofertaram o seu contributo para construção do grande edifício, de que Allan Kardec estabeleceu as bases, principalmente em *O Livro dos Médiuns*. Nos EUA, nomes como dos acadêmicos William James e James Hyslop; na Inglaterra, o químico William Crookes e o físico e reitor da Universidade de Birmingham Oliver Lodge; na Itália, o psiquiatra e pai da antropologia criminal Cesare Lombroso e o professor de filosofia da Universidade de Turim, Ernesto Bozzano; na França, o Nobel de Fisiologia Charles Richet e o naturalista e discípulo de Louis Pasteur, Paul Gibier. Apenas para citar alguns.

Léon Denis, em muitas de suas obras, como em *O Porquê da Vida* (1885), *Depois da Morte* (1889), *O Além e a Sobrevivência do Ser* (1901), e *No Invisível* (1903), utiliza-se de muitos destes sábios pesquisadores para sustentar os argumentos da sua perene filosofia. Aí, encontramos um verdadeiro repositório de experimentos, casos e ponderações que evidenciam a sobrevivência do Ser.

Mas, Léon Denis, ele mesmo, pôde experimentar a realidade do Invisível e da perenidade da alma. Desde o Grupo da Rua du Cygne¹⁰, fundado logo depois da passagem de Allan Kardec em Tours, em 1867,¹¹ Denis fez-se experimentador competente, cuidadoso e lúcido, até o final da sua vida, em 12 de abril de 1927; ou seja, praticamente 60 anos de contato com o Invisível através de diversos médiuns, com diferentes modalidades e aptidões.

É com uma crença firme, baseada em fatos e evidências, que Denis alcança um dos períodos mais dramáticos da história da humanidade, a Primeira Guerra Mundial, ocorrida de 1914 a 1918. Ela, que inaugurou o breve século XX, trouxe todas as conquistas científicas e tecnológicas a serviço da destruição. À semelhança do que ocorre hoje, com a crise da COVID-19, na Primeira Guerra Mundial milhões de almas morreram, deixando saudades sem conta.

Denis, a seu turno, se ergueu como um verdadeiro gigante. As suas obras foram lidas por uma multidão ávida de consolo e respostas. A morte era o fim? Não! Respondia o mestre de Tours.





Nem a filosofia e a religião da época conseguiam aplacar as dores e feridas. O materialismo filosófico apontava o nada; a igreja e seus vigários o inferno terrível para alguns, o céu entediante para outros. Mas ninguém dizia do reencontro, da perenidade dos afetos. Entretanto, nas obras de Léon Denis, há o supremo consolo através de fatos e argumentos.

Nada mais consolador para um pai que perdeu o filho; a esposa, o marido; a noiva, o noivo, do que a esperança do reencontro. Saber que não é o fim, mas uma viagem, onde os nossos amados partiram primeiro e, logo depois, o reencontro.

Nesse período, mesmo praticamente cego por uma catarata, Denis correspondia-se com milhares de pessoas de todo o mundo. O mestre, não se furtava em responder com carinho e afetuosidade.

Para demonstrar todo o poder das obras do mestre, separamos uma pequena carta da senhorita Jeanne Flavier, onde ela diz:

"17 de janeiro de 1920.

Senhor.

Eu temia ser importuna se a leitura de vossos livros não me tivesse dado uma grande confiança da bondade de vossa alma.

Muito afligida pela guerra, esta leitura me reconforta e deixa uma calma em minha alma jamais experimentada até então. Perdemos sucessivamente um irmão de vinte anos, um pai, médico-major de 1ª classe, desencarnado em seguida de uma moléstia muito penosa, contraída nos hospitais e, em 1918, um outro irmão de 28 anos, capitão da 4ª Artilharia, também se foi.

Minha pobre mãe, numa tristeza penosa, porém muito piedosa, guardava no fundo do coração uma vaga esperança de rever nossos seres amados e corajosamente vivia para mim e meu jovem irmão, classe 1917, que felizmente retornou a casa. Quanto a mim, com a alma em revolta, não podendo compreender certas injustiças de nossa religião, quase me inclinava

para o nada. Foi quando uma amiga começou a me falar do Espiritismo; lemos vossos livros e outros ainda, e toda a sublime lógica que promana deles nos prendeu, nos dominou e acalmou em nós os rancores da vida, dando-nos confiança e fé no futuro. Minha querida mãe está agora sorridente, quase feliz! Eu desejaria, caro senhor, prosseguir até mais longe neste estudo e venho vos solicitar alguns conselhos.

Muitas vezes temos feito girar a mesa, evocando meus irmãos. Tivemos provas indiscutíveis de sua presença junto a nós; mesmo anteontem eu cheguei a escrever algumas frases muito piedosas provindas de meu jovem irmão. Não conhecendo ninguém no mundo espírita, eu desejaria saber a quem me dirigir para assistir a uma reunião e talvez chegar a reencontrar meus irmãos. Embora receando abusar de vossos preciosos momentos, eu vos pediria alguns conselhos a fim de chegar ao melhor sem cometer erros.

Com todos os meus agradecimentos pelo grande bem que já haveis feito, crede, senhor, em minha alta consideração.

Jeanne Flavier" (Baumard 1981, 179-180)

Como vemos, pelo testemunho da senhorita Flavier, a mensagem espírita que encontramos na obra de Léon Denis tem o poder de regenerar o coração, aplacar a dor e dirimir a dúvida. Denis, portanto, continua atual como nunca, principalmente nos dias que seguem, onde a dor e a morte visitam muitos lares e corações.

Por fim, ousamos em responder: Sim, bom mestre, tuas obras aplacaram muitas dores, esclareceram milhares de inteligências e reconfortaram muitos corações. Tuas obras são verdadeiro farol para todos nós que navegamos pelo mar da existência terrena.

Pequena Rogativa ao Mestre de Tours

Homenagem a Léon Denis no dia em que fez 94 anos sobre o seu retorno à Pátria Espiritual. Mensagem de Claire Baumard (Biógrafa e secretária de Léon Denis)
Médium: T. B. S.
Rio de Janeiro, 12 de abril de 2021

[VEJA AQUI](#)

Bibliografia

- BAUMARD, Claire. 1981. *Léon Denis na Intimidade*. Matão: O Clarim.
- Bíblia de Jerusalém, nova edição revista e ampliada*. 2008. São Paulo: Paulus.
- DENIS, Léon. 1994. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB.
- DENIS, Léon. 2011. *Depois da Morte*. Rio de Janeiro: CELD.
- DENIS, Léon. 2014. *O Grande Enigma*. Brasília: FEB.
- DENIS, Léon. 2018. *O problema do Ser, do Destino e da Dor*. Brasília: FEB.
- KARDEC, Allan. 2007. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB.
- KARDEC, Allan. 2007. "Breve Excursão Espírita". *Revista Espírita*. Rio de Janeiro: FEB. (Ano 9, N. 7. (Julho 1867): 271-276).
- LUCE, Gaston. 2003. *Léon Denis - o Apóstolo do Espiritismo. Sua vida sua obra*. Rio de Janeiro: CELD.
- MIRANDA, C. Herminio. 2016. *Cristianismo: A Mensagem Esquecida*. Matão: Casa Editora O Clarim.

Espiritismo com Crianças e Jovens



DANIEL ASSISI*

OS Últimos Dias de um Modelo Educativo Ultrapassado



***Daniel Assisi**, Ed.D., MPA, PMP, atua internacionalmente como consultor de planejamento estratégico para organizações na área da educação e como executive coach para líderes do setor de fins não lucrativos. Daniel é também autor e palestrante dedicado a promoção do Espiritismo em língua inglesa.

Resumo

Em meio à atual transição planetária, vai-se tornando cada vez mais evidente que os nossos atuais sistemas educacionais não mais nos servem bem. A melhoria paulatina de nossa postura educacional também não será suficiente para a nova era: urge sua imediata reinvenção. É chegada a hora de entendermos nosso papel na educação dos jovens não mais como protagonistas, mas como coadjuvantes; não mais como diretores educacionais, mas como facilitadores do processo de aprendizado daqueles que já vêm preparados para uma nova maneira de pensar e agir. Para melhor nos adequarmos a essa nova realidade, tiramos três lições do maior professor de todos os tempos, Jesus: 1) Somos todos educadores e não podemos mais esperar que apenas profissionais e voluntários tenham a responsabilidade pela formação de nossos jovens; 2) Necessitamos de um foco maior no âmbito das emoções antes do desenvolvimento do intelecto; e 3) É necessária uma ênfase maior na construção de *times* diversos, com perspectivas diferentes, que nos ajudem a crescer juntos de maneira harmoniosa. Só assim realizaremos a visão profética expressa por Lucas em *Atos dos Apóstolos*, quando o Espírito de justiça, bondade e conhecimento do Senhor será verdadeiramente derramado sobre todos os povos, através de uma educação mais profunda e abrangente, sinalizando uma nova realidade para todos os habitantes de nosso planeta.

Palavras-chave educação, nova era, transição planetária, nova pedagogia, andragogia.

A silhouette of a person's head and shoulders in profile, looking upwards against a bright, golden sunset sky. The person is wearing a dark jacket. In the foreground, there are several out-of-focus, glowing yellow circles, likely bokeh from city lights at night. The overall mood is contemplative and hopeful.

A Geração Nova

“

O fim que se aproxima é o dos hábitos e comportamentos que nos prendem ainda às nossas tendências menos nobres e mais egoísticas

“E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos.” (Atos 2:17)

Resta pouca dúvida, para aqueles de nós acordando para a realidade espiritual, de que vivemos hoje um momento ímpar em nossa história. E se nós, individualmente, enfrentamos momentos por vezes desafiadores nos dias de hoje, o que dizer da coletividade terrestre nas atuais circunstâncias? Nosso planeta azul, há milênios condutor de nossas almas em aprendizado pela imensidão do espaço sideral, parece por vezes se estertorar mediante a frequência e intensidade das calamidades que nos são impostas através do mecanismo irrevogável de causa e efeito. São atos terroristas por aqui, terremotos e tsunamis acolá, uma pandemia global paralisando o planeta e, mais adiante, violência e intolerância para com o próximo despontando aparentemente em toda a parte... Onde quer que olhemos, o fim dos tempos parece-nos descortinar-se como realidade, aqui e agora.

Mas se o negativismo do mundo físico se faz presente em quase toda a parte, para nós, spiritistas, há motivo para tranquilidade interior e até mesmo esperança: enquanto muitos de nossos irmãos se preocupam com o fim do mundo, nós compreendemos - através de contínua revelação mediúnica - que se trata do fim dos tempos, e não do orbe. O fim que se aproxima é o dos hábitos e comportamentos que nos prendem ainda às nossas tendências menos nobres e mais egoísticas, e não o nosso fim ou o do planeta que nos abarca. Assim, vivemos hoje no limiar de uma nova era, em meio de uma verdadeira transição moral de escala planetária - conceito cada vez mais conhecido dentro do meio espírita. São esses, então, os “últimos dias” que nos narra Lucas em *Atos dos Apóstolos*: momentos de transformação coletiva que não se pode mais postergar. Inclusa também nessa equação divina se encontra a educação.

E porque todo fim implica um novo começo, ficamos nós esperançosos de que o amanhecer da nova era não tardará. Mas enquanto vislumbramos atentamente o horizonte longínquo à procura do Sol resplendoroso do mundo novo, por vezes olvidamos que os raios de luz nos chegam aos poucos, antes mesmo que possamos vislumbrar o astro rei em toda a sua glória. Verdade é que a clareza matutina sempre se manifesta antes da presença do Sol. Desta forma, é também certo que o Senhor de Tudo já vem derramando de seu Espírito sobre todos os povos, como nos diz Lucas. Graças à benevolência divina, já encarnam entre nós irmãos espirituais preparados para a feitura de um mundo novo. São eles nossas crianças e nossos jovens, protagonistas da nova era. Embora muitas vezes o ignoremos, nosso futuro já caminha entre nós. Há, sem dúvida, motivo para esperança...

Mas todo o novo começo também implica um fim. Se já compreendemos a importância da educação infantil e juvenil para o mundo e, em particular, dentro do Movimento Espírita, quase sempre a encaramos como viés de mão única. Ou seja: nos prendemos ainda ao paradigma de que somos nós, a geração atual, os chamados "adultos", que educaremos a nova geração - sem nunca nos perguntarmos como ela nos educará. Presos ainda à nossa percepção material, esquecemos de ver com o espírito; esquecemos que a espiritualidade maior achou por bem encaminhar essa nova leva de Espíritos à vida terrestre nesse momento específico e que, se assim foi, isso se deu porque trazem latente em si as qualidades necessárias para a feitura da nova era¹. E se assim for, por que não podemos aprender também com eles?

Não é surpresa, então, que encontramos grandes desafios hoje na área da educação - espírita ou não. Estamos ainda cristalizados no passado, receosos do "diferente" que o futuro nos trará. Procuramos ainda nos utilizar de meios e pedagogias que não atendem às necessidades da nova era - e de seus primeiros "inquilinos". Em nossas salas de aula ou centros espíritas, nossas perspectivas não os satisfazem. Nossos métodos não os cativam. Nossas explicações não ressoam em suas almas. E é bem verdade que, se pararmos para ouvirmos a nós mesmos, veremos que por vezes nossas próprias práticas, hábitos e explicações não mais nos apeteçam. Nós as abraçamos por razões diversas, desde a aceitação impensada da herança de nossos pais até à própria limitação da nossa imaginação...

Irmãs e irmãos, estamos em um momento de mudança. Ante nós, uma crise silenciosa se desdobra: nossos filhos pedem um *approach* educa-

cional novo, nós não sabemos como corresponder, e ambos ficam frustrados. Muitos não se satisfazem no âmbito escolar tradicional; muitos não se acham interessados por nossas atividades de infância e juventude no grupo espírita. Enquanto isso, nós, os pais, não entendemos o porquê e, por vezes, diagnosticamos essa postura diferente da nova geração até como rebeldia - quando por vezes pode ser fruto de um simples desinteresse por algo que lhes parece irrelevante. Enquanto isso sucede, nos desconectamos uns dos outros, nos afastamos dentro de nossas próprias casas, a família se desintegra aos poucos, e a sociedade se dilacera ante os nossos olhos. E o que fazer? Como resgatar um sistema (ou mentalidade) educacional que vem falhando há tempo e agora finalmente se desmorona ante os nossos olhos?

A melhor pista para acharmos uma solução para esta grande dificuldade talvez esteja na raiz do problema: a própria transição planetária. Embora teimemos em insistir, talvez o resgate de nosso sistema educacional atual não seja possível - ou quisto. Em outras palavras: talvez o convite do momento não seja para o esforço de melhoria de sistemas antigos, mas sua completa revolução. Quem sabe "transição planetária" significa realmente despir-se do homem velho, da antiga maneira de viver que nos corrompe por desejos enganosos, para sermos renovados no modo de pensar? (Efésios 4:21-22) Afinal, a idéia de evolução constante a que temos nos acostumado ao aprender mais sobre o périplo da alma através dos tempos não preclui momentos de "destruição" - como Kardec e os bons Espíritos nos lembram na pergunta 728 de *O Livro dos Espíritos*. Talvez este seja o momento onde paramos de tentar resgatar sistemas antigos, criados por nós mesmos em tempos

1. Uma leitura da recente trilogia de Manoel Philomeno de Miranda (psicografada por Divaldo P. Franco) ajuda a aclarar o conceito.

“

Estamos ainda
cristalizados no
passado, receosos
do “diferente” que o
futuro nos trará

outros, quando sabíamos ainda menos do que sabemos hoje. Afinal, “últimos dias” implicam término, não conserto. Será que insistir na ignorância não seria um convite ao desastre?

E se assim for, o que faremos?

Resta-nos uma boa opção: recomeçar. Reinventar.

Se não sabemos aonde caminhar, que olhemos para aqueles que estão mais adiante - e que foram preparados para essa caminhada. Eles, sim, podem nos mostrar os próximos passos da jornada. Desta forma, que prestemos mais atenção aos jovens - não como pupilos, mas como professores. Que deixemos de lado nossas preferências por alguns momentos para ouvir as deles; que eles

nos digam o que os interessa; que eles nos falem do que gostam e querem aprender; e que eles nos comuniquem como melhor o fazer. E que, cientes de nossa natureza espiritual, lembremos que também devemos sempre aprender e evoluir - não só eles. Afinal, transição planetária não é só para os outros: ela necessariamente começa em nós. É chegada a hora de entendermos nosso papel na educação dos jovens, mais como coadjuvantes do que como protagonistas.

E para aqueles entre nós que relutam em ver nossos jovens como nossos professores ainda nesta encarnação (como eu às vezes o faço, confesso), pensemos em outro Espírito que também se encontra à nossa frente na

“ Procuramos ainda nos utilizar de meios e pedagogias que não atendem às necessidades da nova era - e de seus primeiros **“inquilinos”**”



caminhada divina e nos pode seguramente bem aconselhar: nosso irmão mais velho, Jesus. Examinar a postura de Jesus quanto à educação traz-nos dois benefícios: primeiro, conhecendo sua envergadura espiritual, ficamos mais tranquilos quanto ao caráter de seus preciosos conselhos e, segundo, temos o exemplo vindo direto de uma outra época de grande transição planetária - quando o Cristo encarnou na Terra para mudar sua história para todo o sempre. O que teria o Seu exemplo, então, a nos dizer, dois mil anos depois? Vejamos somente três pontos para não nos alongarmos em demasia:

1) Somos todos educadores

O único título que Jesus aceitou quando conosco foi o de "mestre" (João 13:13). Embora saibamos que nossa realidade difere ainda muito da d'Ele, também compreendemos que Ele veio nos mostrar o caminho. (João 14:6) Assim sendo, é necessário que nos façamos professores também - tanto à sua imagem quanto possível. Ou seja: lembremos que a educação dos jovens não é dever somente dos evangelizadores infante-juvenis em nossos Centros Espíritos, ou dos professores em nossas escolas. Como pais, cabe-nos a educação de nossos filhos. É chegada a hora de não mais terceirizarmos sua educação espiritual. Afinal, eles foram-nos confiados - e não a seus professores de escola ou do agrupamento espírita. Seria justo esperar, por exemplo, que nossos trabalhadores voluntários da casa espírita arquem com toda a responsabilidade de educar nossos filhos espiritualmente, quando os encontram somente por uma ou duas horas por semana? Pais, tios, avós, amigos, família: estamos sendo chamados a um papel maior na educação de nossos pequenos. A própria pandemia confirma a teoria: restritos às nossas casas, teremos que irremediavelmente estar mais presentes na educação escolar

dos mesmos... Então, porque não também na espiritual?

2) Sentimento antes do intelecto

Talvez porque nos conhecesse tão bem ao ponto de saber que nosso intelecto ainda é direcionado por nosso sentimento, Jesus falou sempre primeiro ao coração humano, antes de engajar nossas mentes. Foi sempre ao encontro daqueles que sofriam, daqueles que eram alienados pela sociedade de seu tempo, da ovelha desgarrada que sofria solitária (Lucas 15:3-7). Mais tarde, viria o Espírito de Verdade nos lembrar desta mesma proposta quando nos convidou em 1860 a amarmos uns aos outros, antes mesmo de nos instruímos². Para nós, no começo do século XXI, a mensagem ainda ressoa fortemente: vemos nos problemas do mundo de hoje não a falta de conhecimento ou de intelecto, mas a ausência de uma maior fraternidade. Não será surpresa, então, que quando examinarmos com um olhar crítico nossos sistemas educacionais acharemos uma ênfase desproporcional na aquisição de conhecimento em detrimento do desenvolvimento dos hábitos de auto-descobrimto e colaboração.

E se formos ainda mais analíticos, devemos nos perguntar (sem julgamento algum) se as atividades em nossos agrupamentos espíritos também refletem essa triste realidade. Quem sabe está aí a resposta para aqueles que ainda procuram entender porque muitos de nossos jovens não retornam ao Centro Espírita, uma vez que seus pais não podem mais lhes impor a presença... Sem o cultivo dos laços da amizade, sem a descoberta de como lidar com nossos sentimentos e conflitos, sem nos sentirmos bem-quistos e apreciados, não há como manter relacionamentos. Felizmente, já há uma tendência crescente, nos meios educacionais, para que prestemos maior

2. Ver Kardec, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Cap. VI, item 5.

atenção ao desenvolvimento sócio-emocional de nossos jovens, antes mesmo do intelectual. A pergunta para os nossos líderes e educadores espíritas fica então no ar: nossas atividades estão dando prioridade à construção de relacionamentos (e resolução de conflitos) mais do que à simples aquisição de conhecimento? E se não, o que faremos? É claro, podemos também nos perguntar o mesmo individualmente... Se nada fizermos, se nada mudarmos, continuaremos a abanar as labaredas do intelecto desregrado, uma das causas principais da fogueira dos problemas do mundo moderno.

3) Um *time* diverso

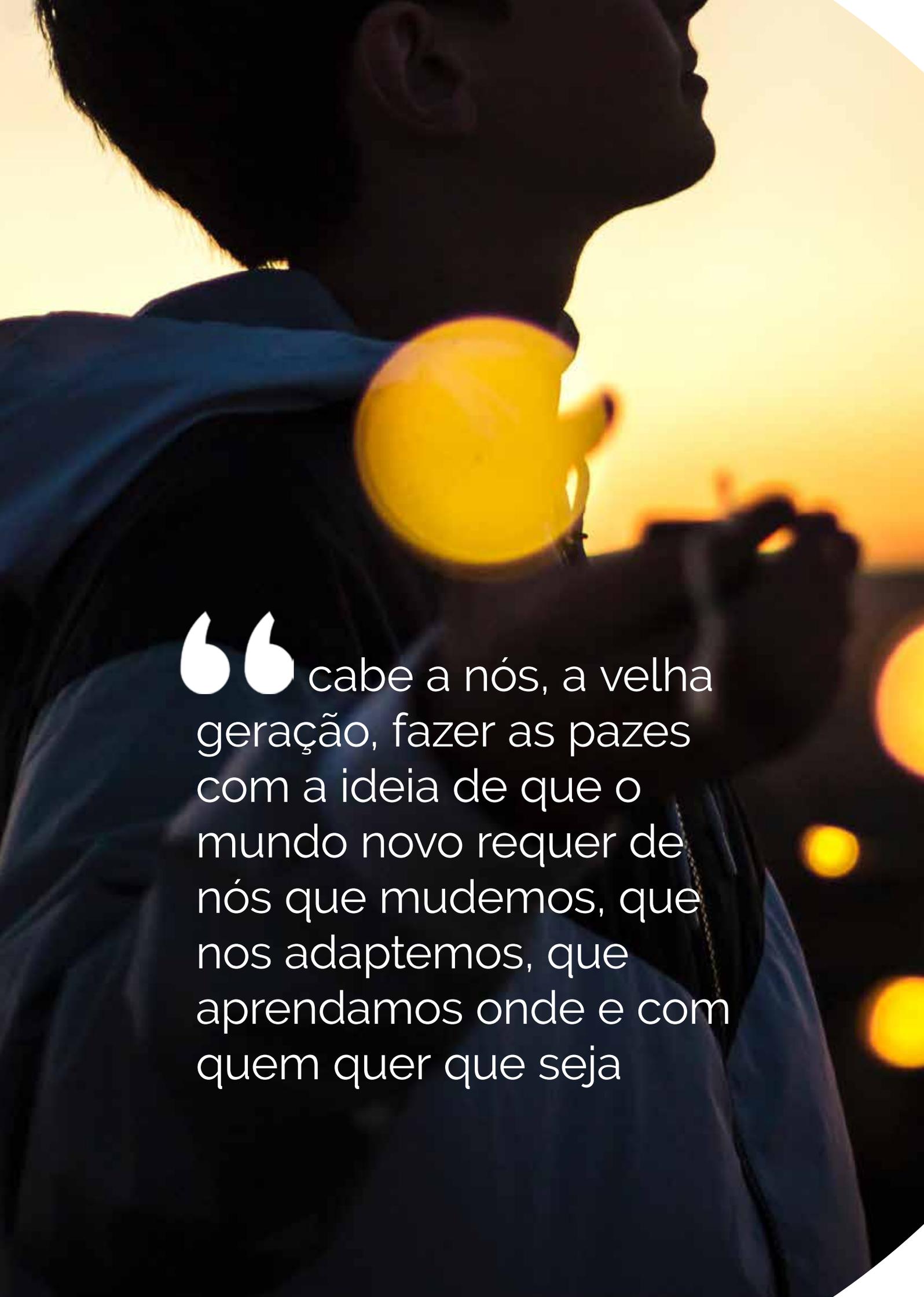
Nosso último ponto é tão simples como os dois primeiros - embora também passe muitas vezes despercebido em nosso dia a dia. Estamos procurando nos expor ao que é diferente para aprendermos mais ou será que nos acostumamos a conviver e amar só aqueles que nos amam? (Lucas 6:32) Temos convidado uma diversidade maior de ideias e perspectivas para a nossa vida, ou será que nos contentamos só com aquilo que nos é confortável? Nosso mundo carece de tolerância talvez porque não precisamos mais conviver com aqueles que pensam de maneira diferente de nós: a tecnologia de hoje nos permite procurar as notícias, os grupos sociais, as causas, e até os amigos, de acordo com nossos desejos e inclinações. Tudo se ajusta a nós, e nós pouco nos ajustamos ao mundo. Pouca necessidade temos de conviver com aqueles que pensam diferente, já que há tantas opções e facilidades no mundo. E quando o fazemos, por falta de prática, nós os vilificamos... Será isso realmente o que queremos para os relacionamentos humanos? Felizmente,

temos Jesus para nos redirecionar.

Jesus nos dá um exemplo bem claro de como podemos proceder para fomentar nosso próprio crescimento. Desde o começo de suas atividades, Jesus procurou montar um *time* de talentos diversos: pescadores e coletores de impostos, judeus e publicanos, jovens e adultos, personalidades dóceis e fortes... O resultado? Uma mensagem imperecível que perdurará por toda a eternidade, mesmo que Jesus nunca tenha escrito sequer uma frase da magistral estória gravada em nossos livros sagrados... E nós? Temos convidado perspectivas diferentes para nossas vidas? E nossos grupos espíritas? Temos convidado perspectivas diferentes para participar ativamente de nossas atividades e direção? Temos jovens presentes? Temos procurado diversificar nossas atividades para abranger talentos e preferências distintas? Ou será que preferiremos ainda a palestra pública onde um só fala, enquanto todos os outros ouvem, sem grande interação do público? Jesus, mais do que ninguém, nos lembra da necessidade e valor da conversa simples e prática em grupos menores, dos momentos de "perguntas e repostas" - em suma, da importância dos grupos de estudos, onde se pode mergulhar mais profundamente nos tópicos e onde não há a necessidade de parábolas...

Ao lembrar alguns dos muitos exemplos que Jesus, o Educador Supremo de Almas, nos legou, podemos mais claramente entender quanto trabalho ainda resta a ser feito em nosso tempo. Sem dúvida, o momento de transição planetária nos chama à reinvenção de perspectivas, hábitos e práticas - especialmente no âmbito da educação, seja ela formal ou espiritual.

“ a educação há de se revolucionar, de maneira radical, para suprir as necessidades do Espírito imortal em sua trajetória ascendente

A silhouette of a person's head and shoulders in profile, looking upwards against a bright, golden sunset sky. The person is wearing a dark jacket. The background is filled with warm, glowing bokeh lights, suggesting an outdoor setting at dusk. The overall mood is contemplative and hopeful.

“ cabe a nós, a velha
geração, fazer as pazes
com a ideia de que o
mundo novo requer de
nós que mudemos, que
nos adaptemos, que
aprendamos onde e com
quem quer que seja

Enquanto nós, “velhos” da era atual, sonhamos com um modelo educacional mais abrangente e eficaz para o “futuro”, nossos jovens já vêm apontando a necessidade de uma nova visão para o paradigma educacional - dentro ou fora do Centro Espírita. Por causa de suas próprias experiências, eles já o conseguem ver mais claramente. Serão, no entanto, nossos filhos mais jovens, nossas crianças, que profetizarão mais precisa e intensamente como a nova era se descortinará - e como a educação há de se revolucionar, de maneira radical, para suprir as necessidades do Espírito imortal em sua trajetória ascendente. Teremos que ter ouvidos de ouvir - pois eles, arautos da nova era, saberão como proceder, melhor do que nós, guardiões do mundo velho. Desta forma, cabe a nós, a velha geração, fazer as pazes com a ideia de que o mundo novo requer de nós que mudemos, que nos adaptemos, que aprendamos onde e com quem quer que seja - especialmente com nossos filhos. Afinal, se não logramos êxito aprendendo com eles agora, forçosamente o faremos quando reencarnarmos. Mas aí, já teremos perdido tempo precioso, alongando o fim dos tempos mais do que necessário. Por que, então, não sonhar com a transformação da velha geração aqui e agora?

Bibliografia

Bíblia Sagrada, Almeida Revista e Corrigida. 2020. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

CAMARGO, Pedro. 2015. *Nas Pegadas do Mestre.* Brasília: FEB.

CAMARGO, Pedro. 1976. *O Mestre Na Educação.* Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 2009. *O Evangelho Segundo o Espiritismo.* Brasília: FEB.

Mensagem psicofônica recebida pelo médium
Jacobson **Sant'Ana Trovão**,
em reunião privativa do
Grupo Espírita Bezerra de Menezes,
na cidade de Goiânia - Brasil

Palestras

Familiares de
Além-túmulo

Hoje

A

Desobsessão

e o

Código DivinoPelo Espírito **Natanael**

Que Jesus conforte os nossos corações!

Irmãos meus, amigos de minh'alma, agradeçamos ao nosso Pai Celestial por nos permitir corrigir os enganos do passado, nas bênçãos do trabalho.

Consagrai vossas horas à atividade do Bem.

Buscai encontrar o tempo apropriado para o vosso aprendizado acerca da matéria Espiritualidade.

Estudai com profundidade o Evangelho de Jesus, ora interpretado pela Doutrina Espírita. Atentai para esse estudo, porque toda atividade requer especialização.

Cada etapa do desenvolvimento de uma tarefa exige do trabalhador um dispêndio de força compatível com o resultado que se almeja. Se é iniciante, para adaptar-se a um serviço em curso, deverá superar etapas sucessivas em esforço contínuo, às vezes persistir em estágios suarentos para atingir o nível



Photo by Dave Hoefler on Unsplash

daqueles que já se graduaram na atividade. Se for veterano deverá prosseguir sem desânimo, em estudos permanentes, para qualificar-se ante novos desafios, compatíveis com a amplitude das responsabilidades que lhe são cometidas.

O grupo mediúnico voltado à desobsessão segue o mesmo curso de progresso na enfermagem espiritual. As responsabilidades se avolumam, as exigências se ampliam, situações mais complexas se desdobram ao longo do tempo, demandando larga dose de dedicação para socorrer aqueles que estão sob sofrimentos atrozés, premidos por perseguições insistentes ou envoltos nas ilusões da dominação de almas.

Para atender casos assim, tanto a equipe de encarnados quanto a de desencarnados precisa dilatar seus estudos, aperfeiçoar conhecimentos, aprofundar na matéria, saindo da superficialidade, da leitura frugal, para buscar o sentido maior das lições que a Doutrina Espírita nos traz.

Especificamente, ao grupo de desobsessão, requer-se um melhor conhecimento do Evangelho, porque desobsidiar é mudar o foco da atenção, é neutralizar a ideia repetitiva, persistente, por vezes devastadora, que retira a vitalidade do ser, e dar nova amplitude de percepção à mente circunspecta. E se assim é, somente o Evangelho de Jesus dá a condição para a interrupção desses estados mentais.

Perdoem-nos aqueles estudantes do plano físico dedicados à terapia da mente perturbada, não desmerecemos nenhuma escola psicológica que possa contribuir para a sanidade. Mas, quando a enfermidade decorre de ligações psíquicas perturbadoras, somente o Evangelho é capaz de oferecer as bases para a mudança interior e dar às mentes enoveladas no ódio motivos novos para a saúde integral.

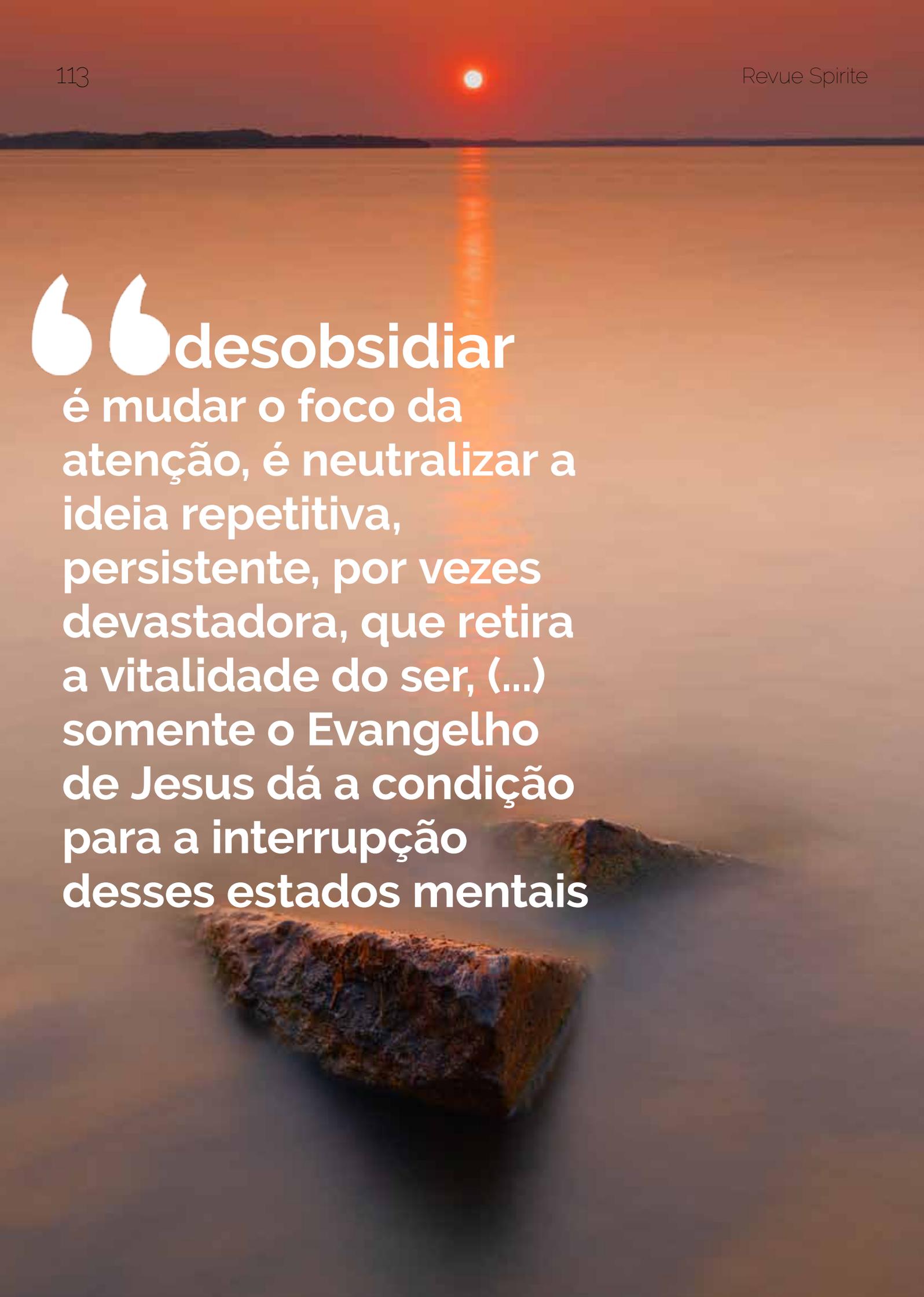
Existem aqueles que ainda acreditam que desobsessão é afastamento de influências. Não é. Porque não se afastam dois corações ligados por interesses comuns, sobretudo se isso ocorre desde muito tempo. É preciso que os dois mudem a forma de pensar, para que ocorra a libertação mútua.

Casos existem em que o afastamento momentâneo é possível e surge como remédio para o fortalecimento dos envolvidos, mas chegará o tempo do reencontro necessário aos ajustes emocionais.

Mesmo naqueles casos das obsessões consideradas oportunistas, de perseguições espontâneas, como ocorre com os trabalhadores dedicados ao bem, que sofrem o assédio de entidades batidas na inveja, por puro desejo de perturbar a seara, tumultuar caminhos, não se pode dizer que decorrem exclusivamente do acaso, são provas necessárias que muito contribuirão para o progresso dos chamados perseguidos e perseguidores. E não é raro que, quando submetidos à avaliação subconsciente, em ambos identifiquemos vínculos ocultos na noite dos tempos.

Caso o domínio insistente seja cessado, para que a alma respire em nova esperança, isso decorre das noções Evangélicas que já possam ter sido assimiladas pelos cúmplices da obsessão. Perseguido e perseguidor, no momento em que encontram o Evangelho, transformam-se. Nesse instante ocorre a desobsessão.

Portanto, irmãos e irmãs, tomai o Evangelho diuturnamente e o estudei para que possais ter argumento suficiente para o esclarecimento das mentes daqueles que se manifestam nas sessões mediúnicas. Não se objetiva aqui que o interlocutor apenas fale com primor, mas para que as vossas palavras, envoltas em vibrações de amor, possam tocar a alma do manifestante, ajudando-o a compreender a lição.

A sunset over a body of water with a large rock in the foreground. The sun is a bright orange circle in the sky, reflecting a vertical path of light on the water's surface. The foreground shows a large, dark, textured rock partially submerged in the water. The overall color palette is warm, dominated by oranges, reds, and browns.

“desobsidiar
é mudar o foco da
atenção, é neutralizar a
ideia repetitiva,
persistente, por vezes
devastadora, que retira
a vitalidade do ser, (...)
somente o Evangelho
de Jesus dá a condição
para a interrupção
desses estados mentais

Se ao psicólogo comum requisita-se o conhecimento das mais diversificadas teorias e escolas do estudo da mente e da personalidade, para o lidador da desobsessão o manual de estudo é o Evangelho.

Naturalmente não estamos deixando de considerar O Livro dos Espíritos, bases da ciência Divina, ou o grande manual de intercâmbio que é O Livro dos Médiuns, nem o compêndio da revelação da realidade espiritual que é O Céu e O Inferno, nem podemos olvidar o livro que revela a técnica da movimentação da alma do Mundo Espiritual que é A Gênese.

Todos compõem o conhecimento necessário ao tarefeiro Espírita, mas na tarefa desobsessiva é exponencial a posição do Evangelho, porque está-se tratando almas enfermas, mentes confusas, e a habilidade na técnica para reconduzir os enfermos à saúde, ao atendimento, é obtida no Evangelho de Jesus.

O Livro dos Médiuns é instrumental, o Evangelho é substancial. Um não pode subsistir sem o outro. Consagrai assim um tempo vosso para o estudo do Código Divino da Lei Maior trazida por Jesus. Verificarão que os vossos argumentos no diálogo terão nova claridade. Mesmo que vossas palavras sejam breves, a eficácia será evidente. Contudo, recordemos que ninguém consegue falar suficientemente do Evangelho se não lhe experimentar as lições.

Perdoem-nos a colocação talvez aparentemente posta em termos incisivos. Mas falamos a almas amigas, em trabalho comum. E essa intimidade decorre da nossa união em Jesus, que nos leva a superar excessivo formalismo para vos falar ao coração.

Tenhamos assim no Evangelho, conhecido, vivido e exemplificado, os elementos basilares em todo o atendimento às almas sofridas que se manifestem em vossas sessões de intercâmbio espiritual.

Siga Jesus nos amparando e confortando os nossos corações, no prosseguimento de nossas tarefas.

Que a paz permaneça conosco.

Natanael

Nota: O autor espiritual faz um importante alerta sobre a aplicação do Evangelho no atendimento aos desencarnados, como a obra de conteúdo para toda a argumentação no socorro aos sofredores envolvidos nos processos obsessivos. O Espírito que se apresentou com o nome acima não deu maiores detalhes de sua identidade

“ as vossas palavras,
envoltas em vibrações
de amor, possam
tocar a alma do
manifestante,
ajudando-o a
compreender
a **lição**”

CEI

Conselho Espírita Internacional

Espiritismo e Sociedade

JORGE CAMARGO*



Consejo Espírita de México®

Ação Social Espírita no **MÉXICO**





***Jorge Camargo Zurita** Licenciado em Comunicação pela Universidade Nacional Autónoma do México, com estudos em comunicação política e de crise. Foi presidente e fundador do Centro de Enseñanza Espírita Allan Kardec na Cidade do México e do Consejo Espírita de México.

A caridade é a expressão de um conjunto de virtudes que só a prática do amor permite construir em nós e materializar na ajuda ao próximo, como Allan Kardec enfatiza nos princípios da Doutrina Espírita.

Jesus coloca-a como premissa de qualquer relação com o outro, identificando o amor como a base que deve inspirar e guiar a nossa forma de pensar, agir e mesmo falar.

Nós, espíritas, praticando, nessas três vertentes, a nossa reforma íntima, compreenderemos a sublimidade da Caridade e fá-la-emos crescer em nós.

É assim que os espíritas que integram o Conselho Espírita do México (COEM), não podendo ignorar o enquadramento social em que desenvolvem as suas experiências materiais, reencarnatórias, veem a ação caritativa como uma forma de promover a transformação da sociedade, auxiliando as pessoas menos favorecidas que se encontram em condição de vulnerabilidade.

O COEM incentiva as federações e as casas espíritas que se lhe encontram filiadas a criar, nas suas estruturas, uma área formal que conceba, organize e ponha em prática atividades sociais direcionadas para os

sectores mais vulneráveis das comunidades em que têm a sua residência.

Um dos objetivos destas diretrizes é que cada Casa Espírita se torne num núcleo central da sua comunidade, um “bom vizinho”, reconhecido pelo trato amoroso, fraterno e de porta sempre aberta.

O México tem um território disperso e uma antiga prática espírita que data dos finais do século XIX, altura em que foi criada a primeira Federação Espírita Mexicana, em que foi traduzido, diretamente do Francês, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e, já na primeira década do século XX, em que chegou a ter um Presidente da República que era espírita, Francisco I. Madero.

Hoje, as entidades espíritas já têm ligações a várias instituições às quais se juntam para realizar tarefas sociais e materializar a Caridade a que Kardec e Jesus nos incitam. São lares de idosos, orfanatos e prisões, assistidos regularmente pelos trabalhadores espíritas, através da doação de roupas e alimentos, da realização de tarefas diversas, como a manutenção da higiene dos doentes e das suas instalações (no caso dos lares de idosos e orfanatos), no acompanhamento de reclusos e na realização de palestras sobre a Doutrina e o Evangelho.





No seu trabalho social, os grupos encontram por vezes regras que não permitem conversas espirituais ou religiosas, mas isto não tem sido um obstáculo à realização do trabalho.

Cada região do país é particular. Há casos de insegurança e violência que modificam as tarefas.

As atividades que mais permitem o contacto com pessoas vulneráveis são as caravanas que vão para as zonas mais empobrecidas das comunidades, vilas ou bairros dentro das cidades. Através destas caravanas, alimentos e roupas são doados a pessoas que vivem na rua, e com quem é possível ter um relacionamento mais livre, que permite divulgar a Doutrina Espírita e levar a mensagem reconfortante do Evangelho. Em outras cidades que passaram por processos de extrema violência, grupos espíritas uniram-se a outras organizações para oferecer terapia psicológica e divulgar a Doutrina dos Espíritos aos familiares de pessoas desaparecidas ou assassinadas.

O México é um país grande e o COEM divide-o em quatro regiões que têm as suas respectivas coordenações que apoiam os grupos espíritas.

No Sudeste há comunidades indígenas ou povoados originais que são espíritas, onde se dirigem caravanas para levar livros e auxiliar no estabelecimento de métodos de estudo.

No Noroeste há Estados mais populosos, caracterizados por serem rota de migrantes para os Estados Unidos, em situações de grande precariedade e risco. Falemos de alguns exemplos que nos deixam orgulhosos:

O Grupo de Estudo Espírita de Monterrey atua numa das regiões fronteiriças, apoiando migrantes e outros grupos vulneráveis, oferecendo suporte social e espiritual, além de apoiar zonas de pobreza; outro exemplo é a Federação Espírita de Tamaulipas e Huastecas, a maior do país, que inclui grupos, Casas e Centros Espíritas, desde a fronteira com os Estados Uni-

dos, até ao Sul do país. A sua campanha “Servir a Deus, Servir ao próximo” baseia-se na educação e consciencialização dos trabalhadores espíritas, adultos, adolescentes e crianças, para o serviço social espírita, orientando-os para a empatia com as necessidades materiais e espirituais do próximo. A ênfase é colocada na realização de encontros fraternos e palestras espíritas, no Evangelho em Lares para Idosos, e em visitas a hospitais para apoiar os doentes e os seus familiares.

Para além do auxílio aos que necessitam, a assistência social espírita tem também o objetivo de preparar os trabalhadores para viverem de perto o estado de necessidade do próximo.

A reforma íntima não pode ser sólida se não for construída sobre o serviço aos outros.

“

a assistência social espírita tem também o objetivo de preparar os trabalhadores para viverem de perto o estado de necessidade do próximo





“

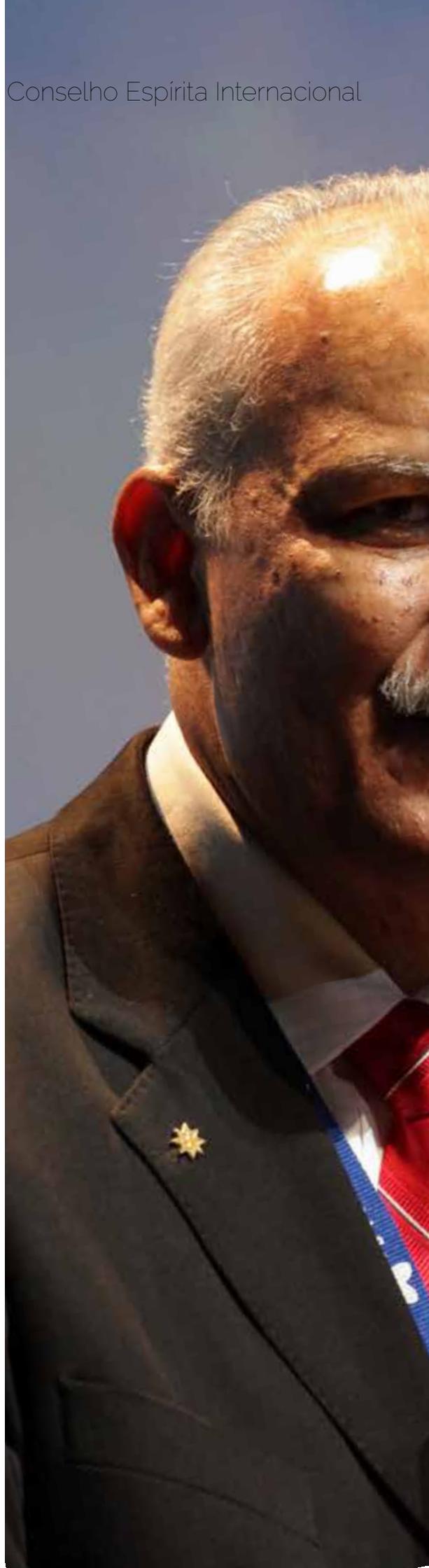
A reforma
íntima não
pode ser
sólida se não
for construída
sobre o
serviço aos
outros

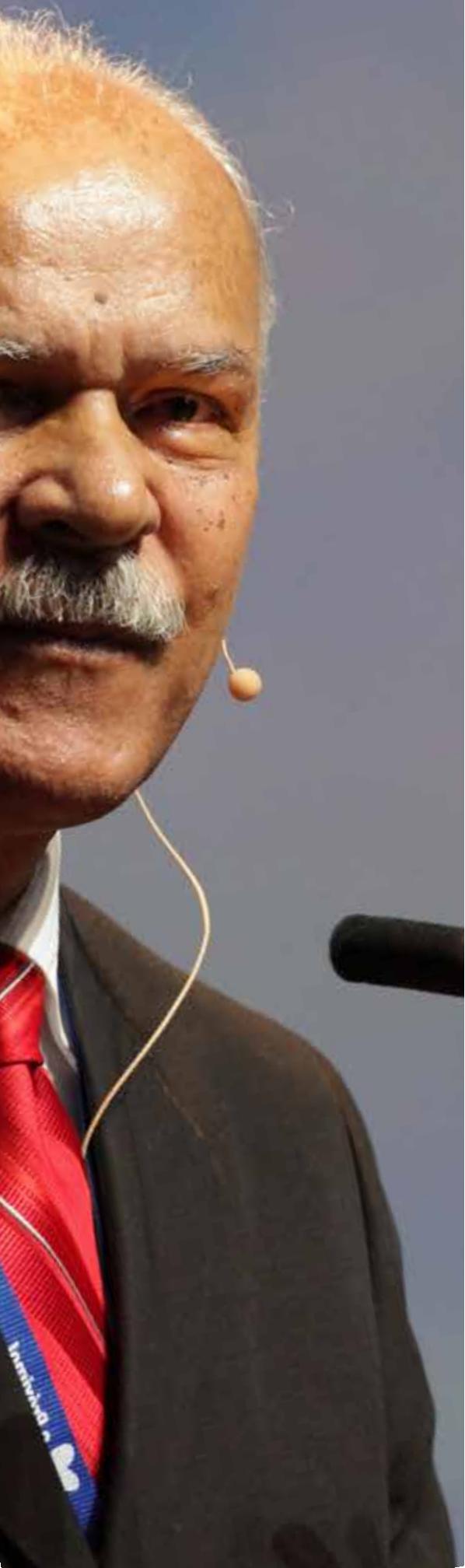


Entre vista

Jorge

Godinho





“

O Movimento Espírita é o resultado da sinergia que os espíritas imprimem no estudo, na divulgação e na vivência da Doutrina Espírita, sem olvidar, naturalmente, o testemunho que devem exemplificar dos postulados do Espiritismo, ou seja, é o que os espíritas realizam no estudo, na divulgação e na vivência das ideias espíritas, sem esquecer dos seus próprios testemunhos.

Entrevista

1 – Como foi o seu primeiro contacto com a Doutrina Espírita?

Nasci em lar espírita, portanto, desde criança tive contacto com a Doutrina, participando do Evangelho no lar e das atividades desenvolvidas nas Casas Espíritas que meus pais frequentavam.

2 – Poderia partilhar connosco um episódio que, ao longo destes anos de experiência no Movimento, o tenha marcado particularmente?

Quando regresssei da Europa, em 2014, após ter cumprido missão em Genebra, Suíça, na Representação do Brasil junto à Comissão de Desarmamento, os diretores da FEB convidaram-me para compor a diretoria na indicação que seria feita em março de 2015. Este fato marcou-me particularmente, porque nunca estive em minhas cogitações ser Presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB), mas, sim, dedicar-me com maior intensidade e disponibilidade às atividades desta Instituição, quando fosse para a reserva da Força Aérea, o que aconteceria ao regressar da missão no exterior.

3 - De que modo contribuiu o percurso de trabalho realizado na FEB para a assunção do cargo que atualmente desempenha?

Desde o ano de 1983, quando fui transferido para Brasília, por razões profissionais, frequento a FEB. Durante esse período, participei, como frequentador e facilitador, do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita; do Estudo e Prática da Mediunidade; do Estudo Aprofundado; bem como fui expositor em palestras públicas da instituição. Desde o primeiro instante, coloquei-me à disposição da FEB para realizar as tarefas que me eram cometidas, sem, no entanto, fazer parte da estrutura diretiva, ocupando qualquer cargo. Fui membro do Conselho Superior e colaborador como Assessor do então presidente, o querido amigo Nestor Masotti, que, em 2009, incumbiu-me de formar e coordenar o Grupo de Apoio e Assistência aos Povos da África, GRAAPA, com o objetivo de realizar irradiações pela paz e progresso social da Humanidade, em particular, pelo Continente Africano. Este grupo permanece ativo, na FEB, há onze anos.

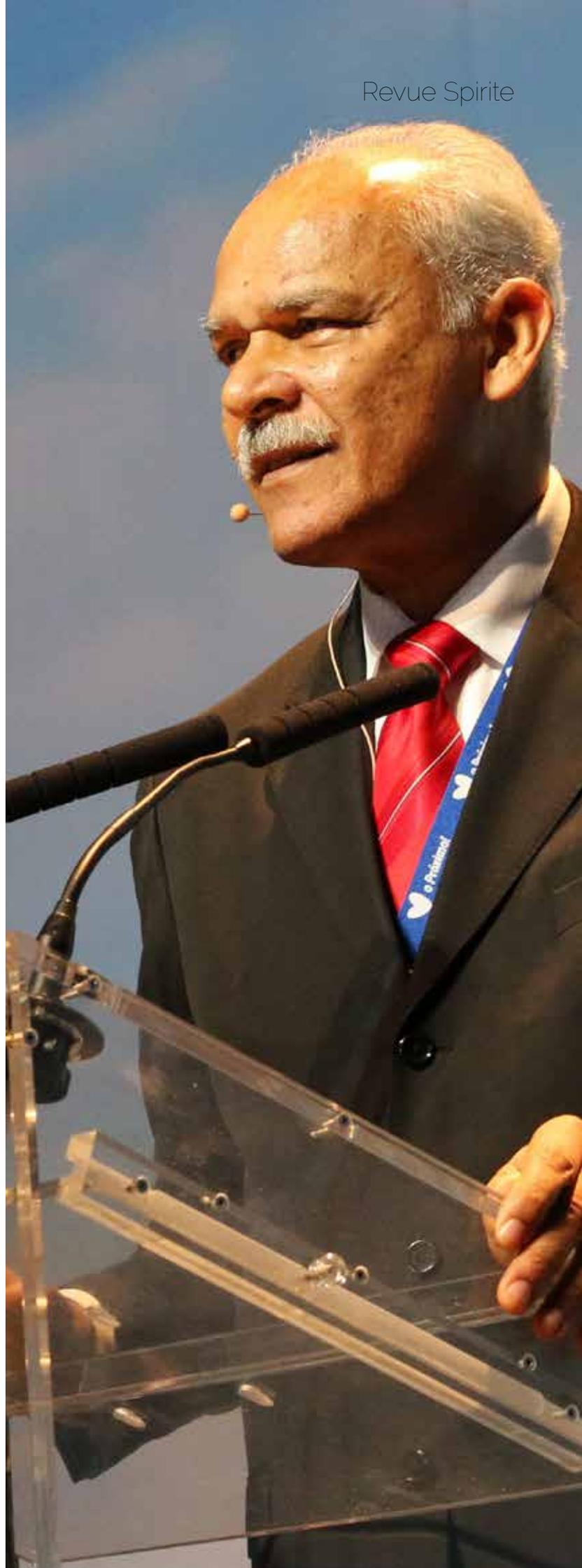
Periodicamente, precisei afastar-me de Brasília para atender às demandas profissionais, dentre as quais, exercer funções no exterior, mas estive sempre ligado à FEB por laços afetivos e

“

Compete, pois, aos dirigentes manter o jovem na Casa Espírita, oferecendo-lhe trabalho e valorizando suas competências, para que ele se sinta útil e responsável desde cedo

de compromissos espirituais.

No regresso da missão profissional que desempenhei em Genebra, em meados de 2014, retornei à FEB, desta feita, já na reserva da Força Aérea, com a intenção de continuar servindo à Casa, como sempre aconteceu. No entanto, desde então, com dedicação total de meu tempo. Jamais almejei qualquer cargo de direção na FEB. Sempre desejei dedicar o meu, tempo quando fosse para a reserva, às tarefas que a Casa achasse conveniente atribuir-me, foi assim que, em 2015, para minha surpresa, meu nome, como já anteriormente citado, foi aprovado para assumir a presidência.



4 - Ao longo do seu percurso, enquanto trabalhador espírita, quais as maiores dificuldades que tem sentido e como consegue encontrar bom ânimo para prosseguir?

As maiores dificuldades são as inerentes às minhas próprias imperfeições e nos esforços que tento empreender para sublimá-las. Graças aos seguintes pilares que tenho colocado como metas a serem atingidas, tenho encontrado o ânimo para prosseguir confiante:

- o Evangelho de Jesus como roteiro;
- a consciência tranquila como consolo;
- a ausência do mal como estratégia; e
- a prece como fortaleza.



5 - O que é para si liderança? E quais as características que um dirigente espírita deve ter para conseguir orientar e motivar uma equipa?

Sempre que duas ou mais pessoas se reúnem com um propósito, há uma oportunidade de exercer a liderança. Por isso, todo ser humano exerce o papel de líder, e os verdadeiros líderes têm a capacidade de construir relacionamentos saudáveis. Desta forma, a liderança é a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem com entusiasmo, visando atingir os objetivos comuns, identificados, no Espiritismo, com a prática do bem.

As características que um dirigente espírita deve ter para conseguir orientar e motivar uma equipe devem ser buscadas nos exemplos de Jesus, que é o nosso guia e modelo de liderança. Por isso, dificilmente encontraremos líderes espíritas que preencham todas elas, mas verificaremos, pelos seus testemunhos, aqueles que estão empreendendo esforços e vontade para conquistá-las, conforme enunciadas a seguir.

“ aceitar o
outro como
ele é,
e não como
desejamos
que ele
seja

O líder espírita:

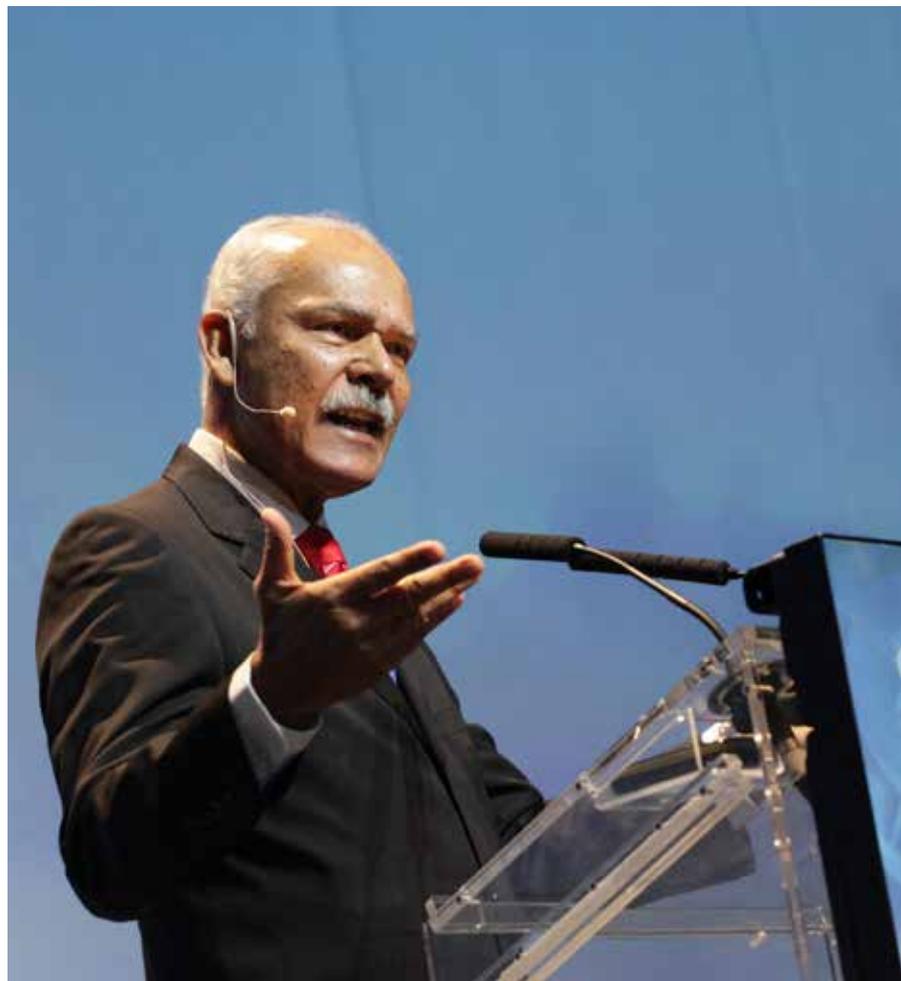
- nada impõe;
- não julga e não condena;
- não alardeia poderes;
- não faz autodefesa;
- não permite discussões estéreis;
- investe tempo para adquirir a confiança;
- repassa o conhecimento e tem a certeza de que sua equipe é capaz de fazer mais do que ele próprio;
- cria laços de amizade;
- delega tarefas;
- investe confiança, respeito, cuidado, gentileza no relacionamento com todos;
- auxilia os membros da sua equipe na busca de seus próprios caminhos para que alcancem a autonomia;
- envida esforços para praticar a lei de justiça, amor e caridade;
- reconhece os esforços dos seus colaboradores.

O líder espírita, enfim, deve agir de modo semelhante ao homem de bem e verdadeiro espírita, que é também verdadeiro cristão, como lemos em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, itens 3 e 4, que sintetizamos abaixo:

- Interroga a própria consciência sobre os atos que pratica, perguntando se não transgrediu a lei de amor, se não fez o mal, se fez todo bem que podia, se ninguém tem motivos para dele se queixar, enfim, se fez aos outros o que desejaria que lhe fizessem.
- Esforça-se para desenvolver o sentimento de caridade e de amor ao próximo.
- Busca fazer o bem pelo bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça.
- Esforça-se para ser bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças.
- Considera o poder e a riqueza como

um depósito que lhe cumpre usar para o bem, e dele não se envaidece, por saber que tudo o que Deus lhe deu, Ele também lhe pode retirar.

- Trata os semelhantes que a ordem social colocou sob a sua dependência com bondade e complacência, porque são seus iguais perante Deus.
- Usa da sua autoridade para levantar o moral da sua equipe e não para os esmagar com o seu orgulho.
- Esforça-se em ser indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que também precisa da indulgência dos outros, consoante estas palavras do Cristo: "Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado."
- Perdoa as ofensas, para só se lembrar dos benefícios, pois não ignora que, como houver perdoado, assim lhe será perdoado.





6 - Qual a melhor forma para lidar com as diversidades humanas dentro de um grupo?

A do respeito mútuo. Isto é, aceitar o outro como ele é, e não como desejamos que ele seja. Pois, no trabalho desenvolvido por um grupo espírita, deve prevalecer sempre a gentileza, a fraternidade, a solidariedade e, sobretudo, a tolerância entre seus membros. Assim recomendou Allan Kardec.

7 - Na qualidade de dirigente espírita, que recomendações daria a uma Casa Espírita no que toca à admissão de novos colaboradores?

Inicialmente, acolher os colaboradores com fraternidade, esclarecer suas dúvidas e encaminhá-los para as ativida-

des da Casa Espírita em que desejem colaborar. Depois disso, capacitá-los adequadamente para o desempenho das atividades a serem desempenhadas. É preciso lembrar que a admissão de novos colaboradores decorre não só de uma vontade expressa destes, mas, sobretudo, de uma relação de confiança conquistada e de uma consciência responsável perante os compromissos a serem assumidos.

8 - Num momento em que existe tanta oferta de ocupação e distrações, como manter os jovens ligados ao trabalho espírita?

Dando-lhes responsabilidades, após observar suas habilidades e, gradativamente, capacitá-los para o desempenho das atividades a que se afinem

na Casa Espírita. Devemos lembrar que, nestes momentos de transição, já está reencarnada a nova geração, conforme a Doutrina nos esclarece. Estes Espíritos demonstrarão uma maturidade espiritual desde tenra idade, daí a atenção devida para identificá-los e conceder-lhes oportunidades de atuação à medida que demonstrem suas habilidades e responsabilidades para desempenharem as atividades que a Casa oferece. Conheço muitos casos de jovens que procuraram ocupações e distrações fora da Casa espírita porque não lhes foram dadas oportunidades e nem reconheceram suas habilidades, as quais desejavam colocar à disposição da Casa. Não devemos olvidar que o jovem de hoje é o futuro adulto colaborador da Casa, quiçá, seu gestor. Compete, pois, aos dirigentes manter o jovem na Casa espírita, oferecendo-lhe trabalho e valorizando suas competências, para que ele se sinta útil e responsável desde cedo.

9 - Atendendo à diversidade que caracteriza as organizações humanas (incluindo as espíritas) e à necessidade de união recomendada pela Espiritualidade Superior, como congregar diversidade e união no seio do Movimento Espírita? E como superar antagonismos?

Não se faz união sem fraternidade e não se faz fraternidade sem gentileza. Já nos foi dito pelo Codificador Allan Kardec em mensagem póstuma no ano de 1889: "Da mesma forma que fora da caridade não há salvação. Fora da fraternidade não há união". Como a fraternidade é um sentimento, estamos sendo convidados a desenvolvê-lo.

A diversidade é uma bênção porque possibilita aprendizado mútuo. Como ninguém é completo em perfeição,

sempre aprendemos uns com os outros graças às diferenças, laboratório ideal para o desenvolvimento da solidariedade e da tolerância.

Os antagonismos são salutares quando se discutem ideias, as quais não são iguais, justamente porque cada criatura tem a sua zona de compreensão da realidade. Quando assim entendemos e colocamos as lições do Evangelho, este código de ética divino, de forma prática em nossas relações, verificamos que os antagonismos são superados pela vivência do amor e da caridade.

Faz-se oportuno lembrar o Espírito Bezerra de Menezes, em mensagem ao grupo Ismael, na FEB/RJ, no dia 5 de julho de 1939, quando ele afirma: "As divergências de ideias, em matéria de doutrina, não devem, não podem ser motivos de separação, nem de ressentimento".¹ (Souza 2013, 118)

10 - Quais são as principais apostas da FEB para a próxima década?

Manutenção da sua gestão com base no trabalho impessoal e coletivo, sob o pálio da bandeira de Ismael: Deus, Cristo e Caridade. Como membro do Conselho Espírita Internacional, cumprir as diretrizes emanadas desse Conselho para o seu aprimoramento e a divulgação da Doutrina Espírita internacionalmente. E, com relação ao Movimento Espírita Brasileiro, coordenar as suas atividades para o cumprimento das seguintes Diretrizes:

- difusão da Doutrina Espírita;
- preservação da unidade e da universalidade dos princípios da Doutrina Espírita;
- transversalidade da comunicação social espírita;
- adequação dos Centros Espíritas para o atendimento às suas finalidades;
- multiplicação dos Centros Espíritas;

1. Mensagem recebida em sessão do Grupo Ismael, a 5 de julho de 1939, publicada no *Reformador* de julho de 1939 e republicada em SOUZA, Juvanir B. de (Coord.). 2013. *Bezerra de Menezes: ontem e hoje*. Brasília: FEB.,

- união dos espíritas e unificação do Movimento Espírita;
- formação continuada do trabalhador e das lideranças espíritas;
- promoção do livro espírita como elemento essencial ao cumprimento da missão do Espiritismo;
- participação do espírita na sociedade.

11 – Que significado tem para si o Movimento Espírita e o que falta concretizar para que a Doutrina Espírita chegue a mais pessoas?

O Movimento Espírita é o resultado da sinergia que os espíritas imprimem no estudo, na divulgação e na vivência da Doutrina Espírita, sem olvidar, naturalmente, o testemunho que devem exemplificar dos postulados do Espiritismo, ou seja, é o que os espíritas realizam no estudo, na divulgação e na vivência das ideias espíritas, sem esquecer dos seus próprios testemunhos.

O que falta para o Espiritismo chegar a mais pessoas é o desejo das próprias pessoas em buscarem respostas aos questionamentos milenares: Quem somos? De onde viemos? O que estamos fazendo aqui? Para onde vamos?, ou seja, buscarem a compreensão de suas naturezas, das finalidades de suas existências, de onde vêm, para onde vão. Tais questionamentos, encontram respostas claras e seguras na Doutrina Espírita, que esclarece, consola e conduz a uma fé raciocinada com base nas palavras de vida eterna exaradas nas lições luminíferas do Evangelho de Jesus. Por isso, enquanto as mentes e os corações não despertam para essa realidade, o estudo, a divulgação e, sobretudo, a vivência dos postulados espíritas pelos espíritas são instrumentos e maneiras que o Movimento Espírita vem oferecendo

para que se encontre Jesus, não mais crucificado, mas como guia e modelo do amor a ser seguido inexoravelmente pela Humanidade. Por isso, Jesus e Kardec, ajudarão sempre as pessoas a compreenderem melhor o propósito existencial, a esclarecerem os questionamentos e a compreenderem as verdades testemunhadas por Jesus, escritas nas consciências, e esclarecidas, atualmente, pela Doutrina Espírita.



“ Não se faz união sem fraternidade e não se faz fraternidade sem gentileza

12 - Qual a sua visão do papel espiritual do Brasil no mundo, no que respeita à Doutrina Espírita?

A resposta a esta pergunta está totalmente atendida na obra: *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, psicografada pelas mãos abençoadas do querido e saudoso Chico Xavier que, como medianeiro, trouxe a lume os dados colhidos nas tradições do mundo espiritual, conforme esclarece o Espírito Emmanuel, no prefácio da obra, e o Espírito Humberto de Campos, autor espiritual que, no capítulo intitulado “Esclarecendo”, informa que o livro tem como objetivo provar a excelência da missão evangélica do Brasil no concerto dos povos. Assim, convido os leitores que ainda não conhecem ou não leram a obra que o façam, pois, teremos a resposta mais adequada e completa ao questionamento, porque nos insere no contexto, desde o último quartel do século XIV, quando Jesus designou o nascimento do Espírito encarregado dos problemas sociológicos da Terra, Helil, para reencarnar no seio do povo mais pobre e mais trabalhador do Ocidente, à época, para instituir um roteiro de coragem para transpor as imensidades dos oceanos bravios e solitários que separam o Velho do Novo Mundo. Daí a alguns anos nascia, em 1394, em terras portuguesas o Infante D. Henrique de Sagres que iniciou uma nova era com as navegações pelos mares desconhecidos, num descortinar de um Novo Mundo a ser conhecido pela Humanidade. Assim, fica o convite à leitu-

ra da obra: *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, a fim de termos uma resposta clara e segura ao questionamento.

13 - Se pudesse evocar uma personalidade, como se fazia no tempo de Kardec, quem evocaria e porquê?

Desde o conhecimento de que, quando duas ou mais pessoas se reúnem em nome de Jesus, a sua presença se faz, estamos sempre evocando a presença de Jesus entre nós, que se faz pelos mensageiros que trabalham em sua falange e atendem as nossas evocações em seu nome. Desse modo, a personalidade que evoco sempre é a de Jesus por ser o guia e o modelo a ser seguido pela Humanidade, o tipo mais perfeito que Deus colocou entre nós para exemplificar a Lei de amor como jamais alguém fez, a fim de que nunca esqueçamos o caminho a ser seguido.

14 - Se tivesse que se definir numa única frase, que frase seria?

Um Espírito imperfeito que está enviando esforços e vontade para cumprir com os deveres e compromissos a que se propôs antes do nascimento.

15 - Como gostaria que fosse recordado no futuro o seu desempenho na presidência da FEB?

Como um trabalhador sincero que se colocou sempre à disposição para aprender, ajudar e servir.

CEI

Conselho Espírita Internacional

Comunicação Social Espírita

ANDRÉ HENRIQUE DE SIQUEIRA* & ISMAEL MOURA COSTA**



A natureza da **mensagem** sob a ótica **Espírita**



***André Henrique de Siqueira**
Diretor de Comunicação na Federação Espírita Brasileira. Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília.



****Ismael de Moura Costa** Mestre em Ciência da Informação e bacharel em Sistemas de Informação. Atua na Federação Espírita Brasileira como colaborador voluntário no ESDE, encontros da AFAM e como Coordenador Nacional Adjunto da ACSE do CFN.

Resumo

Entre o épico de Gilgamesh¹ e a mitologia contemporânea dos super-heróis, podemos apreciar mais de 4800 anos de narrativas literárias complexas, onde a realidade e a ficção expressam a natureza humana em múltiplos matizes estéticos.

As narrativas literárias em poesia e prosa têm encantado a imaginação. Registrados numa infinidade de documentos, que sedimentam a história, as evidências das mensagens constroem variados aspectos da percepção humana, de sua elaboração linguística ou do desenvolvimento cultural; todos contribuindo para o progresso do patrimônio espiritual da humanidade, desde os aspectos mais corriqueiros do cotidiano até os eventos que marcaram eras.

Entre o fato e a ficção, entre a simplicidade crua das pinturas rupestres até os complexos labirintos das reflexões filosóficas, científicas e religiosas, há uma essência que origina, permeia e dá finalidade a todo o fenômeno da comunicação: **a mensagem**.

No presente artigo, vamos explorar a natureza da mensagem como elemento da comunicação. Importa compreender seus fundamentos, formas de manifestação e as contribuições do pensamento espírita para o entendimento do tema.

Palavras-chave Comunicação, Mensagem, Linguagem, Mediunidade, Tiptologia, Leis Morais

1. Personagem principal do mais antigo poema épico que se tem notícia. https://en.wikipedia.org/wiki/Epic_of_Gilgamesh



A natureza da mensagem se desdobra em todos os campos da expressão humana. Desde as mais simples emanções de sentimento até os complexos raciocínios epistêmicos. Os fundamentos da comunicação e, conseqüentemente, os elementos da mensagem podem ser objeto de todas as disciplinas científicas, mas destacam-se com foco no objetivo para a psicologia, a antropologia, a filosofia da linguagem e a semiótica. E precisamos pensar sobre a perspectiva do Espiritismo.

É importante destacar que o tema mensagem envolve dois domínios:

O domínio linguístico - que aborda os aspectos sintático, semântico e pragmático.

O domínio existencial - que considera a mensagem elemento inerente à existência humana.

Essas duas abordagens, linguística e existencial, podem ser mais ou menos integradas, de acordo com a forma que a "mensagem" se apresente à observação. Para linguistas, a mensagem está mais afeta ao processo de transmissão da informação, aproximando-se do domínio completo da definição de comunicação, onde a transferência de símbolos, códigos e a recuperação de signos² descreveria o

2. Em Semiótica, signo designa tudo que comunique o significado de um objeto a um sujeito. [https://en.wikipedia.org/wiki/Sign_\(semiotics\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Sign_(semiotics))

3. Jaspers, "Philosophie", Livro II, Cap. III.

princípio da mensagem. Na abordagem existencialista, compreende-se a mensagem como transcendente ao processo comunicativo e inerente à dimensão do próprio ser. Nessa última perspectiva, a mensagem é uma atitude, um estado do sujeito, representa sua história e é também seu modo e horizonte de expressão³.

Na comunidade científica contemporânea, esses dois campos de estudo são contrapostos, sendo desafiadora qualquer tentativa de intersecção temática. Para superar tais dificuldades, seria possível subir o nível de abstração, conduzindo o debate para o ramo da filosofia da ciência e, pelo ponto de vista filosófico, o campo da ontologia oferece estruturas lógicas que podem unificar essas duas abordagens sem descaracterizá-las.

É importante notar que o pensamento filosófico espírita acomoda harmoniosamente as expressões de entendimento sobre a mensagem e ainda alarga o tema, ao apresentar o domínio mediúnico da mensagem. A perspectiva existencial possui uma importante e notória relação com a Doutrina Espírita. Neste artigo, vamos ampliar a lente de observação da ótica existencial para a ótica espírita.

Assim, do ponto de vista da Filosofia Espírita, a mensagem pode ser compreendida sob outras duas dimensões:

A dimensão linguística - na forma como tratado pela disciplina de comunicação.

A dimensão espiritual - compondo-se dos domínios existencial e mediúnico.



As narrativas literárias (...) sedimentam a história, as evidências das mensagens constroem variados aspectos da percepção humana, de sua elaboração linguística ou do desenvolvimento cultural

Dimensão Linguística

Do ponto de vista semiótico, a mensagem representa a transmissão de informação. Ela pode ser observada nos seus três principais níveis de abstração: sintático, semântico e pragmático, aperfeiçoados pela semiótica de Charles Sanders (Peirce 2005, 149). Em seu âmbito matemático, a mensagem representa um arranjo entre aleatoriedade probabilística e análises estatísticas. Uma mensagem é, do ponto de vista matemático, sequências de arranjos sintáticos específicos que são reconhecidos como significantes para um destinatário (Shannon, 385).

Passeando por variadas linhas de pensamento, observa-se o fechar de um ciclo, partindo do sentido simbólico e voltando a ele. Usando o jargão semiótico temos o "signo", e uma mensagem, que terá um grau de "significância" para um "intérprete". A natureza da interpretação será mais ou menos relevante dependendo do sujeito que a recebe. Daí a mensagem, independente do seu teor ou da clareza da informação contida, poder ser mais ou menos compreendida pelo sujeito que a interpreta.

Imaginemos como deve ter sido difícil para os Espíritos Superiores escolherem signos adequados para expressar os complexos conceitos da mensagem espírita. Além disso, era necessário um esforço adicional para extrair dos elementos linguísticos a mensagem veiculada. Foi sobre esse problema que Allan Kardec se debruçou ao codificar com maestria a mensagem Espírita, dando destaque ao tema da linguagem dos Espíritos⁴.

Vejamos o exemplo da **tiptologia**, modelo de comunicação utilizado no início das comunicações mediúnicas, onde cada letra era expressa por uma batida de mesa, ou ruído produzido por efeitos físicos⁵.

Uma frase como "*Sou fulano*", seria expressa por uma série de signos:

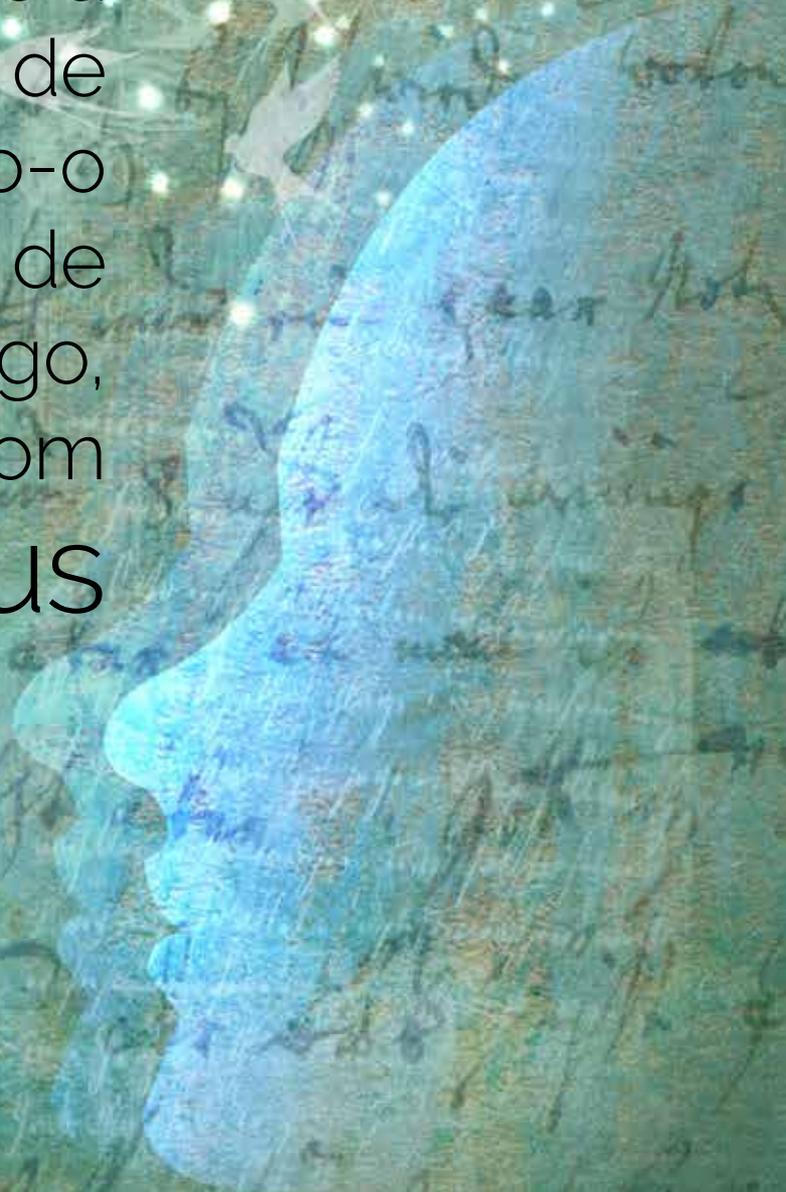
S (19 batidas) + pausa + O (15 batidas) + pausa + U (21 batidas) + pausa longa + F (6 batidas) + pausa + U (21 batidas) + pausa + L (12 batidas) + pausa + A (1 batida) + pausa + N (14 batidas) + pausa + O (15 batidas).

Ao converter as batidas em letras verificou-se a manifestação de uma inteligência, não obra do acaso. A correlação

4. Vide Kardec, "O Livro dos Médiuns", Cap XIV.

5. Doyle, "A história do espiritualismo".

“ ” tradução de
um padrão de
comportamento que
possibilita ao Espírito a
plena realização de
si mesmo, levando-o
à ótima expressão de
suas relações consigo,
com o próximo e com
Deus



“deve ter sido
difícil para os
Espíritos Superiores
escolherem signos
adequados para
expressar os
complexos
conceitos da
mensagem
espírita

entre números e letras caracterizou uma mensagem intencional, inteligente.

De um ponto de vista mais técnico, vamos imaginar que exista uma linguagem, para nós desconhecida, que emprega apenas duas letras "A" e "K". Se observarmos uma frase, por exemplo:

"AKKAAKK AKKAAAK AKKKAACA AKKAKAAK
AKKAAKAA AKKAAAK AKKAAKAA AKKAAKAK"

Veremos que se trata de um arranjo de símbolos dos quais não conseguimos extrair sentido algum, pois na nossa cultura não existem expressões similares. Mas podemos reconhecer padrões dessa estranha frase e tentar associá-los aos padrões que reconhecemos em nossa linguagem. Talvez com alguma sorte poderemos descobrir algum significado comum. Observaremos que a segunda palavra da frase é igual à sexta palavra e que a quinta palavra é igual à sétima.

Segundo Shannon, em sua teoria matemática da comunicação, poderemos empregar probabilidade e estatística para comparar arranjos de símbolos e assim reconhecer padrões significativos. No seu estudo, Shannon emprega três versões de modelos matemáticos para reconhecer padrões.

No primeiro modelo ele associa as letras "A" e "K" em sorteios simples. O resultado foi bem baixo, ou seja, a probabilidade da equação reproduzir o mesmo arranjo da frase é quase nula.

Já na segunda versão, a equação é composta por termos agrupados dois a dois. Em nossa estranha frase, teríamos os seguintes termos básicos "AA", "AK", "KA" e "KK". O resultado é significativo, pois temos um índice de acerto em torno de 60% apenas com a mudança de abordagem.

Muito bem, para encurtarmos a narrativa, com arranjos de quatro letras e suas respectivas incidências, poderemos gerar uma terceira versão do modelo. Seguindo os passos do mestre Shannon, faremos sorteios em quatro grupos, sendo o primeiro com os arranjos mais comuns e o quarto com os arranjos mais raros. O resultado é meio mágico, pois escapa ao nosso senso comum alcançarmos níveis de acerto superiores a 98%. Com esse modelo, poderíamos associar a expressão, inicialmente desconhecida, aos padrões dos símbolos de nossas linguagens conhecidas, e descobriremos, sem alarde, que estamos diante de uma frase binária, com termos agrupados em arranjos de oito símbolos, onde cada símbolo corresponde a um outro símbolo de um idioma, nesse caso, o Português. Bem, computadores

sabem ler em binário, bastando apenas interpretar o "A" como sendo "0" e o "K" como sendo equivalente ao "1" binário. Por fim, traduziremos esse estranho arranjo de letras, em bom Português contemporâneo, como sendo a palavra "**caridade**".

Dois pontos se destacam nesse momento. Primeiro, observamos que nossa explicação de uma parte elementar da teoria de Shannon é bastante pretensiosa. Deliberadamente, escondemos um termo conhecido em símbolos não triviais. A estratégia aqui se justifica na intenção didática de expor a complexidade das nuances linguísticas da mensagem, e no rigor necessário para lidar com esse tipo de essência. Embora Kardec não tenha empregado as estratégias de Shannon, visto a antecedência da Codificação Espírita em relação à Teoria Matemática da Comunicação, é impressionante apreciar em toda a obra kardequiana a preocupação e o rigor em níveis extremados com o tratamento linguístico empregado na Codificação. O primor das construções semânticas de Kardec alcançam expressões notáveis. Imaginemos o quão complexo deve ter sido encontrar termos correlatos em nosso discurso da época com ideias que eram apresentadas sem nenhuma correspondência semântica. É importante observar que o problema que Kardec enfrentava era demasiado obscuro, visto que não se tratava de elaborações sintáticas para semânticas conhecidas, conforme exposto no exemplo mais acima. O problema linguístico enfrentado por Kardec, de fato, residia na necessidade de conhecer conceitos novos, relacionados a termos antigos, ora obscurecidos por interpretações desvirtuadas ao longo de séculos. E em outras frentes de estudo semântico, de forma ainda mais desafiadora, propor neologismos para acomodar tais novas ideias oriundas das instruções dos Espíritos.

O segundo ponto é o reconhecimento de como as estratégias contemporâneas de tratamento linguístico mergulham ainda mais fundo no lago dos vários aspectos da mensagem. Matemáticos, Engenheiros e Cientistas da Informação estão atuando fortemente em frentes de pesquisa que vão muito além dos problemas de canal, interferência e ruído no processo da transmissão da mensagem. Estamos investigando a natureza da inteligência, linguagens mentais, linguagens genéticas. Já convivemos com as chamadas "inteligências artificiais" e interagimos com elas como se fossem seres cognoscentes.

Percebemos aqui a necessidade de explorar um pouco a noção de mensagem em seu sentido espiritual.

“

Temos o nível
mais fundamental
de consciência no
senso de si mesmo
paradoxalmente
desenvolvido nas
profundezas do
instinto

Dimensão Espiritual

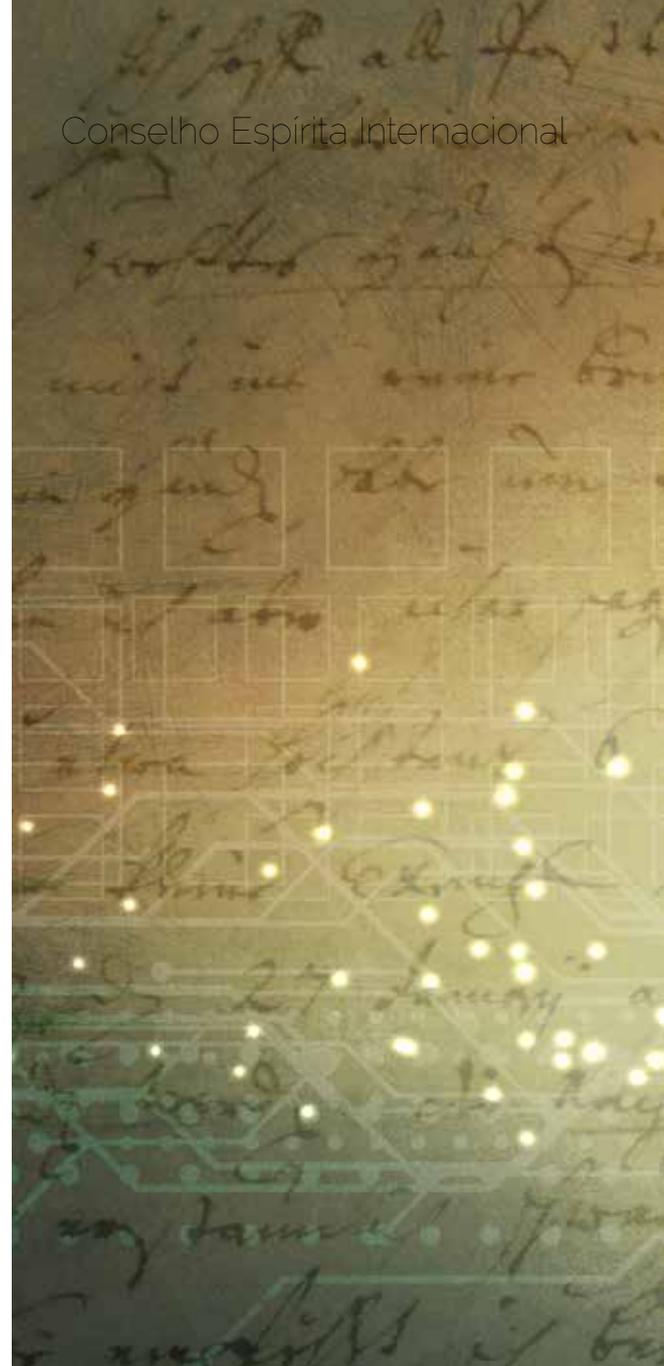
Se nos pareceu complexo observar alguns elementos da dimensão linguística da mensagem, mais ainda se dá com o enfoque espiritual que se apresenta aqui, pois a ele transcendem as noções filosóficas e científicas. A dimensão espiritual da mensagem representa o olhar sobre perspectivas elementares do próprio Ser. Essa dimensão é abordada e refletida há muito tempo. Não é à toa que Paulo emprega a alegoria das cartas vivas do Evangelho em sua segunda epístola aos Coríntios (II CO, 3:2), indicando que seguimos no mundo carregando a mensagem cristã escrita em nós mesmos, a ser conhecida e lida por todos os homens, produzida, adaptada e reproduzida por nossas atitudes, "escrita não com tinta", mas no sopro Divino que habita em nossos corações.

A dimensão espiritual na análise do conceito de mensagem envolve dois aspectos:

o domínio existencial - no qual a natureza da existência do Ser expressa a mensagem da qual ele se faz portador, para o Universo;

o domínio mediúnico - no qual a expressão interexistencial possibilita o compartilhamento de conteúdos com base nos fenômenos da sintonia e da afinidade entre as consciências, possibilitando a comunicabilidade dos Espíritos.

Podemos classificar a mensagem espiritual relacionada aos domínios da consciência. Temos o nível mais fundamental de consciência no senso de si mesmo paradoxalmente desenvolvido nas profundezas do instinto. Esta-



mos diante da mensagem existencial construída ao longo de eras no cuidadoso processo de evolução espiritual. A mensagem que emana de nosso modo de ser - nossa forma de pensar, sentir e agir - distingue quem somos e afirma nossa identidade perante o Universo. **Ser é constituir-se em uma mensagem para o Universo.** Essa é a natureza do domínio existencial da mensagem e que foi sintetizada por Jesus em uma expressão poética: "a boca fala o de que está cheio o coração" (Mateus 12:34).

“**seguimos no mundo carregando a mensagem cristã escrita em nós mesmos, a ser conhecida e lida por todos os homens, produzida, adaptada e reproduzida por nossas atitudes, "escrita não com tinta", mas no sopro Divino que habita em nossos corações**

Imagem Sara Barros 'Natureza das Mensagens Espíritas', 2021, Digital-Media

Quando empreendemos esforços em nosso aprimoramento em qualquer linha de nossa atuação no mundo, seja por egoísmo ou por amor, estamos conscientemente despertando e desenvolvendo mensagens em nosso modo de pensar, de sentir e de agir - em nosso modo de ser! Se a intenção é superficial, então desenvolvemos mensagens com pouca aderência com a realidade - são apenas ilusões ou simulacros e não se incorporam em nosso modo de ser. Engana-se quem pretende mimetizar comportamentos (ou

mensagens) sem fundamentos em sua própria essência. E o primeiro enganado é o enganador, que se distancia da realidade, insistindo em argumentos falaciosos ou atitudes dissimuladas que terminam por deturpar o próprio processo da comunicação.

Por outro lado, quando a intenção da mensagem nasce de sentimentos derivados do amor, em seu ângulo mais abrangente, temos como resultado mensagens de acolhimento, de carinho, de fraternidade, em última instância, lemos belas mensagens de união.

Quantas cartas de amor temos à nossa disposição? Quais mensagens cristãs estão nos rodeando nesse momento, em gestos singelos, testemunhos de elevada expressão, vibrações silenciosas do mais alto teor moral? Sempre voltamos à expressão mais fundamental da comunicação que torna comum tudo que nos congrega em comunidade. Assim, a mensagem, em sua dimensão espiritual, é a consciência de si mesmo e também a consciência de ser do outro, a consciência da realidade e a consciência em Deus. Para que a mensagem seja, deve-se partir do princípio que se tem consciência do outro, pois mensagem só existe com conexão estabelecida. Conexão de consciências. Conexão de códigos, de linguagens, de existências. A dimensão espiritual da mensagem pode alcançar níveis de consciência individual e coletiva tão profundos que nem sequer cogitamos.

A dimensão mediúnica da mensagem é decorrente da dimensão existencial, só que em nível de compartilhamento. A mediunidade é a faculdade de mediar, o ato de servir de intermediário em um processo de comunicação. No sentido estrito empregado pelo Espiritismo, "médium é todo aquele que sente num grau qualquer a influência dos Espíritos" (Kardec 2013, 159). Contudo, o ato mediúnico é o encontro de duas existências durante um processo comunicativo. Duas consciências compartilham aspectos de suas experiências por meio de um vínculo de sintonia que repercute conteúdos com os quais possuem afinidade (compreender a natureza de tais conteúdos). Quanto maior a sintonia, mais forte é o fenômeno comunicacional. Quanto maior a afinidade, melhor a qualidade da mensagem. Não raro a presença da entidade comunicante e suas expressões de pensamento e de sentimento são percebidas por outros intérpretes que não o próprio médium em função do complexo mecanismo de veiculação da mensagem pela sintonia e afinidade dos participantes. E uma análise mais detida no tema permitiria perceber que a sua existência é a sua própria mensagem. Em seu Ser estão codificados as experiências, os sentimentos, os pensamentos e as ações que o tornam o que ele é e que permitem aos intermediários, pelas suas próprias naturezas, estabelecerem sintonia com os comunicantes espirituais e os expressarem, traduzindo-os para nossa realidade material.

Mapeamos aspetos profundos da mensagem, mas certamente não podemos esgotar o assunto nestes poucos parágrafos, exigindo muitos outros estudos e interpretações para adentrarmos, com mais segurança, no curioso mundo da mensagem. Contudo, ainda falta um aspecto relevante que, de certa forma, sintetiza e harmoniza to-

“O ato mediúnico

é o encontro de duas existências durante um processo comunicativo. Duas consciências compartilham aspectos de suas experiências por meio de um vínculo de sintonia que repercute conteúdos com os quais possuem afinidade



das as dimensões da ideia de mensagem em sua apreciação à luz do Espiritismo: **a natureza da mensagem de Jesus.**

O Espiritismo destaca que a moral evangélica não é uma mensagem de acordo cultural. Trata-se da tradução de um padrão de comportamento que possibilita ao Espírito a plena realização de si mesmo, levando-o à ótima expressão de suas relações consigo, com o próximo e com Deus. Essa é a parte essencial e definitiva encapsulada na mensagem espírita. A mensagem da vida Dele, dos caminhos que Ele percorreu, das escolhas que fez, nos contextos que Lhe foram apresentados: a mensagem da verdade contida no Universo.

A vida de Jesus, Seus atos e ensinamentos - conforme apresentados à luz das mensagens dos Espíritos, representam o espírito da verdade expresso nos gestos mais singelos.

A mensagem de Jesus é capaz de nos reunir no tempo e no espaço de forma que compartilhamos com os contemporâneos Dele, durante sua passagem na Terra, as mesmas alegrias e talvez algumas de suas tristezas, como se eles estivessem presentes em nosso tempo. A mensagem de Jesus torna o sublime amor Divino em presença comum a todos nós. Reconhecemos suas frases benditas nos abraços fraternos, nos cuidados de mães e pais, nos momentos em que a paz é alegre ou quando ela é exigência para nos mantermos no rumo certo. É uma carta escrita fora dos papiros e livros. É uma representação de consciência, inteligência e sentimento que estamos há mais de dois mil anos relendo para compreender as nuances mais sutis e profundas.

Entre a nossa era e a época do conto de Gilgamesh, milhões de milhões de mensagens foram transmitidas, amalgamando nossas consciências em uma comunidade que enfrenta os desafios derradeiros da unificação; inúmeros heróis, cada um no seu contexto, buscando o caminho mais adequado às suas necessidades evolutivas; exemplos incalculáveis de vidas desperdiçadas ou aproveitadas ao máximo, resultados das escolhas insensatas ou exitosas que fazemos; e incontáveis caminhos que convergem para a mais pura mensagem de todas. Entre o nosso tempo e o tempo dos primeiros rascunhos, temos em Jesus a carta de amor mais sublime jamais escrita, a verdade mais pura, o veículo mais perfeito da mensagem Divina que habita em nós, aguardando pacientemente a nossa leitura.



Imagem: Sara Barros 'Gilgamesh e a mitologia contemporânea', 2021. Digital-Media

Bibliografia

DOYLE, Artur C. 2013. *A História do Espiritualismo*. Brasília: FEB.

JASPERS, Karl. (1932/1969–1971). *Philosophie*. Berlin: Springer. Translated as *Philosophy* (E. B. Ashton, Trans.). Chicago: Chicago University Press. Disponível em: <<https://www.springer.com/kr/book/9783642496882>> Acesso em: 24 abr. 2021.

KARDEC, Allan. 2013. *O Livro dos Médiuns ou guia dos médiuns e evocadores*. Brasília: FEB.

PEIRCE, Charles Sanders. 2005. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.

SHANNON, Claude E. 1948. *A Mathematical Theory of Communication*. Disponível em: <https://pure.mpg.de/rest/items/item_2383162_7/component/file_2456978/content>. Acesso em: 24 abr. 2021.

01 ● **Lives quinzenais 160 anos de *O Livro dos Médiuns* ou *Guia dos Médiuns e dos Evocadores***

O Livro dos Médiuns é a segunda obra da Codificação Espírita e foi publicado por Allan Kardec, em 15 de janeiro de 1861, em Paris. Contém os ensinamentos dos Espíritos sobre a teoria de todos os géneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo.

O CEI promove esta comemoração, de âmbito mundial, através de várias iniciativas de divulgação, nomeadamente a realização de *Lives* quinzenais, com a participação dos países que compõem este organismo internacional. [Veja aqui o Mapa das Lives](#)

02 ● **Evento 160º aniversário de *O Livro dos Médiuns***

Nos dias 27 e 28 de março, o Conselho Espírita Internacional promoveu um evento muito especial, no âmbito da comemoração do 160º aniversário de *O Livro dos Médiuns*. [Veja aqui o Mapa do Evento](#)

03 ● **Assembleia Geral do CEI | Abril 2021**

Realizou-se, no dia 4 de abril de 2021, por videoconferência, a Assembleia Geral do CEI – Conselho Espírita Internacional.

Contou com a presença online da atual Comissão Executiva e com 21 países-membro dos 22 afiliados, num total de 30 pessoas.

Nesta reunião foram apresentadas as várias ações desenvolvidas pela Comissão Executiva 2019-2022.

04 ● Sementes do Futuro Formação

A Área de Infância, Juventude e Família do Conselho Espírita Internacional está a realizar um conjunto de *Lives* do projeto "Sementes do Futuro – Formação Contínua de Evangelizadores/Educadores Espíritas". Este conjunto de ações visa ampliar a difusão da mensagem sobre a importância da ação evangelizadora/educadora espírita com crianças, jovens e famílias para a transformação planetária. Este projecto está a ser realizado em três idiomas: PORTUGUÊS, ESPANHOL e INGLÊS. Disponível em: [Instagram](#) | [Facebook](#)



04

05 ● Subscrição Boletim CEI

Para subscrever gratuitamente o nosso Boletim/Newsletter e a *Revue Spirite*, basta aceder ao [link](#) e preencher o formulário.

06 ● Suely Caldas Schubert

O Conselho Espírita Internacional junta-se, espiritualmente, em vibrações de carinho e solidariedade, a todos os corações em prece pela querida Suely Caldas Schubert, servidora incansável, que nos deixou para se juntar à legião de Espíritos amorosos que brilham, no Espaço, amparando a Humanidade. Obrigado, querida Suely, que Jesus ilumine os seus caminhos e que os benfeitores amigos a recebam em alegria, envolvida em vibrações de gratidão e reconforto!



05



06

07 ● Spartak Severin

Desencarnou Spartak Severin, do Grupo Espírita de Minsk, na Bielorrússia. Um dedicado trabalhador na tradução para russo de materiais diversos, como filmes, vídeos, palestras, a *Revue Spirite*, as obras da Codificação e obras ditadas por Espíritos como Emmanuel e André Luiz.

Foi participante ativo nas reuniões do Conselho Espírita Internacional até 2016. [\(fonte FEB\)](#)

CEI

COMISSÃO EXECUTIVA DO CEI
TRIÊNIO DE 2019 - 2022

Conselho Espírita Internacional

Eduardo dos Santos
Área Administração
da Casa Espírita
Uruguai



Manuel de la Cruz
2ª Tesouraria
Cuba



Hélio Blume
1ª Tesouraria
Brasil



Vítor Mora Féria
2º Secretário
Portugal



Fátima Guimarães
Área Estudo e Prática
da Mediunidade
Brasil



Jussara Korngold
Secretária - Geral do CEI
Estados Unidos da América



Manuel Sonyer
1º Secretário
Espanha



Silvana Elia
Área Infância
Juventude e Família
Suíça



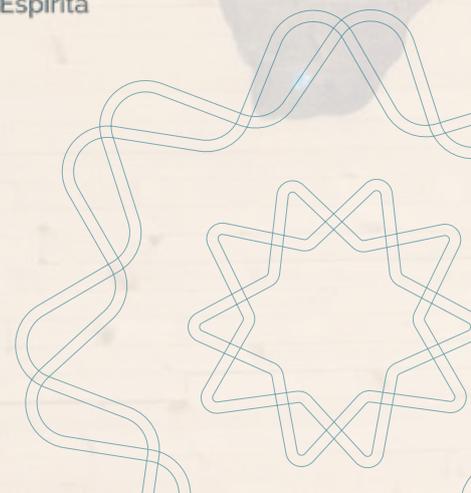
Richard Buono
Área Atendimento
Espiritual
França



Marcial Barros
Área de Comunicação
Social Espírita
Portugal



Walter Velásquez
Área Assistência e
Promoção Social Espírita
El Salvador





Social Media

[Facebook](#)

[Instagram](#)

[Youtube](#)

Online

<https://cei-spiritistcouncil.com>

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

